

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ARTHUR SOUZA SANTOS

**O SABER FAZER E A MEMÓRIA CONSTRUTIVA
SERGIPANA:**

A Vernacularidade em Lagarto e Itabaiana

LARANJEIRAS
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ARTHUR SOUZA SANTOS

O SABER FAZER E A MEMÓRIA CONSTRUTIVA SERGIPANA:

A Vernacularidade em Lagarto e Itabaiana

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de
graduação em Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Doutor Éder Donizeti da Silva

LARANJEIRAS

2020

ARTHUR SOUZA SANTOS

O SABER FAZER E A MEMÓRIA CONSTRUTIVA SERGIPANA:

A Vernacularidade em Lagarto e Itabaiana

Trabalho de Conclusão de Curso II, apresentado à seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Éder Donizeti da Silva
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Pedro Murilo Gonçalves Freitas
Universidade Federal de Sergipe

Msc. Samira Fagundes de Souza
Arquiteta e Urbanista

Msc. Tamyres Fontenele De Freitas Oliveira
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LARANJEIRAS

2020

Aos meus pais, Vovó Raimunda (in
memorian) e a Karol

AGRADECIMENTOS

Gostaria de fazer um agradecimento especial para todas as pessoas que foram extremamente solícitas em minha busca pelo conhecimento, agradecer a todas as pessoas que abriram suas portas para mim e com todo carinho compartilharam comigo suas memórias. Obrigado Dona Teresinha e dona Risodalva por terem sido minhas guias na Pindoba – Lagarto; agradeço também a Dona Sônia e seu esposo; à filha de Dona Luzinete na Madanela; à Dona Claudivânia, Dona Francisca e Seu Barata, no Crioulo, pela confiança e pela conversa agradável cheia de descobertas; à Janiela e sua mãe por toda a paciência na hora do almoço. Obrigado também a todas as pessoas da Ribeira, em Itabaiana, que foram extremamente prestativas, agradáveis e amigáveis todas as vezes que lá cheguei; um agradecimento especial a Seu Manoel, que além da conversa agradável, ainda me deu cana de açúcar para levar pra casa e lugar para voltar sempre. À todas as pessoas que me disseram que eu poderia encontrar uma casa de taipa mais a frente, meu muito obrigado.

Agradeço também aos meus pais, Jinalva e Rubens, por todas as batalhas lutadas (nem todas vencidas), por nunca desistirem dos nossos sonhos e sempre batalharam para alcançar todos eles e por nunca me deixar desistir de nenhum dos meus, obrigado pela confiança durante esses cinco anos e por todo o incentivo sempre dado. Eu tenho o maior orgulho que um filho pode ter dos pais quando eu penso em vocês dois, que sempre foram e sempre vão ser minha inspiração de vida. Eu sei que serei um vencedor, porque sou um lutador como vocês sempre me ensinaram a ser. Obrigado mãe, por sempre ter tido uma palavra de apoio quando no desespero eu te procurei; obrigado por compartilhar comigo todo seu amor através não só das palavras, mas pela criação. Obrigado pai, por sempre compartilhar seu amor pela construção comigo; por sempre me levar pra obras e me mostrar que é dali que todos os sonhos começam. Obrigado por me mostrarem que coisas e momentos simples, podem fazer a felicidade da vida de alguém, então obrigado por cada um dos momentos que vocês me deram a honra de compartilhar ao seu lado.

Obrigado a Nem e Léo por sempre me lembrarem quando era hora de parar, e especialmente por me dar uma luz na vida com o nascimento de Guilherme. Obrigado a você, Gui, por todos os abraços e sorrisos inocentes, por todas as vezes que segurou meu dedo e me ouviu desabafar; mesmo sem entender nada você sempre foi um bom ouvinte, mantendo-se sempre atento para tudo que eu falava; me manterei sempre firme por você.

À Tetê e Tia Jó agradeço por me fazerem aprender de maneira descontraída, por sempre me botarem pra desenhar e ler, me fazendo criar gosto por isso; lembro de quando criança, criar casas de pedras no fundo da casa de Tetê, lembro também de fazer o mesmo na casa de Vovó Raimunda e Vovó Zé Roberto, parece que eu já sabia que no futuro iria viver

para construir lugares e sonhos. Obrigado aos senhores, meus avós, por nunca poldarem meus sonhos e sempre me deixarem ser livre no quintal do sítio, aquele lugar era um mundo pra mim.

Obrigado Vovó Iracema por sempre compartilhar comigo suas histórias, por me fazer sonhar acordado imaginando como foi cada uma delas, obrigado por implantar em mim desde sempre a curiosidade sobre edificações vernaculares, sem nem ao menos saber o que era isso, obrigado por me fazer enxergar na sua tentativa de sobrevivência a beleza e a felicidade da morada.

Obrigado aos meus companheiros de infância que podem nem lembrar disso, mas sempre planejavam junto a mim uma casa no fundo da casa dos meus avós. Passamos anos planejando cada espaço, cada bloco que seria colocado naquele lugar; foi ali que comecei a planejar espaços, então obrigado Tio e Jéssica.

Agradeço também a meus melhores amigos de infância, que compartilharam comigo tantos momentos importantes para minha formação pessoal e acadêmica. Obrigado por cada puxão de orelha, cada incentivo e cada momento compartilhado ao meu lado, Júlio, Leli, Tatah e Emms. Gostaria de agradecer especialmente a Júlio, meu companheiro de casa, que passou por poucas e boas ao meu lado na nossa descoberta de um mundo novo quando entramos na faculdade e nos mudamos juntos para Aracaju. Obrigado meu irmãozinho por cada olhar trocado, por cada conversa, pelas noites desenhando como se não tivéssemos nada pra fazer, obrigado por estar sempre ao meu lado mesmo quando não estava de maneira física. À Leli por sempre me dar broncas por estar estudando muito, sempre me ajudar a enxergar meus limites e me lembrar que acima de qualquer coisa, eu precisava viver. Obrigado à Jana por todas as noites que ficou sem dormir pra me ajudar a ficar acordado pra terminar algum trabalho e por todo apoio que sempre me deu nos momentos em que precisei, além de todos os momentos de distração assistindo filmes e séries aleatórias.

Aos meus companheiros de UFS, aos passageiros e os que permaneceram, meu muito obrigado por todas as palavras de incentivo, por todas as noites perdidas juntos, por todas as músicas duvidosas que vocês me apresentaram. Vocês me deram energia para continuar Deny, Carla e Hindya. Gostaria de agradecer também a quem me puxou para o Centro Acadêmico (CRIAR) mesmo eu não lembrando quem foi, pois foi ele muitas vezes quem me impediu de desistir de Arquitetura e Urbanismo quando me mostrou que nosso curso ia muito além da sala de aula, além de ter me propiciado experiências incríveis em SEMANAU's e de ter me aproximado de uma pessoa muito importante na minha vida, Karol. Agradeço muito também à Dayane por uma aposta feita em 2014 de que com certeza eu

entraria no curso de Arquitetura e Urbanismo; obrigado Félix, sem dúvida se não fosse por você eu não teria entrado no curso.

À Karol, nós respiramos Arquitetura, foi graças a ela que nos conhecemos e sei que será com ela que nós viveremos juntos. Obrigado por todo o tempo dedicado a nós, por cada segundinho dizendo “Não desista, amor. Nós vamos conseguir.” Por transformar minhas lutas em nossas lutas, por tomar minhas dores e me defender com unhas e dentes, por ser minha companheira; obrigado por me aceitar e me enxergar como eu sou quando muita gente não fazia isso. Obrigado por ter chegado na minha frente e ter dito “Se apresente pra mim”, me deixando todo sem graça, tenha certeza que aquele momento mudou minha vida e só hoje eu percebo a real importância dele. Obrigado por não me deixar surtar, por me deixar fazer parte da sua vida e por ser meu porto seguro. Sempre estarei aqui por você.

Agradeço também à Dona Valdeci, por ter me oferecido um abraço num dos momentos que eu mais precisei.

Ao meu orientador que me deu uma luz quando eu estava completamente perdido sem saber que caminho trilhar academicamente, à todas as broncas e puxões de orelha que ele me deu, à toda a confiança depositada no meu trabalho, mesmo quando pensamos que fosse algo extenso demais para um trabalho de conclusão de curso de graduação. Obrigado por acreditar em mim quando nem eu mesmo sabia que caminho trilhar.

Por último, preciso agradecer a mim mesmo por nunca ter desistido, por sempre levantar e seguir em frente mesmo quando parecia que o peso do mundo estava em cima de mim. Agradeço por ter me permitido ser forte e aguentar o que eu nunca achei que aguentaria, por ter me permitido passar por cima de todas as adversidades. Tenho que ser grato a mim por todas as vezes que me fiz dormir por várias horas seguidas antes de uma nova entrega, e especialmente, tenho que ser grato a mim por ter deixado tantas pessoas especiais entrarem na minha vida. Eu amo quem eu me tornei, e eu sei que não me tornaria Arthur Souza Santos se não fosse pela presença de cada um de vocês. Meu eterno obrigado!

“Na antiguidade, os primeiros arquitetos amassavam a terra com os pés, para preparar os tijolos. Arquitetos descalços pisando a terra, uma imagem distante da nossa realidade que se afasta cada vez mais da natureza”

(LENGEN, Johan Van)

RESUMO

Este trabalho levanta e documenta as técnicas construtivas vernaculares do interior de Sergipe, especificamente nas cidades de Lagarto e Itabaiana, desde os seus ritos construtivos até os materiais e métodos de construção. Para isso ele traz um apanhado geral da história de Sergipe e das duas cidades foco, descreve os tipos mais comuns de técnicas vernaculares no Brasil e exhibe o levantamento de edificações vernaculares em povoados das duas cidades de estudo, além de apresentar o Manual de Aplicação das Técnicas Construtivas Vernaculares: Taipas. Levando em consideração a pouca quantidade de documentação sobre essas técnicas, têm como principal objetivo documentá-las, para que seja preservada a memória construtiva do povo sergipano. Isso foi feito através de entrevistas com moradores ou construtores desse tipo de edificação, além de todo o levantamento de base teórica. Ao fim foi possível notar que muitas tradições construtivas vivem hoje apenas na memória de seus construtores e que sua documentação e disseminação é a base para preservação.

Palavras-chave: Memória; Preservação; Vernacular.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. SERGIPE DEL REY	19
1.1. O INTERIOR SERGIPANO	21
1.1.1. LAGARTO	24
1.1.2. ITABAIANA	28
2. ARQUITETURA VERNACULAR	32
2.1. ADOBE	36
2.2. TAIPA DE MÃO	37
2.3. TAIPA DE SEBE	39
2.4. TAIPA DE SOPAPO	39
2.5. TAIPA DE PILÃO	40
3. A MEMÓRIA CONSTRUTIVA SERGIPANA	44
3.1. SEMELHANÇAS E DISCREPÂNCIAS: LAGARTO X ITABAIANA	46
3.2. DENOMINAÇÕES	47
3.3. LAGARTO	47
3.3.1. CRIOULO	49
3.3.1.1. Casa de Dona Claudivânia	49
3.3.1.2. Casa de Dona Domingas	53
3.3.2. VÁRZEA DO CRIOULO	56
3.3.2.1. Casa de Dona Janiela	56
3.3.3. MADANELA	60
3.3.3.1. Casa de Dona Luzinete	60
3.3.4. PINDOBA	63
3.3.4.1. Casa de Dona Sônia	64
3.4. ITABAIANA	68
3.4.1. RIBEIRA	69
3.4.1.1. Casa de Seu Manoel	69
3.4.1.2. Casa de Dona Francisca	72
3.4.1.3. Casa de Dona Zefinha	75
3.5. O HOMEM E SUA MEMÓRIA	78
3.5.1. COSTUMES AO CONSTRUIR	81
4. APLICAÇÃO DAS TÉCNICAS VERNACULARES	85
4.1. MATERIAIS E MÉTODOS	86
4.2. MANUAL DE APLICAÇÃO DAS TÉCNICAS CONSTRUTIVAS VERNACULARES	89

CONCLUSÃO	98
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICES	103
ANEXOS	164



INTRODUÇÃO

A história e a memória
Sergipana

INTRODUÇÃO

A arquitetura popular brasileira é um tema ainda pouco explorado e talvez por isso, pouco preservado. De acordo com Lemos (1981, p. 29), “Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. [...]. É fazer levantamentos de construções, especialmente aquelas sabiamente condenadas ao desaparecimento decorrente da especulação imobiliária.”. Logo, a falta de documentação das técnicas de construção vernaculares faz com que deixem de ser preservados os seus usos construtivos, levando-os ao esquecimento gradual à cada geração, acarretando a perda de seus eficazes e simples métodos construtivos perante uma lógica construtiva burguesa de reprodução em massa que caracteriza o povo sergipano. Isto posto, o que se busca neste trabalho é a preservação das técnicas construtivas vernaculares do interior do estado de Sergipe, documentando a história do povo sergipano, além da sua política, geografia ou economia, mas também, a partir da sua morada, da sua criatividade para construir, a história da união do nordestino através da arquitetura: concretizando sua edificação sem estar alheio a própria realidade, além da construção da casa, estreitando as relações com a família e a comunidade, restaurando costumes e rituais adquiridos.

O Nordeste brasileiro é conhecido por muitos pela seca e pobreza do sertão. Sertão esculpido em barro, e foi a partir desse barro que as casas nordestinas (assim como na maior parte do país) foram edificadas. A arquitetura da terra foi durante muito tempo, uma das formas mais práticas de se construir no Nordeste e em Sergipe não foi diferente. Porém as técnicas um dia utilizadas por todos, hoje são tidas como sinônimo de pobreza, vetores de doença e um atraso na modernidade (Figura 1).

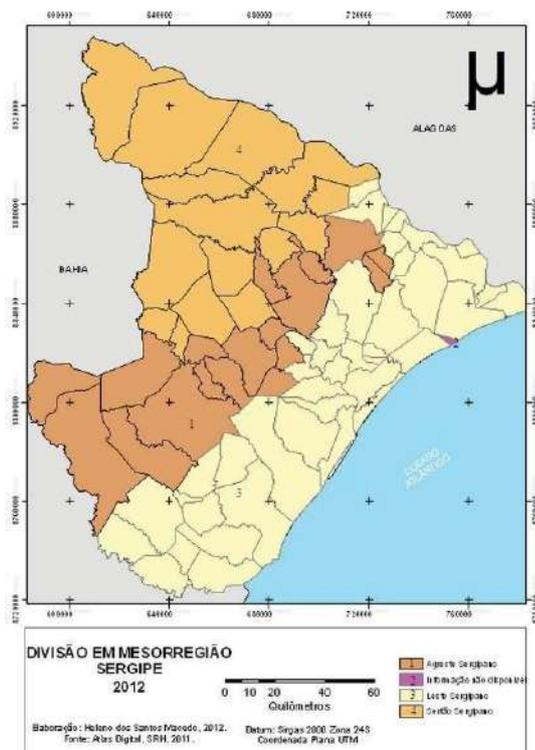
Figura 1 – Casa de taipa no povoado Mariquita em Lagarto/Se.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

O território sergipano foi visitado pela primeira vez por volta de 1501 por uma expedição comandada por Gaspar de Lemos, mas foi apenas quando as terras sergipanas começaram a gerar interesse por conta das “[...] culturas de subsistência e a criação de gado foram decisivas para a ocupação da capitania [...]” (MENEZES, 2015, p. 21) que as terras foram ocupadas aos poucos, de forma pacífica através da catequese; porém foram verdadeiramente ocupadas somente em 1590 após a reconquista do território que havia sido tomado pelos franceses, por Cristóvão de Barros, que recebeu as terras como doação para que ele as repartisse entre os colonos com “o compromisso de fundar colônias” (SOUZA, 2004, p. 57). Logo, em 1590 a povoação de São Cristóvão de Sergipe d’El Rei foi fundada após a construção do forte do Cotinguiba na foz do rio Sergipe, local que ficou conhecido por ser o início da colonização e organização da Capitania de Sergipe.

Figura 2 - Mapa com divisão geográfica do estado de Sergipe. Da esquerda para direita: 1 – Sertão sergipano; 2 – Agreste sergipano; e 3 – Leste sergipano.

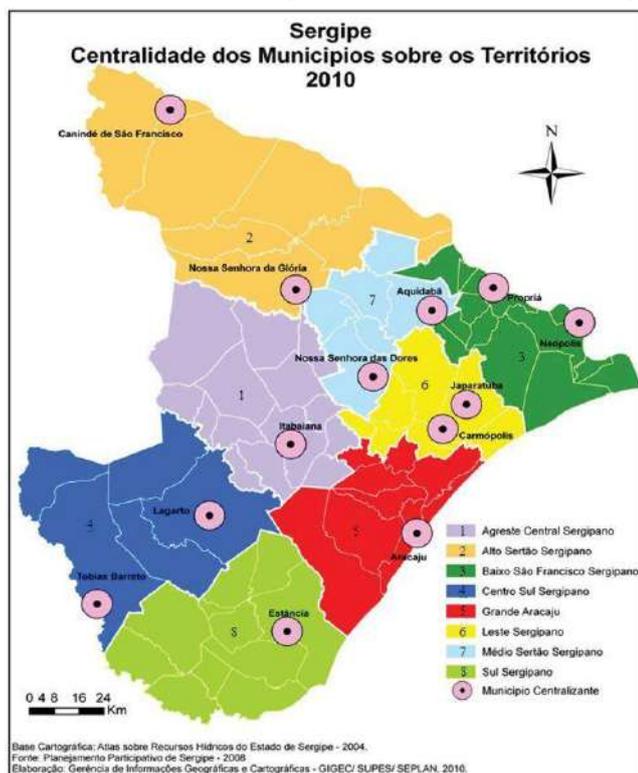


Fonte: < encurtador.com.br/bEVW6 >, 2019

Sendo a Capitania composta por cidades, vilas e povoações, pode-se citar a importância histórica de duas atuais cidades do estado: Freguesia de Santo Antônio e Almas de Itabaiana (1675), Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Lagarto (1679). De acordo com a divisão geográfica do estado de Sergipe, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estado possui três mesorregiões: Leste, Agreste e Sertão Sergipano (Figura 2). Porém, neste trabalho será adotada a divisão feita pela Secretaria de Estado do Planejamento (SEPLAN, 2008) em parceria com a Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde o estado é dividido em oito territórios considerando as especificidades locais como as

dimensões econômico-produtiva, geoambientais, sociais, político-institucionais e culturais (Figura 3).

Figura 3 - Mapa com divisão feita pela Secretaria de Estado do Planejamento (SEPLAN, 2008) em parceria com a Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde o estado é dividido em oito territórios: 1 - Agreste central sergipano; 2 – alto sertão sergipano; 3 - baixo são Francisco sergipano; 4 – centro sul sergipano; 5 – grande aracaju; 6 – leste sergipano; 7 – médio sertão sergipano; 8 – sul sergipano.



Fonte: <http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/14343116012013Geografia_de_Sergipe_Aula_9.pdf>, 2019

Com o desenvolvimento do estado de Sergipe, além da grande Aracaju (Aracaju, São Cristóvão, Nossa Senhora do Socorro e Laranjeiras) outros municípios se desenvolveram bastante nos últimos anos. Lagarto e Itabaiana estão entre esses municípios, estando os dois entre os seis municípios mais populosos do estado (SEPLAN, 2008) e de acordo com França e Cruz (2008) são subcentros regionais, acumulando funções, bens e serviços que atendem os municípios próximos suprindo necessidades que antes só seriam supridas na capital do estado.

Com o crescimento populacional e econômico vem também a busca pelo ideal de “modernidade”, uma busca pela estética e técnicas construtivas de grandes cidades, com a lógica construtiva burguesa de construção interpessoal e em massa. Essa busca, traz também uma certa negação das suas raízes, pois, o saber popular já não é mais visto como o ideal, passa a ser visto como o incorreto, atrasado.

Alia-se a isso a falta de manutenção em edificações vernaculares (muitas vezes porque o mesclar de conhecimento sobre as técnicas foram se perdendo com o tempo), fazendo com que se tornem ambientes insalubres, chegando ao ponto do governo brasileiro fazer um projeto para a derrubada dessas edificações e a construção de casas de alvenaria (como se fosse a solução para o problema), chegando a Sergipe com o nome de Programa de Erradicação de Habitações Subnormais, programa que propõe levar abaixo casas de taipa, palha e outros tipos (Figura 4).

Figura 4 - Habitação sendo avaliada quanto a sua degradação no povoado Mariquita, em Lagarto/SE.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Com foco fugir das histórias das cidades protagonistas da arquitetura sergipana: Laranjeiras e São Cristóvão, este trabalho se propõe a estudar a história das cidades mais recentes e que ainda resguardam exemplares de edificações vernaculares. Localizadas no agreste sergipano Lagarto e Itabaiana têm uma grande importância política, econômica e social, além de resguardar uma forte produção de arquitetura popular que também precisam de visibilidade para que possam manter sua história viva. Diante disso, Lagarto e Itabaiana foram as cidades escolhidas como objeto de estudo do presente trabalho, para que se possa investigar se mesmo diante do crescimento econômico, populacional e todas as situações já citadas que corroboram para a erradicação das edificações de arquitetura da terra nesses locais, ainda podem ser encontrados uma série de exemplares, que devem ter sua memória preservada, precedendo sua destruição, pois como dizia Ruskin (2008) “[...] com a passagem do tempo, que a arquitetura vai se impregnando da vida e dos valores humanos”, logo a arquitetura vernacular é cheia de vida e dos valores de uma sociedade, sendo a memória construtiva que guarda a história dos indivíduos daquele ciclo social.

De acordo com Telles (2008), a arquitetura vernacular costuma ser feita por autores anônimos, que podem não ter tido ajuda técnica nem na fase de projeto e nem de execução, baseando-se apenas no conhecimento da construção local. Podendo ser completado por Asquith e Vellinga (2005 apud SPILLER *et al.*, 2017), que dizem que esse tipo de construção é passado de pai para filho, por isso como dito por Telles (2008), resulta das condições do local onde se está inserido. As grandes características desse tipo de arquitetura estão em sua simplicidade, mantendo uma unidade construtiva através dos materiais utilizados que são comuns aquele espaço, encontrados na natureza; e ,principalmente, é uma arquitetura que está plenamente inserida no meio ambiente do espaço construído, já que está em total unidade com os materiais encontrados lá (SPILLER *et al.*, 2017).

Assim, o objetivo geral deste trabalho é sistematizar os métodos de construção utilizados no interior de Sergipe. Como objetivos gerais, têm-se: Identificar as técnicas vernaculares características da região nordeste, especificamente do interior de Sergipe; levantar materiais de construção utilizados e; as principais técnicas construtivas vernaculares das edificações no espaço de estudo; identificar ritos de construção (Tradições ao construir); sistematizando essas informações a fim de elaborar manual de utilização das técnicas levantadas.

Propõe-se que “[...] o patrimônio construído vernáculo é a expressão fundamental da cultura de uma comunidade, do seu relacionamento com o seu território e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade da cultura mundial [...]UNESCO” (ICOMOS,1999), por isso deve-se manter preservado e documentado para que se possa compreender e repassar a cultura da comunidade Sergipana.

Para produção desse trabalho, buscou-se por bibliografias específicas da área (sendo uma tarefa árdua, já que poucas pessoas levantaram as técnicas construtivas vernaculares no Brasil), usando como referências bases os livros *Manual do Arquiteto Descalço* (2008), de Johan Van Lengen, que faz um apanhado de várias técnicas construtivas populares, sendo um manual prático de como aplicar essas técnicas no dia a dia e *Arquitetura popular brasileira* (2005), de Günter Weimer, que como o próprio nome já diz concentra-se em explanar sobre como a formação do Brasil influenciou na forma de construir do brasileiro e detalhes sobre cada uma dessas técnicas de construção popular.

A pesquisa bibliográfica buscou nortear esse trabalho em todas as suas fases, por isso a busca por livros, artigos, teses e blogs foi feita de maneira incessante, para além dos livros bases escolhidos. Sendo de suma importância para os momentos de levantamento prático.

Além disso, essa monografia visa basear-se nas narrativas dos moradores que dão vida as técnicas construtivas nordestinas, utilizando-se do método da história oral. As narrativas iniciais foram colhidas através de conversas informais, no momento das buscas pelas edificações vernaculares, sendo também o momento onde foram colhidas as biografias dos entrevistados, para que se fosse de acordo com metodologia sugerida por Alberti (2010) no livro Manual de História Oral, elaborado um roteiro de entrevista objetivando dar maior valor documental a história oral transcrita.

O trabalho visa exercer o papel social do arquiteto, mantendo viva a memória construtiva não só sergipana, mas de todo nordeste e compartilhando-a de maneira aberta para que todos possam ter acesso a essas técnicas, documentando de forma técnica para a academia, mas especialmente de maneira informal para a comunidade.

Estruturou-se o trabalho em quatro capítulos, que partem da história de Sergipe até um breve apanhado das histórias locais de Lagarto e Itabaiana, para a arquitetura da terra propriamente dita, até o levantamento das técnicas nos dois locais de estudo e por fim, o manual onde as principais técnicas levantadas estão reunidas. O primeiro capítulo trata da história de Sergipe, até chegar na história das cidades de Lagarto e Itabaiana, abordando como as cidades foram crescendo com o tempo. No capítulo dois o foco é a arquitetura da terra, explicando o que ela é, qual a sua relação com a vernacularidade e quais as técnicas mais empregadas dentro dela, sempre focando na utilização do barro como protagonista. O capítulo três traz como foco a vivência dos moradores, os levantamentos das técnicas utilizadas em Itabaiana e Lagarto pelo ponto de vista de quem construiu, sendo o momento onde a história será contada por quem a viveu. Por fim, sendo o quarto o último capítulo dessa monografia, ele trará de forma resumida todas as informações que estarão presentes no manual de aplicação de arquitetura da terra, para que além do manual informal se tenha na monografia para fins acadêmicos todas as informações necessárias para preservação desse bem cultural de Sergipe, que é o saber fazer e sua memória construtiva.

Portanto, a presente monografia busca conseguir identificar e levantar as principais técnicas construtivas vernaculares utilizadas em Lagarto e Itabaiana, assim como os materiais utilizados nessas construções. Aliado a isso almeja-se também entender a relação afetiva do Sergipano com essas técnicas através da identificação dos seus ritos e tradições no momento da construção. Sendo todas essas informações centralizadas no manual de utilização dessas técnicas.



CAPÍTULO 01

Sergipe Del Rey

1. SERGIPE DEL REY

O território que hoje corresponde ao estado de Sergipe, começou a ser ocupado por volta de 1501, quando foi visitado pela primeira vez, numa expedição comandada por Gaspar Lemos, porém só foi dividido e anexado à Capitania da Bahia de Todos os Santos no ano de 1534, quando foi doado ao futuro responsável por cuidar da terra e explorar suas riquezas naturais, Francisco Pereira Coutinho.

A cinco de abril de mil quinhentos e trinta e quatro (05/04/1534), El Rei D. João III fez a doação de uma capitania a Francisco Pereira Coutinho, posteriormente regulamentada 53 em agosto do mesmo ano. Nela, El Rei de Portugal incumbia Coutinho da responsabilidade de cuidar e de explorar as riquezas naturais. (SOUZA, 2004, p. 53)

Apenas em 1536, Francisco Pereira Coutinho chegou às terras Sergipanas, precisando voltar para Portugal já no ano seguinte, 1537, por conta de desavenças com os colonos, mas sendo assassinado pelos índios ainda em terras brasileiras antes que houvesse êxito em sua fuga, fazendo com que o território sergipano ficasse abandonado por algum tempo.

Durante o período abandonada por Portugal, a área teve seu pau-brasil bastante explorado pelos Franceses com a ajuda dos índios nativos, ao que a coroa portuguesa fazia vista grossa. Para garantir a posse das terras, a coroa passou-as para Tomé de Souza, que por ordens da coroa “em 1557 determinou o avanço sobre as terras sergipanas” (OLIVA, 1991 apud SOUZA, 2004, p.54).

Doado pelo Rei de Portugal, D. João III, a Francisco Pereira Coutinho, o território sergipano estendia suas terras desde a parte da Bahia de Todos os Santos, ao sul, alongando-se até a parte do rio São Francisco, ao norte, tendo como limite o Oceano Atlântico a leste e o meridiano de Tordesilhas a Oeste. (SOUZA, 2004, p. 54)

Apesar das ordens da coroa portuguesa, as atenções só foram voltadas para as terras sergipanas, quando estas começaram a gerar interesse de outras pessoas por causa criação de gado e cultura de subsistência. Nessa época o território sergipano passou a ser conquistado aos poucos de maneira “pacífica” através da catequese, tendo assim as primeiras ocupações em solo sergipano.

As ocupações costumavam partir inicialmente dos jesuítas e só após a instalação deles no local, vinham as missões militares que não costumavam ser bem aceitas pelos nativos, especialmente quando Luís de Brito invadiu o território matando vários líderes indígenas, levando para a Bahia mais de mil e duzentos índios.

Apesar das investidas portuguesas no território sergipano, os franceses voltaram pouco tempo depois, sendo retirados apenas por volta de 1590, quando “travou-se decisivo combate na várzea do rio Vaza Barris, saindo Cristóvão de Barros vitorioso” (FERREIRA, 1959, p. 459), expulsando os franceses e junto a isso destruindo uma série de aldeias indígenas aliadas a eles.

E assim ficou Cristóvão de Barros não só castigando os homicidas de seu pai, mas tirando esta colheita aos franceses que ali iam carregar suas naus de pau-brasil, algodão e pimenta da terra, e sobretudo franqueando o caminho de Pernambuco e mais capitânicas do Norte para esta Bahia e daqui para elas, que dantes ninguém caminhava por terra que o não matassem e comessem os gentios. (SALVADOR, 1956, p. 301).

As terras sergipanas foram doadas para Cristóvão de Barros após a vitória, para que ele pudesse as repartir, dando aos colonos “o compromisso de fundar colônias” (SOUZA, 2004, p. 57).

Sendo assim, foi fundada em 1590, após a construção do forte do Cotinguiba, a povoação de São Cristóvão de Sergipe d’El Rei. O forte construído na foz do rio Sergipe ficou conhecido por ser o início da colonização e organização da Capitania de Sergipe.

O primeiro e o segundo local onde os sítios iniciais de São Cristóvão foram edificados foram considerados inseguros e com fortes chances de ataques franceses, por isso mudaram-se dos dois, fixando-se apenas em 1607 no local onde hoje se encontra a parte alta do município de São Cristóvão, sendo esse um local que oferecia boas condições de defesa por sua boa visibilidade, além de possuir solo fértil para agricultura e ter condições de estabelecer porto próximo. Foi nesse local que São Cristóvão se tornou sede da capitania de Sergipe.

O povoado foi elevado a distrito da freguesia de Nossa Senhora da Vitória, na Bahia, no ano de 1617, crescendo exponencialmente, até que foi devastada sob ordens do Conde Bagnoulo, por volta de 1635, para que pouco sobrasse para sobrevivência dos holandeses que ameaçavam invadir o povoado. Os holandeses chegaram ao povoado em 1636, onde incendiaram, saquearam e destruíram o pouco que havia sobrado.

Os holandeses permaneceram no povoado até 1640 quando esta foi retomada pelos portugueses. Porém, os portugueses perderam novamente o território pouco tempo depois, pois não aguentaram mais uma ofensiva dos holandeses que vieram por mar e por terra. O território sergipano só foi recuperado de vez em 1645 e o distrito passou por um lento processo de reconstrução.

São Cristóvão se desenvolveu em cima de atividades agrícolas da lavoura açucareira e pela criação de gado nas primeiras décadas do século XVII, crescendo aos poucos, sendo no fim do século XVIII já considerada uma grande economia canavieira pecuarista.

Maria Thétis Nunes estudou a produção econômica da capitania de Sergipe das primeiras atividades econômicas (pau-brasil e gao) às culturas destinadas à subsistência (farinha de mandioca, principalmente) e exportação (fumo, cana e algodão). (NUNES, 1989, apud MENEZES, 2015, p. 21)

Em 1763 Sergipe tornou-se responsável por boa parte da produção de açúcar da Bahia, sendo esse um dos principais produtos de Sergipe durante muito tempo. No início do século XIX mesmo sendo grande produtor de açúcar, Sergipe também se concentrava na criação de gado e produção de diversos produtos como mandioca, algodão, couro e fumo.

A província de Sergipe foi criada em 1823 que foi também quando São Cristóvão foi elevada a município, sendo logo depois, em 1855, a capital de Sergipe transferida para Aracaju, a qual é até hoje a capital do estado.

De acordo com o IBGE, o estado de Sergipe hoje possui uma população estimada em 2.298.696 habitantes, sendo que no último censo, 2010, possuía 2.068.017 (IBGE, 2011) tendo um crescimento considerável nos últimos anos. Ainda segundo o IBGE, possui hoje 75 municípios numa extensão territorial de 21.925,424 km².

1.1. O Interior Sergipano

Como já citado na introdução, esta monografia visa fugir dos maiores focos em termos históricos do estado, São Cristóvão e Laranjeiras, tendo assim como foco os municípios de Lagarto e Itabaiana.

Com isso, o trabalho intenciona não desmerecer as outras cidades, mas sim levar mais visibilidade para o estudo histórico arquitetônico no interior do estado como um todo, pois durante as pesquisas para elaboração dessa monografia foi possível perceber muitas manifestações de arquitetura popular em outras cidades, sendo o que mais chamou atenção um povoado do município de Riachão do Dantas, os Altos.

O povoado Altos é conhecido por sua grande quantidade de exemplares de casas de taipa, tendo sido citado em conversas informais uma quantidade superior a 80 edificações vernaculares. Além da grande quantidade dessas edificações, há também particularidades comentadas por alguns entrevistados sobre o tamanho e configuração delas, pois costumam ser casas grandes com excelente acabamento.

Mesmo não sendo os outros municípios do estado o foco deste trabalho, é de grande importância mostrar outros lugares que mantêm exemplares da arquitetura vernacular, para assim, incentivar mais pesquisas de documentação da história arquitetônica do interior sergipano, pois a memória construtiva vernacular de Sergipe se mantém viva para além das duas cidades objetos de estudo, elas são apenas um recorte no pequeno estado que guarda muitas surpresas em cada uma de suas cidades.

ORIGEM DO NOME

Fala-se de uma pedra em granito
Em forma de um grande lagarto
Origem deste torrão tão bonito
De um chão tão fértil e tão farto

Mas há também outra versão
De uma lusa família mui nobre
Que ostentava em seu rico brasão
Três lagartos de prata ou de cobre

(Assuero Barbosa, Lagarto em Verso e Prosa, p. 17)

1.1.1. LAGARTO

Os colonos estabeleceram-se na região que hoje compreende o município de Lagarto¹ por volta do ano 1596 através das doações de ²sesmarias, porém a colonização do local só ocorreu realmente no século XVIII.

De acordo com Fonseca (2015) Lagarto se instalou no local onde hoje é o centro da cidade, no ano de 1645, quando Santo Antônio (hoje povoado do município), local onde antes a população estava alojada, foi acometido por um surto de bexiga. O autor cita também que (Figura 5):

A escolha do local certamente não foi aleatória: um pequeno planalto com suaves inclinações em todas as direções, um farto minante de águas frias e potáveis em suas proximidades que nos dias atuais se conhece por bica e terras agricultáveis de boa qualidade, além da proximidade com o povoado Urubutinga. (FONSECA, 2015, p. 49)

Figura 5 – Balneário José Agnaldo da Silva, conhecido como Bica, na década de 60.



Fonte: <<https://lagartocomoeujejo.com.br/2018/07/31/balneario-bica-fonte-natural-dentro-da-cidade/>>, 2020.

Segundo Santos (2013, p. 67) “Lagarto surge num contexto, cujas terras se inserem no processo de necessidade urgente de conquista de Sergipe, localizadas nos domínios da Capitania da Bahia de Todos”. A criação da freguesia de Nossa Senhora da

¹ Não se sabe ao certo qual a origem do nome Lagarto, mas de acordo com FONSECA (2015, p. 53) até meados da década de 60, acreditava-se somente em uma teoria a respeito dele: que o nome foi dado graças a uma pedra em formato de réptil encontrada nas imediações do riacho Macuna; nos anos 60 como dito por FONSECA (2015, p. 53) surgem outras teorias, como a de que o lagarto deriva do brasão da família do sesmeiro Antônio Gonçalves de Santana.

² Terras distribuídas para um determinado indivíduo no período colonial brasileiro.

Piedade do Lagarto foi oficializada em 1679, tornando-se Vila do Lagarto oficialmente apenas em 1698.

Do ponto de vista da colonização lusitana, o território foi sendo ocupado pelos currais de gado, o que poderia ter ocorrido muito antes da presença dos jesuítas em suas aldeias, conforme se evidencia na afirmação de Felisbello Freire: “Acreditamos mesmo que por estas paragens a colonização estendeu-se em períodos ulteriores”. Alguns nomes de povoados estão ligados a esse tipo de exploração econômica, como Curralinho, Oiteiros, Fazenda Grande, Rio da Vaca, Boieiro e Campo do Crioulo. (FONSECA, 2015, p. 47)

Devido a invasão holandesa nas terras sergipanas no século XVII, o processo de exploração e ocupação dessas terras ganhou um novo rumo, fazendo com que os criadores de gado se tornassem personagens importantes e decisivos na nova configuração do território sergipano. Também por conta da invasão holandesa há poucos documentos de Lagarto nessa época, como explicado pelo autor Floriano Fonseca:se

Assim como todo o Sergipe, as informações a respeito de Lagarto nos séculos XVI e XVII são escassas e deixam grandes lacunas de informação. Sabe-se que, quando da retirada dos portugueses sob o comando do conde Bagnuolo, toda a documentação existente em São Cristóvão foi queimada por sua ordem e que o que sobrou não foi poupado pelos holandeses. (FONSECA, 2015, p. 50)

No século XVIII, a imigração para algumas vilas foi bastante forte por conta da engrenagem mercantilista em Sergipe, não sendo diferente em Lagarto, como dito por (ANTONIO, 2012, p. 43) “Também a povoação de Lagarto era conhecida como um dos locais da capitania com marcante população lusitana, chegando a abrigar um consulado, onde André Romero respondia como cônsul português.”.

Assim como em outras partes do território sergipano, no século XIX a principal atividade econômica de Lagarto era a criação de gado, se sobressaindo também no plantio da mandioca (até hoje, 2020), do feijão e do milho. O autor Fonseca (2015, p. 37) diz que “[...] , Lagarto teve seu território marcado pela *unha do boi*”, já que a pecuária foi uma das grandes responsáveis pelo crescimento de Lagarto desde o início de sua história, sendo uma das grandes influenciadoras dos hábitos de sua gente. Para além da pecuária e da agricultura a qual se baseia a economia do município desde o período colonial, ainda é citado por Fonseca (2015, p. 68) que “Lagarto também fornecia grande quantidade de pedras para construção e uso militar”.

No ano de 1875, a Vila de Lagarto possuía 8 engenhos, num período em que a plantio de cana de açúcar teve uma expansão, fazendo com que a até então principal atividade econômica de Lagarto, a criação de gado, começasse a se retirar para locais onde o solo não era apropriado para a plantação de cana de açúcar. Foi nessa época em que a agricultura

começou a tomar mais espaço na Vila de Lagarto, pouco tempo depois se transformando em sua principal atividade econômica.

No início do século XX, de acordo com Fonseca (2015), às habitações na Vila de Lagarto ainda eram em sua maioria construídas de taipa e adobe, com algumas características marcantes, as quais algumas ainda são vistas hoje nas construções Lagartenses, como a distribuição dos cômodos das edificações.

A vila ia crescendo lentamente com suas casas de beira-e-bica que se escoravam umas nas outras preguiçosamente. Os telhados iniciavam na altura das calçadas, subiam rapidamente até encontrarem a cumieira, de onde começava a descida em direção ao quintal, com a lerdeza das poucas chuvas que eventualmente caíam. As divisórias eram simples: uma sala de visita, de onde os estranhos não passavam; dois ou três quartos, que usualmente se interligavam, reduzindo desse modo a intimidade dos seus moradores ou para servir de vigia aos pais preocupados com a honra das donzelas; uma sala interna, em que as mulheres passavam os dias na monotonia das prendas domésticas; num canto privilegiado da mesma sala ou num pequeno quarto, ficava oratório com o santo predileto da família, onde, em função do poder econômico ou importância no seio da igreja, eventualmente se rezavam missas particulares, faziam-se batizados, casamentos e se ouviam confissões. Nos fundos, uma pequena cozinha espremida pelo telhado que insistia em beijar o chão. Geralmente, existia apenas uma porta principal, com altura até próximo do telhado, e quantas janelas fossem necessárias para levar ar puro e luminosidade ao ambiente interno. Do mesmo modo, as portas internas estavam bem acima da estatura do primitivo homem lagartense. (FONSECA, 2015, p. 177)

Com a criação das rodovias no estado de Sergipe, a zona de influência de Lagarto aumentou significativamente, assim como passou a apresentar taxas elevadas de crescimento demográfico, chegando em seu maior crescimento populacional entre as décadas de 40 e 60.

Hoje, segundo o IBGE, o município de Lagarto possui aproximadamente 104.408 habitantes, conta com uma extensão territorial de 968,921 km² e limita-se a norte com os municípios de Simão Dias e Macambira, a leste com Itaporanga D'Ajuda e Campo do Brito, a sul com Riachão do Dantas e Boquim e a oeste com Simão Dias.

Foram trezentos anos de febres e epidemias. Famílias inteiras dizimadas, como apontam os registros paroquiais. Fome e miséria que forjaram um povo rústico, mas propenso à lida. Da bexiga do Santo Antônio, muito bem descrita por Adalberto Fonseca, à gripe espanhola, já no século XX. Seu povo foi testado à exaustão e construiu uma identidade própria. Se a geração atual já não se reconhece na alcunha de papa-jaca, no cheiro do mel de fumo e no aroma da maniçoba, cabe aos que ainda guardam esse sentimento não deixar esquecer o legado de gerações passadas, que viveram numa terra em que a peste não destrói por completo os sonhos e em que a bravura da gente se constrói cada dia, ainda que as intempéries os ponham à prova sem descanso. (FONSECA, 2015, p. 98)

SIGNIFICADO DA PALAVRA ITABAIANA

A história também conta
Sobre o nome Itabaiana
Da junção de três palavras
Ita, Taba e Oane
Com certeza aí vem vindo
E assim nasceu o lindo
Nome de Itabaiana

Ita significa pedra
Taba é uma aldeia
Oane quer dizer alguém
Que não teme cara feia
Esse alguém que mora lá
Então logo veio jorrar
O nome nas nossas veias

Agora você já sabe
Do seu significado
Ita é uma pedra grande
A serra representada
Dizem que tem diamante
É um ponto culminante
Do nosso querido estado

1.1.2. Itabaiana

De acordo com Bispo (2013) o local onde hoje é o município de Itabaiana teve pouco destaque na história brasileira até 1589; antes disso viviam lá apenas os índios.

Nada parece ter ocorrido em Itabaiana, relativo à dominação luso-espanhola até 23 de dezembro de 1589. A data se refere ao início do ataque do exército de Cristóvão de Barros, que terminou com sua vitória na serra do Pico, ao alvorecer de 1º de janeiro de 1590, em nome de Felipe II de Espanha, rei de Espanha e Portugal. (BISPO, 2013, p. 58)

Após a vitória do exército de Cristóvão de Barros, a morte do cacique Baepeba e a escravização dos índios sobreviventes, o então estado de Sergipe foi dividido “[...] em três porções, cabendo a Ayres da Rocha Peixoto a área central, compreendida entre os rios Japarutuba e Vaza-Barris, incluindo a o rio Sergipe, onde se localiza Itabaiana.” (BISPO, 2013, p. 61). Porém, Ayres da Rocha Peixoto “[...] não conseguiu levar adiante a colonização” (BISPO, 2013, p. 61), com seu fracasso, a sua área foi dividida em outras sesmarias, dividindo assim o território em porções menores.

Em 1599 e 1623, foram doadas 18 sesmarias dentro do território do município original de Itabaiana. [...] Das dezoito sesmarias doadas entre 1599 e 1623, apenas sete parecem ter sido bem-sucedidas até a invasão holandesa em 1637. A primeira delas, a que foi doada a Simão Dias estava entre elas. Já a que foi doada entre o rio Vaza-Barris e a Serra da Cajaíba desapareceu. (BISPO, 2013, p. 61-62)

Em 1594, Melchior Dias Moréia descobriu no território onde hoje se encontra Itabaiana, o que ele achou que fosse prata e outros minérios preciosos, sendo esse o fato que gerou grande movimentação em direção a essas terras.

Tropas holandesas invadiram o território de Itabaiana em 1637 em busca do gado e da prata prometido por Domingos Fernandes Calabar, que assim como muitos na colônia sabia das histórias contadas sobre a prata de Itabaiana. De acordo com Nunes (1989, apud BISPO, 2013), os holandeses foram bem recebidos no território e prosperaram com a criação de gado, mas nunca acharam a prata de Melchior.

[...] existiam na Itabaiana de 1640, sete currais de gado, um sítio, o de Simão Dias, na Cova da Onça; um engenho movido a roda d'água, sem capela, junto do curral onde é hoje a Fazenda Volta, e duas taperas, uma que hoje é o povoado de mesmo nome em São Domingos e outra, possivelmente onde é hoje o povoado de Campo do Brito Velho. E a Igreja Velha, único monumento do Ciclo do Gado, cujas ruínas ainda resistem. (BISPO, 2013, p. 66)

Mesmo sendo descoberto que as pedras encontradas por Melchior não eram preciosas, os índices demográficos da área aumentaram consideravelmente nessa época, sendo a migração impulsionada pela possibilidade de encontrar minérios preciosos. Fazendo com que até hoje o município de Itabaiana seja conhecido como “terra do ouro”.

Em 1695 houve mais uma tentativa de encontrar a mina de prata de Melchior, entretanto, encontrou-se ouro. Seu encontro foi tão bem guardado que somente em 1751 é que os vereadores de São Cristóvão puderam saber aproximadamente onde havia sido. [...] Em 1703, com toneladas de ouro jorrando dos riachos de Minas Gerais, D. Pedro II de Portugal proibiu terminantemente a mineração a menos de 330 quilômetros em linha reta de distância do mar. Assim como a prata, o ouro de Itabaiana também virou lenda. (BISPO, 2013, p. 76)

A partir da compra do terreno onde hoje é a Praça Fausto Cardoso, em 1675 pela Irmandade das Almas, Itabaiana passou a categoria de freguesia; passando a condição de Vila apenas em 1697, juntamente com Lagarto, com a instalação da câmara municipal. Isso faz da Vila de Santo Antônio da Itabaiana “é a segunda mais antiga fundada em Sergipe” (BISPO, 2013, p. 77).

De acordo com Menezes (2008, p. 163), “Em 1700, Itabaiana já era uma das maiores povoações sergipanas com vida burocrática, escrivães, padres e outras autoridades letradas”. Apesar disso, a Vila não evoluía muito com relação às outras vilas da capitania. Bispo (2013) diz que até 1760 na vila havia apenas prédios de taipa e que os seus moradores viviam em situações precárias.

Apesar da situação de pobreza até 1760, nos últimos anos do século XVIII a população da Vila começou a crescer e a ganhar dinheiro, fazendo com que ela voltasse com força ao cenário político de Sergipe. Com o aumento da população, vieram também as epidemias, em 1849 a Vila teve sua primeira epidemia, seguida de outras, totalizando aproximadamente sete mil mortos (BISPO, 2013).

Com o grande número de escravos mortos na Vila de Itabaiana, muitos senhores de engenho foram à falência, tendo Itabaiana um enorme prejuízo, tendo em vista um dos principais movimentadores da sua economia, o açúcar. Apesar disso, com o começo da plantação de algodão no estado de Sergipe entre 1850 e 1860, a Vila voltou a crescer novamente, tendo de acordo com Bispo (2013) muitos de seus povoados até então parados um grande crescimento, além da criação de alguns outros.

A Vila só passou a categoria de cidade em 1888, tendo até o momento o centro da vila pouco evoluído graças a ausência de água no local, fazendo com que esse se tornasse um grave empecilho para o aumento da população na zona urbana. Nessa fase a parte urbana da então cidade ainda era pouco desenvolvida como descrito:

[...] pequeno, apresentando o mesmo traçado urbanístico da atualidade. O principal logradouro era a Rua da Praça, depois Praça da Matriz, num retângulo. [...] Ainda não existia o Mercado Municipal, mais tarde erguido no canto, onde hoje é a sede da prefeitura. Toda a feira era então realizada ao ar livre. (CARVALHO, 2000, p. 33-34, apud CARVALHO; COSTA, 2009, p. 3)

A falta de água e de vias de circulação estavam entre as maiores dificuldades do desenvolvimento socioeconômico de Itabaiana, problema que começou a ser resolvido em 1947 com a construção de pontes e algumas outras condições para abertura da BR-235, fazendo com que Itabaiana ganhasse sua segunda entrada, que foi de fundamental importância para crescimento da cidade. A cidade ganhou um aspecto urbano consolidado somente em 1950, sob o mandato de Euclides Paes Mendonça que construiu e ampliou várias ruas.

Hoje a cidade de Itabaiana é uma das principais do estado de Sergipe e de acordo com o IBGE conta com uma população estimada de 95.427 habitantes e uma área de 337,295 km², sendo assim como Lagarto considerada uma sub-região do estado.



CAPÍTULO 02

Arquitetura Vernacular

2. ARQUITETURA VERNACULAR

A arquitetura da terra de acordo com Soares (2015), nasceu a mais ou menos 10 mil anos atrás, quando os humanos deixaram de ser nômades e passaram a se estabelecer em determinadas localidades. Essa expressão é utilizada para designar a arquitetura construída com terra crua, que não é levada ao forno, como a taipa de mão, taipa de pilão e o adobe.

As técnicas de construção com terra possuem exemplares bastante expressivos pelo mundo, sendo encontradas no Egito antigo (Figura 6), na muralha da China, e em construções do oriente médio entre 9000 e 5000 a.C.

Figura 6 – Pirâmide Saqqara no Egito, construída feita com técnicas de construção da terra.



Fonte: < <https://www.egito.com/saqqara> >, 2019.

A palavra vernáculo vem do latim *vernaculum* que significa nativo, e segundo Weimer (2005, p. 40) “designava o escravo nascido na casa do senhor”, sendo comumente utilizada hoje na língua portuguesa para designar coisas próprias de algum lugar. Dentro da arquitetura pode ser dito de forma simplista como uma tipologia arquitetônica que tem seu processo de concepção e construção passado de pai para filho (ASQUITH; VELLINGA, 2005).

No seu sentido figurado significa uma *linguagem correta, sem estrangeirismos, de sintaxe perfeita; em resumo, uma linguagem castiça*. Em outro sentido, o etimológico, significa *escravo, bobo, patife e velhaco*. Portanto, o qualificativo está sempre mal-empregado quando aplicado a arquitetura. Está errado se for direcionado no sentido da linguagem em considerações estilísticas. Embora a pós-modernidade tenha ressuscitado esse tipo de discussão, no contexto de semelhante orientação estaria mal-empregado, visto que o equacionamento da arquitetura popular não poderia se reduzir a uma apreciação de suas qualidades plásticas, conquanto nessas características funcionais e – principalmente – construtivas são bem mais preponderantes. (Weimer, 2005, p. 40)

Sendo assim, para Weimer (2005), o termo mais correto a ser utilizado quando se trata desse tipo de arquitetura, seria popular, que vem de *populus*, também latim e designava “o conjunto de cidadãos que excluía, por um lado, os mais privilegiados [...]” (Weimer, 2005, p.

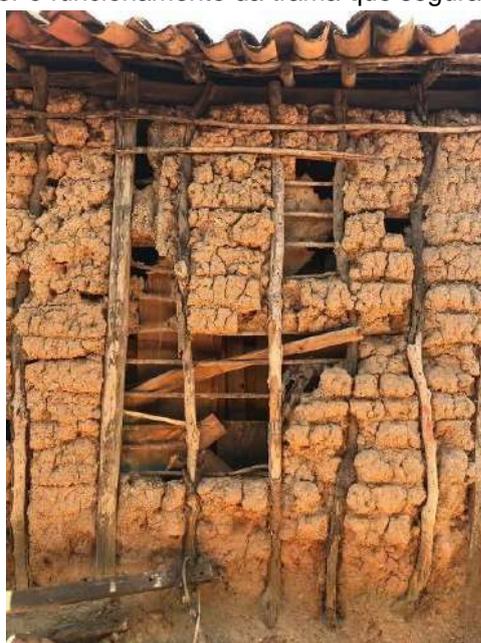
40). Logo, seria uma arquitetura que não era realizada para as elites, sendo assim a arquitetura dos excluídos. Porém, no presente trabalho a expressão a ser adotada será Vernacular.

Para Souza (1985, p. 36-37, apud Teixeira, 2008, p. 35) “A arquitetura vernácula representa uma expressão coletiva que vêm da vivência do povo e que se desenvolve sem propostas teóricas, sem vanguardas intelectuais.”, sendo a arquitetura feita pela comunidade para comunidade, diante da necessidade local e resultando das condições naturais a que esses indivíduos estão inseridos, sem que haja necessariamente interferência intelectual.

Segunda Costa (2002, p. 33) a arquitetura vernacular “é a arquitetura regional autêntica, tem as suas raízes na terra. É produto espontâneo das necessidades e conveniências da economia e do meio físico e social” (Figura 7). Sendo ainda caracterizada por Lima (2010), como uma arquitetura ao mesmo tempo complexa e conservadora.

A arquitetura vernacular distingue-se da erudita, onde a erudita é aquela feita por pessoas que passaram por escolas de arquitetura ou engenharia e a vernacular vem do saber popular, do cotidiano. A distinção entre arquitetura erudita e não erudita, ou vernacular, não reside nas características do edifício em si, mas no modo pelo qual foram concebidos e executados. Em outras palavras, o sentido de erudição ou não erudição diz respeito ao tipo de conhecimento empregada no processo de produção da arquitetura considerada. (...) seria arquitetura produzida por arquitetos profissionais. (...) É importante enfatizar que a condição de ser ou não erudita não implica automaticamente em uma evidência de qualidade arquitetônica ou precariedade construtiva. (Silva, 1994, p. 136).

Figura 7 - Parede de casa de taipa degradada no povoado Mariquita em Lagarto/SE onde se pode perceber o funcionamento da trama que segura o barro.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Logo, em um apanhado geral, a arquitetura vernacular é aquela produzida pela coletividade, onde as técnicas utilizadas são aquelas passadas de geração a geração, sem necessariamente ter interferência intelectual/acadêmica, utilizando-se dos recursos locais para sua produção de acordo com suas necessidades.

No Brasil, os primeiros exemplares de arquitetura vernacular surgiram com os índios (CARVALHO; CARRÉRA; SURYA, 2016), que utilizavam de materiais oferecidos pela terra e as técnicas desenvolvidas por eles mesmos, porém com a colonização europeia e a escravização de africanos, houve uma grande mesclagem das técnicas tradicionais no território brasileiro.

Os negros trazidos ao Brasil também conheciam processos construtivos que utilizavam a terra, algumas tribos empregavam estruturas preenchidas com barro, que apresentavam similaridades com as técnicas de algumas tribos brasileiras. O adobe também era conhecido dos africanos. Portanto, durante o início da colonização brasileira, todas as culturas componentes dominavam técnicas construtivas que utilizavam a terra como matéria-prima. A taipa executada no Brasil Colonial pode ser dividida em dois grandes grupos: a de pilão e a de mão. (PISANI, 2004, p. 09)

Figura 8 - Casa no povoado Mariquita com parede de taipa degradada que está na lista da prefeitura de Lagarto/SE para demolição.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Por ser uma arquitetura simples, resultado da utilização de materiais oferecidos pelo meio ambiente e geralmente hoje utilizada pelas camadas mais baixas da sociedade, há um grande problema na preservação desse bem cultural no Brasil, já que ele se torna invisível. Além disso, um dos grandes motivos para condenação desse tipo de arquitetura se deve ao fato de hoje muitas delas poderem oferecer um grau de risco elevado (Figura 8), fazendo com

que sejam condenadas sem ao menos ter nenhuma chance; exemplo disso é o programa do governo que incentiva a demolição de casas de taipa e adobe para construir de alvenaria, descaracterizando assim boa parte do acervo vernacular de várias regiões, inclusive de Lagarto e Itabaiana, as regiões estudadas; sendo esse mais um dos motivos para documentar essas técnicas, antes que elas sejam dizimadas.

A arquitetura que baseia suas técnicas na terra como matéria prima base, possui uma série de vantagens, dentre as quais podem ser citadas: 1 - regulação da umidade ambiental; 2 - economia de energia em seu processo de construção, necessitando apenas “de 1 a 2% da energia despendida com uma construção similar com concreto armado ou tijolos cozidos” (Minke, 2001; apud PISANI, 2004, p. 10); e 3 - processo é totalmente reciclável, podendo ao ser demolidas, ter seus materiais reaproveitados. Mas também possuem algumas desvantagens, como: 1 – é permeável, estando mais suscetíveis a águas; 2 – há forte retração durante a secagem do solo; e 3 – a composição do material depende sempre das características da região. Mas mesmo diante desses fatos não se pode negar a importância da preservação dessas técnicas.

Sendo arquitetura vernacular/popular, a arquitetura que se utiliza de materiais encontrados no ambiente de construção e de técnicas passadas de geração em geração, há uma série de técnicas utilizadas para sua construção, geralmente diferenciando-se de região para região de acordo com a necessidade coletiva e os materiais encontrados. Tendo sido encontrados através de breves visitas às áreas de estudo exemplares de taipa de mão, taipa de sopapo e adobe, essas serão as técnicas abordadas no presente trabalho.

Durante o processo de pesquisa em campo, uma das coisas que foram evidenciadas sobre as técnicas de taipa de mão, taipa de sopapo e adobe foram as condições socioeconômicas dos usuários das diferentes técnicas.

Na maioria dos relatos se é contado que as edificações de taipa eram produzidas através de doações de elementos construtivos como portas, janelas, e até mesmo o barro que tinha no quintal, com o intuito de se ajudar; enquanto as casas de adobe, nas poucas vezes citadas, eram descritas como uma técnica mais complicada, que levava mais tempo para ser feita; exigindo, uma melhor condição financeira, mais tempo para planejamento e compra de materiais. Isso pôde ser exemplificado na única casa de adobe que foi visitada, onde o piso era de cerâmica queimada, a edificação possuía uma dimensão muito superior a todas de taipa visitadas e as esquadrias foram compradas; enquanto a maioria das casas de taipa possuíam piso de cimento queimado ou de barro pisado, dimensões pequenas e portas e janelas doadas.

2.1. Adobe

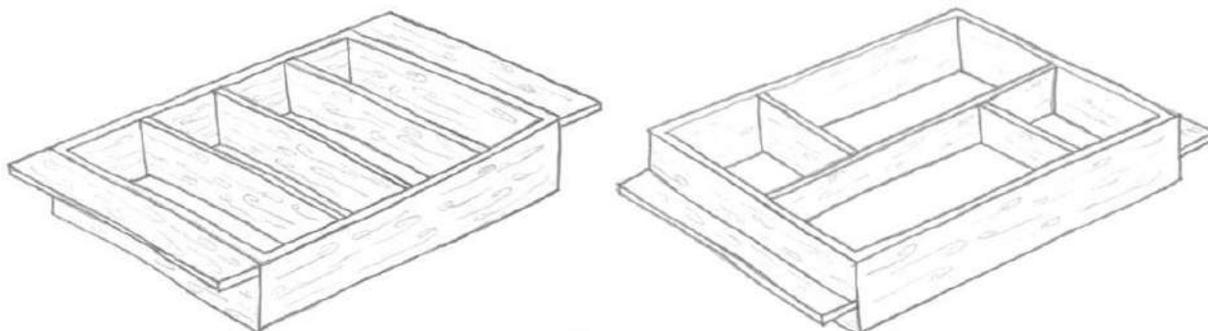
O adobe, popularmente conhecido por adobo, é, segundo Weimer (2005) uma técnica difundida universalmente, pois todos os continentes o conhecem. Vitruvius já falava sobre essa técnica, assim como Heródoto e Plínio. Assim como também já era conhecido no Egito pré-faraônico e na antiguidade mesopotâmica. O adobe é utilizado “desde os primórdios da civilização” de acordo com Soares (2015, p. 02) e trata-se de um tijolo cru de argila compactada, quase sempre secado de maneira natural ao sol.

Em sua forma mais usual a mistura do adobe costuma ser feita através do pisoteamento da argila com a água até a formação de uma massa homogênea que pode ser depositada nas fôrmas (que já devem ter sido feitas com antecedência) para ser postas para secar ao sol e/ou ao vento.

Segundo Lengen (2008), os moldes ou fôrmas para adobe costumam variar de tamanho, mas os mais comuns são 5 x 10 x 20; 8 x 10 x 40 e 10 x 15 x 30; podendo ser de madeira ou metal. Os moldes devem ser feitos de acordo com o tamanho do adobe, podendo assim existir muitas variáveis que de acordo com Weimer (2005) que geralmente podem ser simples em caso de moldagem de adobes individuais e podem ser múltiplas (Figura 9 e 10). O que costuma ser comum a todos os moldes é a varinha pregada nas laterais para que o desmolde seja feito com facilidade.

Ainda de acordo com Legen (2008), para moldar os adobes deve-se molhar o molde com água, jogar a mistura e nivelar a parte de cima, finalizando com a mão molhada alisando a superfície e desenformando com cuidado logo em seguida, deixando para secar geralmente por 1 ou 2 dias, a depender da localidade.

Figura 9 - Fôrma para confecção de quatro adobes do mesmo tamanho. **Figura 10** - Fôrma para confecção de dois adobes inteiros e dois meio adobes.



Fonte: Acervo pessoal adaptado de Lengen (2005), 2019.

Para além da mistura usual do adobe, costuma-se também acrescentar à argila fibras animais ou palhas (Weimer, 2005), coisa que depende bastante dos materiais disponíveis na localidade e do conhecimento coletivo. Mesmo com o acréscimo de fibras ou palhas, todo o processo de moldagem e desmoldagem (Figura 11) deve ser o mesmo.

Figura 11 - Desmoldagem do tijolo de adobe.



Fonte: <<https://br.pinterest.com/pin/5770305755978526/?lp=true>>, 2019.

O adobe apresenta uma série de qualidades construtivas, mas dentre as principais estão o fato dele funcionar como um bom isolante térmico e acústico, além de ser um material barato e sustentável. Acrescenta-se a isso, o fato de ser uma técnica de construção bastante rápida.

Foi bastante difundido no Brasil, especialmente no nordeste e sudeste segundo Soares (2015), até que se estima que a partir do século XX começou a ser substituído aos poucos pelos tijolos de alvenaria e passou a ser visto como sinônimo de pobreza.

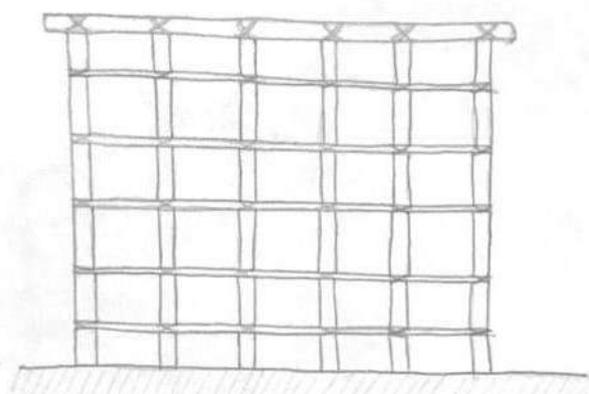
2.2. Taipa de Mão

A taipa de mão é amplamente difundida no território brasileiro e é utilizada desde o início da colonização do país. Geralmente nos exemplares coloniais, essa técnica costumava ser utilizada em paredes internas, estando quase sempre aliada a paredes externas de taipa de pilão (PISANI, 2004).

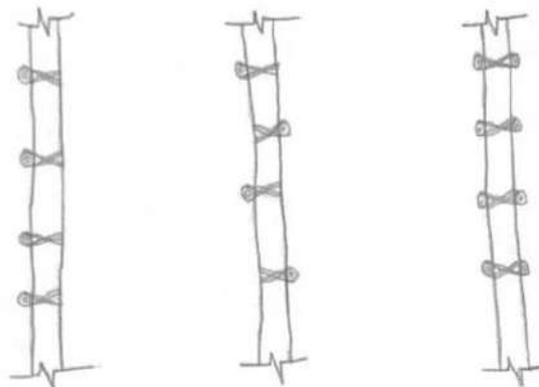
No Brasil, é denominada também como taipa de sebe, taipa de sopapo, ou pau a pique, sendo as duas primeiras denominações aplicadas de maneira errada segundo Weimer (2005, p. 261) que diz que “Essa sinonímia provém de um uso indevido em técnicas diferentes”, tendo o resultado final igual, porém a técnica utilizada na execução diferente.

Para a execução da taipa de mão ou pau a pique primeiro deve-se preparar a trama que segurará o barro. Essa trama deve ter paus verticais mais grossos fincados ao solo, seguidos de varas mais finas perpendicularmente amarradas a esses paus por cipós. As varas podem ser amarradas apenas de um dos lados, alternados de um lado e do outro ou paralelos na face interna e na externa (PISANI, 2004) (Figura 12 e 13).

Figura 12 - Trama com varas paralelas (externo e interno) pronta para colocar o barro. **Figura 13** - Amarração das varas, podendo ser apenas do lado externo; do lado externo e interno de maneira alternada; e dos dois lados de maneira paralela.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.



Fonte: Acervo pessoal adaptado de Pisani (2004), 2019

Após o procedimento da trama concluído, começa o processo de colocação do barro (Figura 14). A taipa de mão é executada com o barro cru misturado a água com as mãos ou pés, sendo logo em seguida pressionado com a mão para dentro das frestas formadas entre os paus verticais previamente fincados no local de execução. O procedimento de colocação do barro costuma ser feito por duas pessoas ao mesmo tempo, uma do lado externo e outra no interno, para que se tenha mais firmeza; porém pode ser feito por apenas um dos lados, mas é um preenchimento menos eficiente segundo Pisani (2004).

Ainda de acordo com Pisani (2004), uma parede de aproximadamente 20 cm de espessura, pode levar até um mês até secar completamente. Só após sua secagem é que é recomendado que seja feito o revestimento, que geralmente é executado também de barro.

Essa técnica ainda é empregada especialmente em zonas rurais brasileiras, porém é vista com bastante preconceito e costuma ser utilizada na falta de poder aquisitivo para se ter uma edificação de alvenaria. Com a diminuição da utilização da taipa de mão, as edificações atuais com esse tipo de técnica não costumam possuir mais a mesma durabilidade, estabilidade e conforto das produzidas no período colonial, dando assim a sensação de que a técnica vêm sendo preservada, porém muitos detalhes já foram perdidos com o tempo.

Figura 14 - Detalhe do lado interno de uma parede de taipa que não foi passado revestimento.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

2.3. Taipa de Sebe

No caso da taipa de sebe, galhos são sustentados e entrelaçados por estacas fincadas no chão, sendo criado um requadro de galhos, onde os verticais estão fincados, enquanto os horizontais são amarrados a eles. É feito um tramado por cima deste, onde se coloca uma superfície plana de ramos entrelaçados. Ao finalizar esse processo, são aplicadas duas camadas de barro (interna e externa) com as mãos.

Costuma-se misturar fibras animais (lã de ovelha e crina de cavalo) e vegetais (capim e galhos) para evitar que fissuramento e desprendimento do barro, que deve estar bastante umedecido. Além disso, é prática habitual depois de seco fazer a aplicação de novas camadas de barro para dar acabamento.

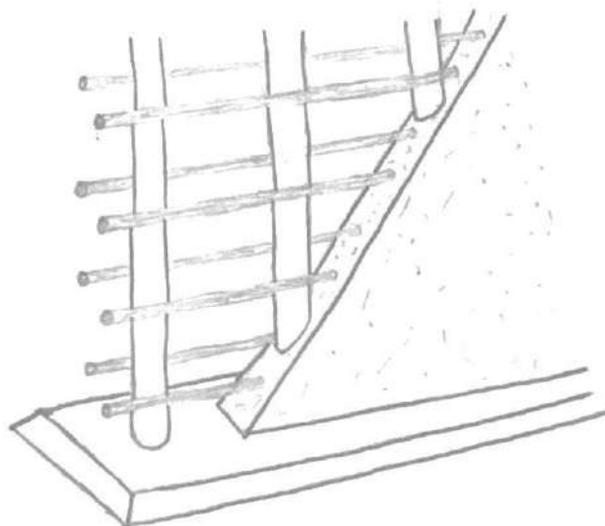
2.4. Taipa de Sopapo

Tendo uma trama parecida com a da taipa de sebe, a taipa de sopapo difere desta pela maneira que é aplicado o barro, sendo nesse caso arremessado em forma de bolas moldadas manualmente. Segundo Weimer (2005, p. 264) “Por se atirar o barro, consegue-se uma ligação mais perfeita entre as duas camadas”, sendo frisado também que requer uma maior sincronia no momento de aplicação.

Em alguns locais para que se haja uma sincronia no momento de jogar o barro, os taapeiros cantam uma música ritmada, se aproveitando de alguns pontos dela para lançá-lo. Assim como nos outros casos, essa mistura também pode vir acrescida de fibras para

evitar fissuração e descolamento, sendo geralmente também alisado após a secagem para dar acabamento (Figura 15).

Figura 15 - Detalhe de trama com varas paralelas (interna e externa) tendo o preenchimento e o revestimento em barro cortado para que se possa ver como funciona a relação trama – barro.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

2.5. Taipa de Pilão

Assim como o adobe, a taipa de pilão também é considerada por Weimer (2005) como patrimônio universal, já que é encontrada em várias culturas, em todos os continentes. No Brasil a taipa de pilão foi uma das primeiras técnicas a ser difundidas e foi uma das preferidas dos colonos paulistas e mineiros de acordo com Arruda *et al.* (200?), já que utilizava materiais que tinham em abundância no país, que eram a madeira o barro. O processo da técnica pode ser assim descrito:

A técnica consiste em socar com um pilão – daí seu nome – terra levemente umedecida entre dois tabuados laterais (chamados de taipais), que são amarrados entre si superior e inferiormente com peças chamadas cangalhas ou agulhas. Para que a massa seja uniforme, a terra deve ser colocada aos poucos e apiloada uniformemente. (Weimer, 2005, p. 259)

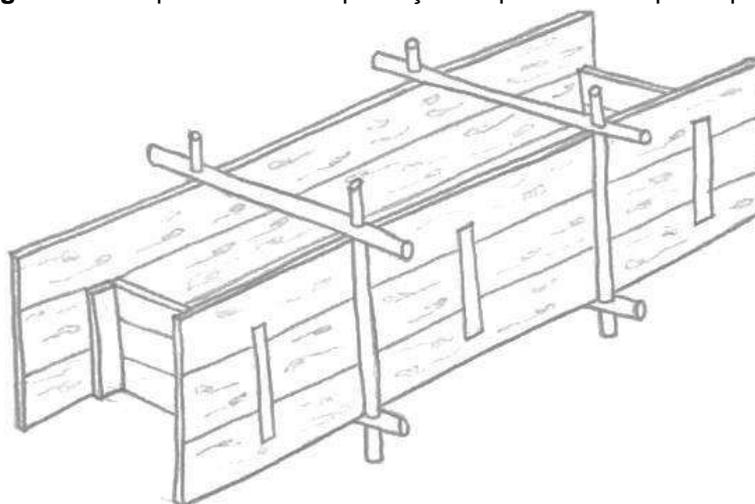
Após o processo descrito por Weimer, os taipais, que não costumam ter menos de 0,60 cm de altura, podem ser retirados para que sejam construídos os próximos trechos da mesma forma, sempre dosando de maneira adequada a água para evitar o aparecimento de fissuras ao secar, coisa que pode ser evitada também se depois de secas as paredes, elas forem vedadas com barro mole.

Segundo Schmidt (1946, apud PISANI, 2004), os solos mais indicados na produção da taipa de pilão eram os vermelhos, seguidos pelos roxos e pardos, pois esses apresentavam uma boa liga, e não deveriam possuir areias, pedregulhos ou outros materiais

orgânicos, que afetariam a resistência do material. A terra deve ser removida a partir de uma certa profundidade, para evitar os materiais acima citados, tendo ainda o barro levemente úmido.

Para preparação da mistura, o solo deve ser esfarelado e logo após acrescentado um pouco de água, amassando-o com mãos ou pés para evitar a formação de caroços. Esse processo deve ser feito até que seja obtida uma massa homogênea. Assim como nos métodos anteriores, durante a preparação da massa podem ser adicionadas fibras vegetais (capim e galhos) e animais (lã de ovelha e crina de cavalo), além de pedras (WEIMER, 2005).

Figura 16 - Taipal utilizado na produção da parede de taipa de pilão.



Fonte: Acervo pessoal adaptado de Pisani (2004), 2019

Os taipais (Figura 16) já citados, possuem medidas que costumam variar entre 1 m a 1,50 m de altura por 2 m a 4 m de comprimento e são feitos de:

[...] tábuas presas a um sarrafo, formando um tabuado com juntas de topo para as tampas ou lados, distanciadas, em função da espessura da parede por outro tabuado denominado de frontal e presas com paus roliços denominados de agulha ou cangalha na horizontal e costa na vertical, formando uma espécie de caixa sem fundo. (PISANI, 2004, p. 11)

O preenchimento do taipal deve ser feito em camadas de 10 a 15 cm, sendo compactado manualmente, a compactação só deve ser “[...] interrompido quando a taipa emite um som metálico característico, o que significa a mínima quantidade de vazios ou que o adensamento manual máximo das argilas foi atingido” (PISANI, 2004, p. 11).

As paredes de taipa de pilão costumam levar de 3 a 6 meses para secagem completa, podendo ter esse tempo alterado de acordo com o tipo de solo utilizado ou condições climáticas do local. Nessa técnica o revestimento também só deve ser colocado após a secagem completa.

Uma das poucas desvantagens das construções feitas por essa técnica é a necessidade de grandes espessuras em suas paredes e o fato de serem muito vulneráveis a umidade.

Para Schmidt (1946, apud PISANI, 2004) a taipa de pilão começou a cair em decadência na década de 40, sendo essa a época onde o tijolo maciço começa a mostrar uma maior rapidez de construção e menor custo, então a mão de obra de taapeiros começou a desaparecer dando lugar aos pedreiros.



3

CAPÍTULO 03

A memória construtiva sergipana

3. A MEMÓRIA CONSTRUTIVA SERGIPANA

Este capítulo aborda as construções de Sergipe através da sua memória, buscando na história oral os métodos construtivos vernaculares do interior do estado. Nele será retratada a forma que os antepassados construíam e a forma com que os seus filhos aprenderam e reproduzem. Será contada a história pelos olhos de Dona Teresinha, de Dona Sônia, de Dona Francisca, Dona Iracema, Seu Américo, e de tantas outras Senhoras e Senhores de Sergipe.

O tema do capítulo é o que dá título ao trabalho e nele não será abordado apenas as técnicas utilizadas, como também as festas durante a construção e a síntese dos levantamentos feitos nas edificações analisadas, chegando assim à documentação da história ainda viva.

O presente trabalho utilizou-se de relatos orais para obtenção de informações sobre as construções vernaculares no interior de Sergipe. Para tanto, foi utilizada a 3ª edição do livro *Manual de História Oral* de Verena Alberti, onde o autor descreve passo a passo como pode-se proceder para documentação e preservação da história oral.

[...] Se podemos arriscar uma rápida definição, diríamos que a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (ALBERTI, 2005, p. 18)

Os povoados escolhidos para estudo tanto na cidade de Lagarto quanto na cidade de Itabaiana foram indicados na prefeitura, no CRAS e por moradores dos próprios povoados que foram se auto indicando.

Em Lagarto, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é responsável pela contabilização de edificações de taipa e adobe para incluí-las no programa de erradicação de habitações subnormais, por isso foi com eles que se encontrou mais informações sobre os povoados com maior incidência de edificações vernaculares, incluindo Mariquita e Olhos D'água, na saída de Lagarto para Simão Dias; Pindoba e Crioulo na saída de Lagarto para Riachão do Dantas. Além do CRAS, a prefeitura de Lagarto disponibilizou um mapa com todas as escolas municipais da cidade (ANEXO 1), onde estavam inclusos os povoados, porém, vale ressaltar que a base de dados das duas prefeituras sobre os seus respectivos povoados é quase inexistente, aumentando assim a dificuldade de documentar

qualquer coisa nesses locais.

Na cidade de Itabaiana, foi do acervo pessoal de um funcionário da Secretaria de Obras onde se conseguiu o mapa desatualizado com as delimitações dos povoados do município (ANEXO 2) e indicações de onde poderia ser encontrada a maior concentração de edificações vernaculares, sendo citados povoados como Sobrado, Pé do Veado e Várzea do Gama, já próximos a Macambira; Agrovila; e Ribeira, na saída de Itabaiana para Aracaju. Além do mapa com os povoados na Secretaria de Obras, também foi conseguido na sede do IBGE de Itabaiana, as coordenadas de cada um dos povoados da cidade, facilitando assim a ida a cada um deles.

Após as informações obtidas, foram sintetizadas em dois mapas, um com todos os povoados que seriam procuradas as edificações vernaculares em Lagarto e outro com as mesmas informações sobre Itabaiana. Com os mapas e coordenadas dos povoados em mãos, em visita a cada um dos povoados, foi feito um mapeamento das casas vernaculares desses locais.

Após o mapeamento das casas deu-se início o processo de conversa com a população em busca do relato oral tanto de quem já teve ou já fez edificações vernaculares, quanto de quem ainda vive nessas casas; finalizando o trabalho de campo com o levantamento fotográfico e cadastral da edificação, para que se fosse feito posteriormente a sua sistematização e comparação.

Tabela 1 – Ficha de Dados do Projeto utilizada na sintetização das entrevistas feitas.

DADOS DO PROJETO				
NOME DO PROJETO:	O SABER FAZER E A MEMÓRIA CONSTRUTIVA SERGIPANA: A VERNACULARIDADE EM LAGARTO E ITABAIANA			
DATA DA ENTREVISTA:	DURAÇÃO:	LOCAL ENTREVISTA:		
ENTREVISTADOR:	LOCAL DE ESTUDO:			
DADOS DO ENTREVISTADO				
NOME COMPLETO:	LOCAL :			
DATA DE NASCIMENTO:	PROFISSÃO:	<input type="checkbox"/> MORADOR <input type="checkbox"/> CONSTRUTOR		
POVOADO:	<input type="checkbox"/> OUTROS:			
ENDEREÇO:				
CIDADE:	OBSERVAÇÕES:			
CASA DE ESTUDO:				

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A ficha de Dados do Projeto (Tabela 1) foi feita para sintetizar as informações sobre a entrevista, por isso traz, assim como sugerido no Manual de História Oral de Verena Alberti, na pág. 157, informações sobre a entrevista e o entrevistado, visando poupar “o usuário [...] de vasculhar toda a entrevista à procura do assunto que lhe interessa [...]” (ALBERTI, 2005, p. 157).

Tabela 2 – A ficha de Descrição da Casa foi utilizada para resumir as informações sobre cada uma das edificações visitadas.

DESCRIÇÃO DA CASA							
LOCALIZAÇÃO DA CASA:				POVOADO:			
FACHADA PRINCIPAL:		FACHADA LAT. DIREITA:		QT. DE CÔMODOS: 07			
FACHADA POSTERIOR:		FACHADA LAT. ESQUERDA:					
<input type="checkbox"/> COZINHA	<input type="checkbox"/> QUARTO	<input type="checkbox"/> SALA	<input type="checkbox"/> CORREDOR	<input type="checkbox"/> VARANDA	<input type="checkbox"/> WC IN	<input type="checkbox"/> WC EX	
TIPO DE PISO:		MENOR VÃO :		MAIOR VÃO:			
LARGURA DE PORTAS :		LARGURA DE JANELAS:		PÉ DIREITO:			
PATOLOGIAS:							
OBSERVAÇÕES:							

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Para auxiliar na sistematização de cada uma das edificações levantadas, foi criada a tabela de Descrição da Casa (Tabela 2); que teve por intuito facilitar a comparação entre as edificações através dos parâmetros estabelecidos. Os parâmetros foram baseados nas informações de como são feitas as edificações vernaculares, retiradas dos livros Manual do Arquiteto Descalço, de Johan Van Lengen e Arquitetura Popular Brasileira, de Weimer Günter.

Apesar das diversas técnicas vernaculares existentes, o presente trabalho se desenvolverá com foco em três delas, que foram as encontradas nas localidades de estudo: Taipa de Mão; Taipa de Sopapo; e Adobe.

3.1. Semelhanças e Discrepâncias: Lagarto x Itabaiana

Muitas foram as semelhanças encontradas nos métodos construtivos vernaculares de Lagarto e Itabaiana; inicialmente a maior semelhança encontrada foi a predominância da Taipa de Mão, método utilizado pela maioria dos entrevistados em suas construções. Além da predominância dessa técnica, ainda há uma grande semelhança no passo a passo ao construir, havendo apenas grande discrepância com relação ao alicerce da edificação, já que na maioria dos casos de Lagarto não havia nenhum; e em Itabaiana haviam alicerces de pedra, especialmente pela região de solo irregular.

Algo que chama também a atenção nos dois municípios são as tipologias das residências. Em sua maioria elas possuem os mesmos cômodos e disposições parecidas: Uma varanda na frente, a sala como primeiro cômodo, os quartos na lateral da sala, seguido pela cozinha, que em sua maioria era o último cômodo. Apesar da semelhança na tipologia, as edificações possuem dimensões diferentes (mantendo geralmente o mesmo formato retangular), com vãos de até 7,50 m, ou seja, as edificações não apresentam de maneira clara um vão mínimo ou máximo a ser seguido por conta da técnica escolhida.

A casa por sua vez, dentre as analisadas, possui semelhança em suas composições: formato retangular; em média seis cômodos; telhado em sua maioria de duas águas; quanto as que têm a queda de água frontal e no fundo

percebe-se que possuem um pé direito mais alto na fachada que vai diminuindo até o fim da casa, chegando até a altura de 1.60m; as que possuem varanda são sustentadas por pilares de madeira; e a presença de duas portas de acesso: na sala e cozinha. (TRINDADE, 2019, p. 34)

A maioria das casas estudadas não possui banheiro ou possuem ele externo, implantado após a construção da edificação. Possuem apenas uma porta na frente e uma no fundo; janelas pequenas na frente e fundo da casa também, tendo poucos casos onde há janelas nas laterais, mesmo as casas tendo um grande recuo lateral.

Talvez pela proximidade entre os dois municípios e pelas características semelhantes de seu povo, não há grandes discrepâncias nos métodos construtivos vernaculares; exceto pelas características advindas de suas peculiaridades geográficas.

3.2. Denominações

Assim como a singularidade da construção das casas de taipa, existe a singularidade da denominação dos seus cômodos. Os moradores dos povoados de Lagarto, conhecem a varanda por **alpendre** e o primeiro cômodo da casa - no caso deles - sempre a sala, como **varanda**. Essa troca retardou a compreensão do layout e do fluxograma da edificação no início das entrevistas, até o esclarecimento dos nomes de cada cômodo.

O primeiro contato com a casa sertaneja acontece no alpendre. Este espaço funciona como uma extensão do terreiro ao mesmo tempo em que é diretamente ligado com o interior da casa. Na verdade, é uma transição entre esses espaços. É um lugar de preparação. (TRINDADE, 2019, p. 41)

As casas de taipa costumam ser compostas por (nos termos dos entrevistados): 1- Alpendre; 2- Varanda; 3- Sala; 4- Quarto; 5- Cozinha. Na maioria delas, não há banheiro interno, sendo o externo incorporado até mesmo de bloco, após a construção da casa.

Assim como os cômodos da casa tem algumas denominações próprias, em várias das entrevistas se vê falar sobre **Batalhão**; batalhão era o nome dado à aglomeração de pessoas para tapagem da edificação de taipa, logo, na hora de da finalização da casa era sempre feito o batalhão com amigos e conhecidos. As denominações, claro, são particularidade de cada região, e são de grande importância para preservação da identidade do seu povo.

3.3. Lagarto

O município de Lagarto, em 2000, possuía 51,00% da sua população na zona rural; e em 2010 esse número baixou para 48,00% (EMDAGRO 2018); hoje ele possui mais de cem povoados, de acordo com o CRAS da cidade, estando entre os seus principais a Colônia Treze, Santo Antônio, e Brejo. Nesses três povoados, sendo eles os mais conhecidos

da cidade, há uma menor concentração em seus centros, de construções vernaculares, apesar de manterem assim como na cidade algumas tradições Lagartenses, como comer ³arroz de galinha dia de sexta e ⁴maniçoba dia de sábado. Os povoados menores ou mais afastados da cidade, foram os indicados na procura de edificações vernaculares.

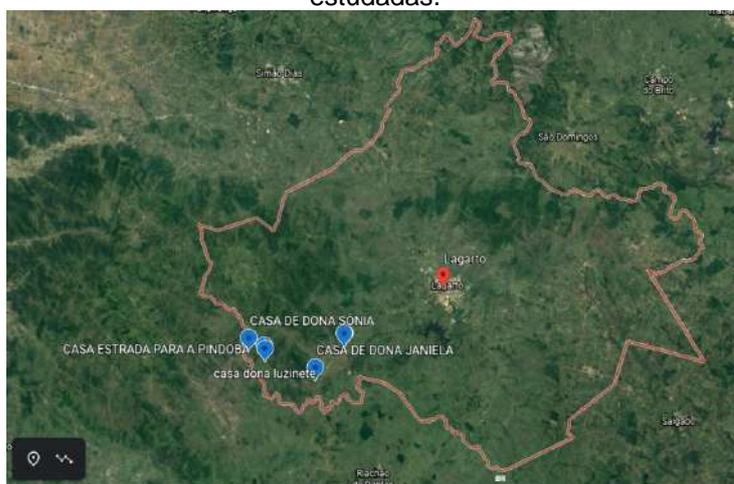
Nessa cidade, o trabalho focará em quatro povoados: Crioulo, Várzea do Crioulo, Madanela e Pindoba (Figura 17 e 18). Os quatro surgiram como sugestões de locais onde poderiam ser encontradas residências vernaculares, sendo confirmados através de visitas ao local.

Figura 17 – Relação de locais visitados durante a fase de levantamento; no mapa pode-se encontrar todas as edificações vernaculares levantadas nos povoados Pindoba, Madanela e Crioulo. Os pontos azuis foram as casas onde foram feitos levantamentos cadastrais e as que o presente trabalho focará. Os pontos amarelos foram as edificações encontradas, mas que por motivos específicos não foram levantadas.



Fonte: Google Earth adaptado pelo autor, 2020.

Figura 18 – Mapa com a delimitação do município de Lagarto e a localização das cinco edificações estudadas.



Fonte: Google Earth adaptado pelo autor, 2020.

³ Prato composto por arroz branco, galinha cozida e vatapá.

⁴ Parto feito a partir da folha da mandioca.

3.3.1. Crioulo

O Campo do Crioulo é dividido pela população em Crioulo de Baixo, Crioulo de Cima e Crioulinho; encontra-se a 17 km da sede do município de Lagarto e possui 533 habitantes de acordo com dados da EMDAGRO (2018). O acesso ao povoado é através de estradas de barro estreitas e íngremes em alguns locais, e não possui transporte público do povoado até a BR SE 170 (que liga o povoado a cidade), sendo o transporte reduzido a apenas alguns ônibus em dias de feira em Lagarto (segunda e quinta) e os ônibus escolares.

No centro do povoado foram encontradas apenas casas de alvenaria convencional, sendo apenas nas extremidades do povoado onde foram encontradas quatro casas de taipa: uma delas os moradores não estavam em casa, então foi tirada foto apenas da fachada e coletada a coordenada; a outra estava desocupada, então foi coletada a coordenada e feito o levantamento fotográfico; e das outras duas que pertencem a Dona Claudivânia Conceição dos Santos e a outra a Dona Maria Domingas de Souza de Jesus, sendo que nas duas foram feitos o levantamento cadastral, fotográfico e a entrevista com os moradores.

3.3.1.1. Casa de Dona Claudivânia

Figura 19 – Detalhe da fachada posterior da edificação onde há pouco havia sido colocado um novo reboco já que o anterior estava bastante deteriorado. 1- É possível ver as varas da estrutura da casa; 2- Não é possível ver o ⁵envaramento pois foi feito o reboco com barro de formigueiro por cima.

Figura 20 – Detalhe do caixão da porta na fachada principal, onde a madeira é mais grossa, assim como em todas as extremidades da casa de taipa.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

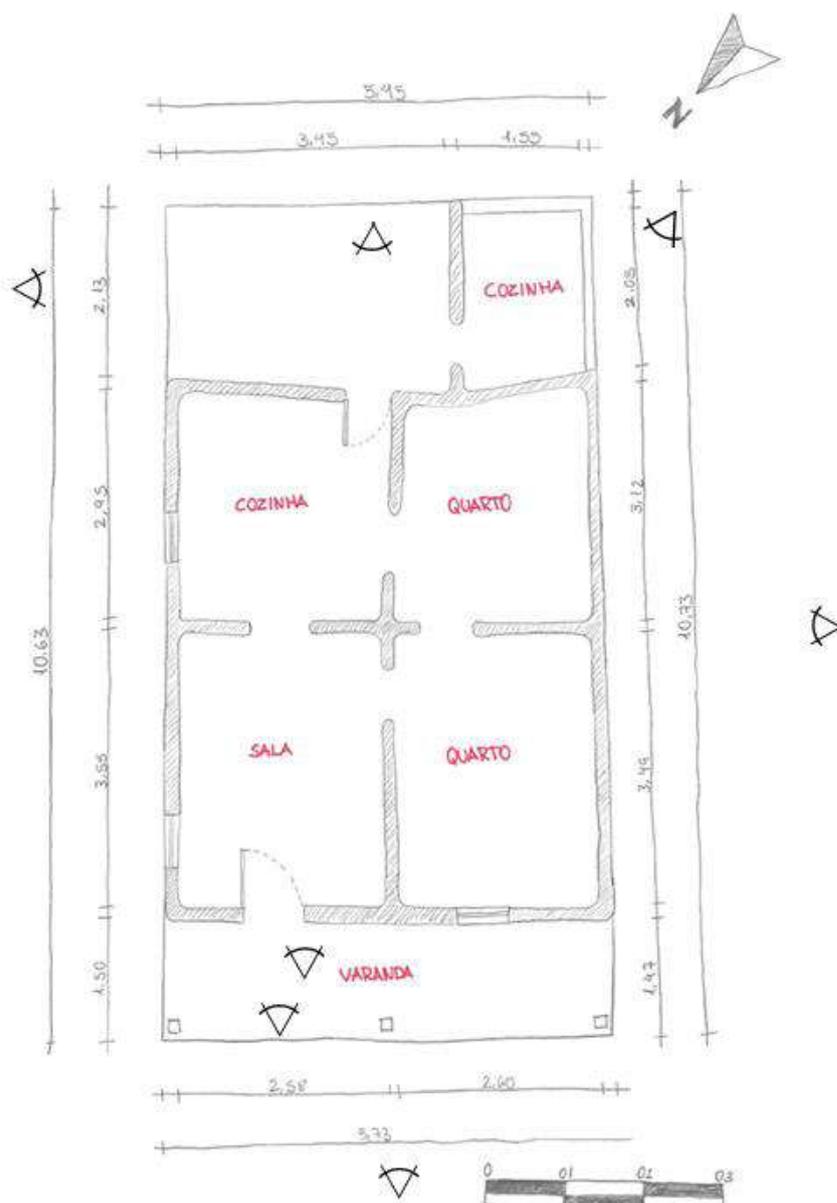
⁵ Trama de varas de madeira que seguram o barro, formando a parede.

Tabela 03 – Ficha de resumo da edificação levantada, onde pode-se analisar uma síntese das principais informações obtidas.

DESCRIÇÃO DA CASA						
LOCALIZAÇÃO DA CASA:		10°58'00"S 37°45'18"O			POVOADO:	Crioulo
FACHADA PRINCIPAL:		6,70 m	FACHADA LAT. DIREITA:	10,73 m	QT. DE CÔMODOS: 06	
FACHADA POSTERIOR:		5,45 m	FACHADA LAT. ESQUERDA:	10,63 m		
(02) COZINHA	(02) QUARTO	(01) SALA	(-) CORREDOR	(01) VARANDA	(-) WC IN	(-) WC EX
TIPO DE PISO: Cimento Quei.		MENOR VÃO :	1,85 m	MAIOR VÃO:	3,55 m	
LARGURA DE PORTAS :		LARGURA DE JANELAS:		PÉ DIREITO:		
PATOLOGIAS:						
OBSERVAÇÕES: Casa sem banheiro interno ou externo.						

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Planta 01 – Planta Baixa da casa de Dona Claudivânia. Todas as paredes hachuradas são feitas em taipa; enquanto as paredes sem hachura são em alvenaria cerâmica.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A edificação possui duas portas de acesso, uma na fachada frontal e outra na fachada posterior (Figura 19, 20 e 21) que dá para a pequena cozinha do fogão a lenha no fundo da residência. As duas portas, assim como as janelas das áreas sociais da casa costumam se manter abertas, facilitando a ventilação cruzada e consequentemente deixando o ambiente mais fresco, além de bem iluminado; porém na rápida visita pôde-se também perceber que os quartos, que ficam na lateral direita da casa (Figura 22), não apresentam boa iluminação e nem boa ventilação, pois um deles tem apenas a porta de entrada e uma porta de ligação com o outro quarto que é o que possui uma janela. É perceptível também que a permanência acontece mais nas áreas sociais do que nas áreas privadas da casa, já que os quartos parecem ser utilizados apenas para seu uso básico, o que pode ser potencializado pela falta de conforto nesses ambientes.

Figura 21 – Fachada principal da edificação, num nível pouco acima do da rua, com porta holandesa, uma janela pequena e três pilares em concreto que sustentam a cobertura na varanda.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 22 – Lateral da edificação com envaramento a mostra por desgaste do reboco com a mistura de barro de formigueiro e água.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Seu telhado possui uma altura mediana que permite a entrada e circulação de ar, além de ser feito de telha cerâmica, sem nenhum tipo de forro; sua estrutura é de duas águas, com um anexo de uma terceira água na cozinha do fundo que foi construída posteriormente (Figura 23). O piso em toda a edificação é de cimento queimado e no entorno mais próximo de barro.

Figura 23 – À esquerda, 1- Parede da cozinha que fica fora da casa; 2- O alicerce da estrutura de bloco antes existente. **Figura 24** - À direita, detalhe da porta holandesa na fachada principal da edificação, mostrando suas extremidades com o reboco arredondado característico das edificações em taipa, formato dado pela movimentação das mãos na execução do reboco.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

As portas da edificação estiveram todas entre 0,60 m e 0,80 (Figura 24), sendo as internas apenas com a abertura e com um tecido como cortina, e as duas externas portas holandesas bastante características dos interiores sergipanos; as janelas variaram entre 0,50 m e 0,70 m e possuem abertura para dentro.

A casa é quase toda de taipa, como pode ser percebido na parte hachurada do croqui, porém possui uma parte em bloco (Figura 25).

Figura 25 – Final da edificação de taipa e início da cozinha que possui duas paredes em alvenaria cerâmica. Detalhe para cerca de varas de madeira, as mesmas utilizadas na execução do envaramento da edificação.

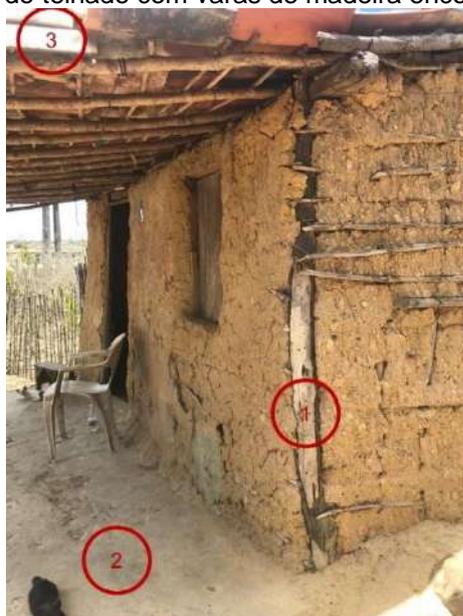


Fonte: Acervo pessoal, 2020.

3.3.1.2. Casa de Dona Domingas

Dona Domingas mora no povoado Crioulo, especificamente no Crioulo Alto ou crioulinho, com seu filho. Sua casa foi construída por um primo, Seu Américo, há sete anos. De acordo com Seu Américo, a casa foi feita de taipa de mão pela falta de recursos da moradora, e para sua construção, ele utilizou madeiras coletadas na região, barro de lá mesmo e mão de obra amiga para auxiliar na tapagem da edificação (Figura 26).

Figura 26 – Varanda da casa de Dona Domingas, destacando especialmente 1- Extremidade da estrutura, onde a madeira é mais grossa; 2- O chão de terra batida, assim como o interior da edificação; e 3- A estrutura do telhado com varas de madeira encontradas no próprio povoado.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Tabela 04 – Ficha de resumo da edificação levantada, onde pode-se analisar uma síntese das principais informações obtidas.

DESCRIÇÃO DA CASA						
LOCALIZAÇÃO DA CASA:	10°58'01"S 37°45'20"O				POVOADO:	Crioulo
FACHADA PRINCIPAL:	3,92 m	FACHADA LAT. DIREITA:	8,20 m	QT. DE CÔMODOS: 07		
FACHADA POSTERIOR:	4,59 m	FACHADA LAT. ESQUERDA:	7,69 m			
(01) COZINHA	(02) QUARTO	(02) SALA	(-) CORREDOR	(01) VARANDA	(-) WC IN	(01) WC EX
TIPO DE PISO: chão batido	MENOR VÃO :	1,51 m	MAIOR VÃO:	2,52 m		
LARGURA DE PORTAS :		LARGURA DE JANELAS:		PÉ DIREITO	1,26 - 2,52	
PATOLOGIAS:						
OBSERVAÇÕES: Casa com banheiro externo e área de serviço. Casa com mais de 7 anos.						

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A casa possui duas portas holandesas que dão acesso ao seu interior, uma na fachada principal (Figura 27) e outra no fundo da casa, dando para área de serviço; em seu interior só as aberturas das portas. Possui dois quartos, chamando atenção para parede de bloco construída para dividir o primeiro quarto da sala (Figura 28), já que segundo Seu Américo a de taipa que ele construiu não ficou firme e precisou ser demolida; a cozinha tem o telhado bem baixo e apenas a abertura da porta, tornando o lugar desconfortável para permanência prolongada, já que é muito quente e escuro.

Figura 27 – Porta da fachada principal da edificação, com detalhe para a verga com uma vara de madeira mais grossa acima da porta; e soleira também em madeira. **Figura 28** – Detalhe para 1- Chão de terra batida; 2- Parede de bloco cerâmico, rebocada com argamassa.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Tem apenas duas janelas, que variam entre 0,60 m e 0,70 m (Figura 29), tornando o local mal iluminado e mal ventilado, além disso a falta de iluminação e o layout apinhada da edificação dificultam a boa visibilidade de todo o ambiente. O telhado é baixo, especialmente

no fundo da casa (Figura 31), chegando a 1,26 m, por isso a entrada de ventilação e circulação do ar também é prejudicada.

Figura 29 – À esquerda, janela feita em madeira com detalhe das 1- Varas da estrutura da edificação nas extremidades. **Figura 30** – À direita, abertura de divisão de uma sala para outra com peças de madeira mais grossas servindo como 1- Pilar; e 2- Viga.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

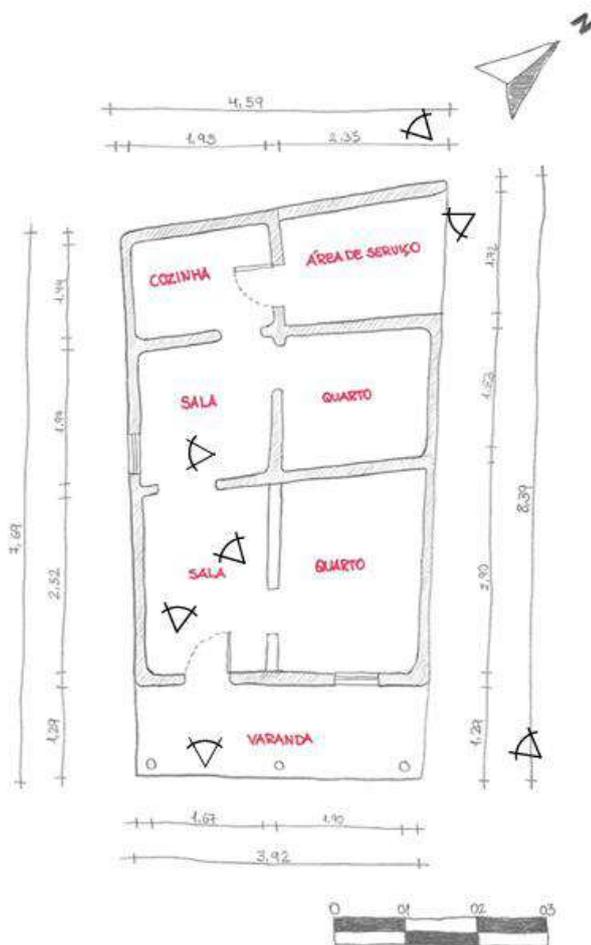
No fundo da casa foi construído em taipa um banheiro externo, além de um espaço para guardar coisas (Figura 32). Na frente da casa há uma varanda com três pilares para sustentação do telhado em madeira.

Figura 31 – Parede externa do 1- Segundo quarto da edificação; 2- Espaço externo onde fica pia de lavar pratos e roupas. Fonte: Acervo pessoal, 2020. **Figura 32** – À direita, estrutura afastada da edificação onde localiza-se o 1- Banheiro; e o 2- Depósito.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Planta 02 – Planta Baixa da casa de Dona Domingas. Todas as paredes hachuradas são feitas em taipa; enquanto as paredes sem hachura são em alvenaria cerâmica.



3.3.2. Várzea do Crioulo

O Várzea do Crioulo é chamado por muitos de Vaje e não aparece no mapa da prefeitura como povoado, porém é considerada pela população que lá vive; já que eles ao contrário dos órgãos públicos sabem sempre onde começa e onde termina cada povoado. O acesso ao povoado é feito pelo Crioulo (e talvez daí tenha surgido seu nome) portanto o seu transporte tem acesso tão limitado quanto o dos povoados vizinhos.

Lá foi encontrada apenas uma casa de taipa, de Janiela Vieira Santos. A edificação foi fotografada e medida; e a mesma concedeu uma entrevista para o trabalho.

3.3.2.1. Casa de Dona Janiela

Dona Janiela mora com o marido e a filha no povoado Várzea do Crioulo, ao lado da residência de sua mãe, em uma casa de taipa construída pelo seu avô há mais de 50 anos.

Por não ter sido construída por ela, a moradora sabe poucos detalhes sobre a sua construção e não costuma fazer muitos reparos na edificação, sendo exemplo disso o fato de um pedaço do lado direito ter caído (Figura 33). A mãe dela conta que a casa é bastante fresca, principalmente na parte da tarde.

Figura 33 – 1- Parede de taipa e telhado em estado de desmoronamento no no fundo da edificação; além do detalhe da 2- Parede externa da cozinha, feita de alvenaria cerâmica.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 34 – Fachada da casa de Janiela, mostrando onde foi acrescentada a estrutura da edificação uma 1- Garagem em alvenaria cerâmica. É possível perceber também a 2- Cobertura que possui uma configuração de três águas na parte frontal.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Tabela 05 – Ficha de resumo da edificação levantada, onde pode-se analisar uma síntese das principais informações obtidas.

DESCRIÇÃO DA CASA					
LOCALIZAÇÃO DA CASA:		10°59'41"S 37°46'46"O		POVOADO:	Crioulo
FACHADA PRINCIPAL:		6,40 m	FACHADA LAT. DIREITA:	8,94 m	QT. DE CÔMODOS: 05
FACHADA POSTERIOR:		6,50 m	FACHADA LAT. ESQUERDA:	9,54 m	
(01) COZINHA	(02) QUARTO	(02) SALA	(-) CORREDOR	(01) VARANDA	(-) WC IN (-) WC EX
TIPO DE PISO: Cimento Quei.		MENOR VÃO :	2,61 m	MAIOR VÃO:	3,14 m
LARGURA DE PORTAS :		LARGURA DE JANELAS:		PÉ DIREITO: 1,73 - 2,88	
PATOLOGIAS:					
OBSERVAÇÕES: Casa sem banheiro interno ou externo. Casa com mais de 50 anos.					

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Na fachada da casa algumas modificações já podem ser notadas: ao lado da casa foi construída uma garagem de alvenaria convencional e portão de alumínio (Figura 34). Dentro da casa também já há algumas paredes de bloco (Figura 35).

A casa possui uma boa ventilação e iluminação nas áreas comuns (Figura 36); o quarto da frente também é bem iluminado e ventilado, porém o último quarto é desprivilegiado em relação a isso, já que tem apenas a porta de entrada. A porta da frente é tipo holandesa, enquanto a abertura da fachada posterior se encontra sem porta.

Figura 35 – À esquerda, parede feita em alvenaria cerâmica na cozinha, com detalhe para a 1- Contra verga da janela feita com uma peça de madeira. **Figura 36** – À direita, abertura na sala que permite a visualização do fundo da edificação. É possível perceber também as 1- Paredes com acabamentos arredondados do reboco de barro.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

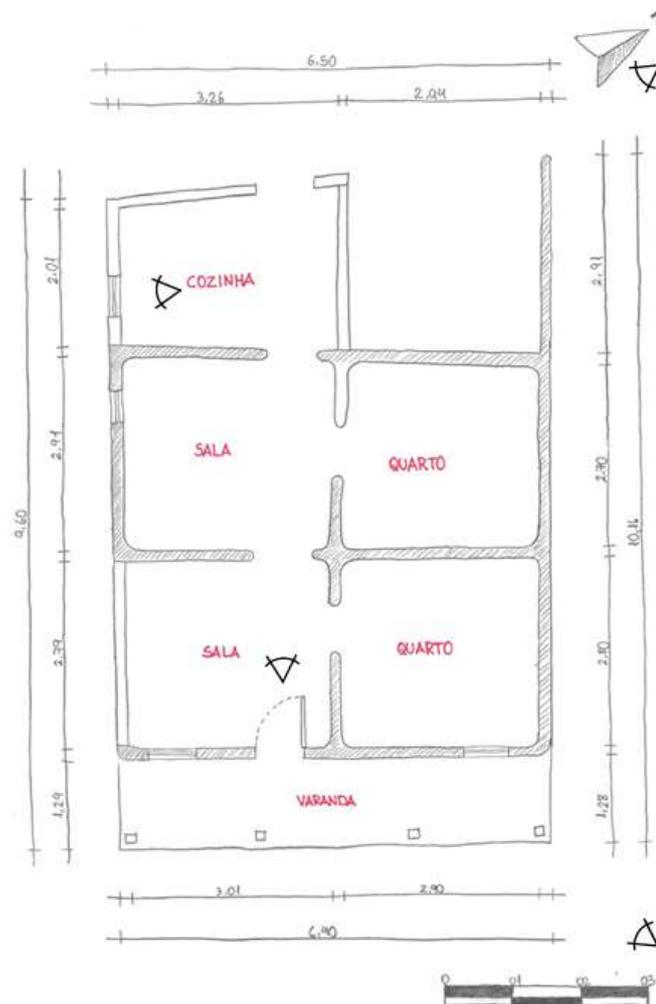
O telhado de três águas feito com peças de madeira (Figura 37), é alto, ajudando na circulação de ar dentro da residência, trazendo maior sensação de conforto térmico.

Figura 37 – Telhado com grossas peças em madeira e telhas cerâmicas.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Planta 03 – Planta Baixa da casa de Dona Janieli. Todas as paredes hachuradas são feitas em taipa; enquanto as paredes sem hachura são em alvenaria cerâmica.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

3.3.3. Madanela

O povoado Madanela está localizado em uma área de transição, entre Pindoba e Crioulo, que são dois povoados que possuem mais presença do estado. Encontra-se a mais ou menos 20 km da cidade sede, possuindo apenas algumas casas espaçadas e o mesmo problema de falta de transporte que os outros povoados já citados.

Lá foram encontradas cinco casas de taipa: três os moradores não se encontravam no momento, então foi tirada apenas foto da fachada e realizada a coleta de coordenada; a outra parecia não estar sendo ocupada de maneira permanente, então foi realizado o levantamento fotográfico da parte possível de fotografar; e a última foram realizados apenas os levantamentos.

3.3.3.1. Casa de Dona Luzinete

A casa de Dona Luzinete está localizada no povoado Madanela e é na verdade de seu filho que não mora mais lá. A edificação encontra-se desocupada e foi aberta apenas para o levantamento, por isso, não há muito informação sobre ela, além das levantadas nas medições.

Figura 38 – Fachada da casa de Dona Luzinete, que possui uma porta holandesa, duas janelas e quatro pilares em madeira. Detalhe para a diferença de nível no telhado.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Tabela 06 – Ficha de resumo da edificação levantada, onde pode-se analisar uma síntese das principais informações obtidas.

DESCRIÇÃO DA CASA							
LOCALIZAÇÃO DA CASA:	10°58'45"S 37°49'17"O					POVOADO:	Madanela
FACHADA PRINCIPAL:	6,32 m	FACHADA LAT. DIREITA:	6,22 m	QT. DE CÔMODOS: 05			
FACHADA POSTERIOR:		FACHADA LAT. ESQUERDA:	6,29 m				
(02) COZINHA	(01) QUARTO	(01) SALA	(-) CORREDOR	(01) VARANDA	(-) WC IN	(01) WC EX	
TIPO DE PISO: Cimento Quei.	MENOR VÃO :	1,80 m	MAIOR VÃO:	3,42 m			
LARGURA DE PORTAS :		LARGURA DE JANELAS:		PÉ DIREITO: 1,48 - 2,30			
PATOLOGIAS:							
OBSERVAÇÕES: Banheiro externo construído posteriormente.							

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A residência tem duas paredes de bloco em seu interior e um banheiro externo também de bloco. Apesar de possuir uma quantidade razoável de aberturas, por causa da sua falta de ventilação cruzada e do seu pé direito muito baixo (Figura 38 e 39), aparenta ser quente. Há duas portas holandesas de acesso à edificação, uma na fachada principal e outra na fachada posterior. Na cozinha, que tem acesso ao lado externo é onde encontra-se o forno a lenha (Figura 39).

Figura 39 – Último cômodo da edificação, onde o pé direito é mais baixo. Detalhe para a 1- Quina da parede que é bastante arredondada e possui uma grande rachadura.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 40 – Porta de entrada da edificação, com 1- Contra verga e batente em madeira. **Figura 41** – 1- Quina da parede curvada por conta do reboco em barro.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

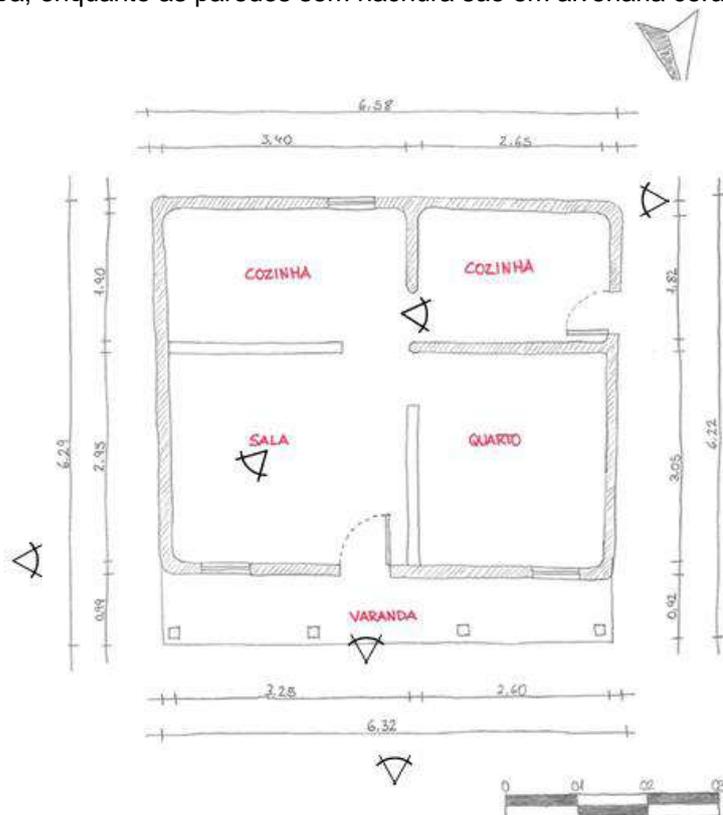
O seu acabamento externo e interno encontra-se bem desgastado (Figura 40, 41, 42 e 43). A edificação possui cisterna de abastecimento, pois assim como as outras casas, não tinha água encanada, mas possuía energia elétrica.

Figura 42 – Vista da varanda com 1- Pilares em madeira; e 2- Lateral da edificação com envaramento começando a ficar a mostra. **Figura 43** – À direita, detalhe da quina da parede externa com envaramento a mostra.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Planta 04 – Planta Baixa da casa de Dona Luzinete. Todas as paredes hachurados são feitas em taipa; enquanto as paredes sem hachura são em alvenaria cerâmica.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

3.3.4. Pindoba

O povoado Pindoba foi o último do percurso, estando localizado a 26,3 km de Lagarto (45 min de carro). O povoado possui 237 habitantes de acordo com dados da EMDAGRO (2018); hoje está de cara nova, foi reformado pela prefeitura e onde antes só havia mato e casas de barro, há uma praça, ruas pavimentadas e muitas casas de alvenaria convencional (restando apenas duas casas de taipa). O acesso a transporte público é tão complicado quantos os outros povoados, sendo talvez ainda mais de delicado acesso, com estradas mais inclinadas e mais estreitas até a entrada do povoado.

Das duas casas encontradas na Pindoba, uma delas não havia morador no momento da visita, por isso foi catalogada apenas pela foto da sua fachada e pela coordenada para retorno posterior; a segunda casa foi de Dona Sônia Maria da Silva Araújo, que foi levantada através de fotografias e de medidas e onde aconteceu um recolhimento de relato.

3.3.4.1. Casa de Dona Sônia

Dona Sônia mora no povoado Pindoba, com seus três filhos, seu marido e neto. A edificação (Figura 44) foi construída por ela e seu marido há quase 20 anos com um batalhão para tapagem.

Figura 44 – Fachada frontal da casa de Dona Sônia, com detalhe para o acabamento do reboco e da pintura, além das três colunas em concreto e da diferença de nível da casa para rua.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Tabela 07 – Ficha de resumo da edificação levantada, onde pode-se analisar uma síntese das principais informações obtidas.

DESCRIÇÃO DA CASA						
LOCALIZAÇÃO DA CASA:			10°58'14"S 37°50'5"O		POVOADO:	Pindoba
FACHADA PRINCIPAL:		6,25 m	FACHADA LAT. DIREITA:	9,29 m	QT. DE CÔMODOS: 05	
FACHADA POSTERIOR:		6,22 m	FACHADA LAT. ESQUERDA:	9,19 m		
(01) COZINHA	(02) QUARTO	(01) SALA	(-) CORREDOR	(01) VARANDA	(-) WC IN	(01) WC EX
TIPO DE PISO: Chão Batido		MENOR VÃO :		2,02 m	MAIOR VÃO:	7,50 m
LARGURA DE PORTAS :			LARGURA DE JANELAS:		PÉ DIREITO:	
PATOLOGIAS:						
OBSERVAÇÕES: Banheiro externo construído posteriormente.						

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

De acordo com o relato dos moradores, para fazer a casa que tem piso de barro pisado, primeiro foi feita a marcação dos cômodos carpinteiro da região, após a marcação foram cavados os buracos para serem locadas as peças de madeira de sustentação da casa, sendo seguido pela colocação das peças mais grossas do telhado, como a cumeeira. Após o processo de estruturação da edificação, os dois fizeram o envaramento que é colocar as varas na vertical entre a estrutura recém feita, completar com as varas na horizontal por dentro e

por fora e com a amarração de cipó. Com a finalização do processo de envaramento as pessoas da região foram convidadas para a tapagem, que era conhecida como batalhão. A tapagem era feita de baixo para cima com as pontas dos dedos, uma pessoa de um lado e outra do outro lado da parede; após tapada, era preparado o barro de formigueiro com água para fazer o acabamento final que era feito com a palma da mão (Figura 45).

Figura 45 – À esquerda, detalhe das 1- Paredes irregulares por conta do reboco em barro. É possível perceber também a 2- Ausência de portas internas e a estrutura do telhado em madeira conseguida no próprio povoado. **Figura 46** – À direita, 1- Porta holandesa; e 2- Chão de terra batida.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A edificação é bem cuidada, de acordo com Dona Sônia, a manutenção é feita com frequência, evitando que se desgaste muito. A fachada principal, a posterior e o ambiente interno estão sempre pintados. As portas da frente e do fundo da edificação são do tipo holandesas, com aproximadamente 0,80 m de largura (Figura 46). A casa tem um pé direito confortável e por ser um único vão, a sala da casa é bem ventilada e iluminada; o quarto da frente é também bem iluminado e ventilado, ficando o segundo quarto com pouca iluminação e ventilação. A cozinha com fogão a lenha é um ambiente confortável em relação a sensação térmica.

Figura 47 – Fachada lateral da edificação com envaramento aparecendo por conta da desagregação do reboco de barro. Pode-se verificar também o apodrecimento das peças de madeira.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A varanda da casa é o local de descanso no fim da tarde e para isso, é um local bem ventilado e muito confortável (Figura 48). Os pilares de sustentação são de madeira e estão igualmente espaçados entre eles, dando uma boa visão da fachada da casa.

Figura 48 – Envaramento aparecendo na lateral da casa por desagregação do reboco de barro; e varanda na frente da edificação.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

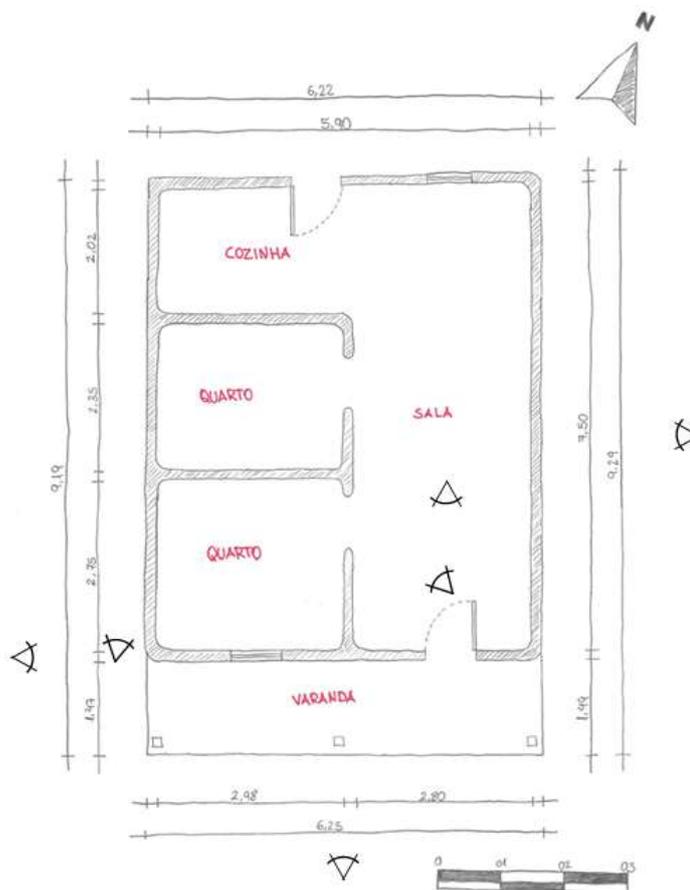
O telhado apresenta um problema na cumeeira que na lateral da casa está se deslocando (Figura 49); é todo feito com peças de madeira retiradas no povoado mesmo. O banheiro foi construído posteriormente de bloco no fundo da casa.

Figura 49 – Peças de madeira segurando parte do telhado desencaixado da estrutura original.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Planta 05 – Planta Baixa da casa de Dona Sônia. Todas as paredes são feitas em taipa.

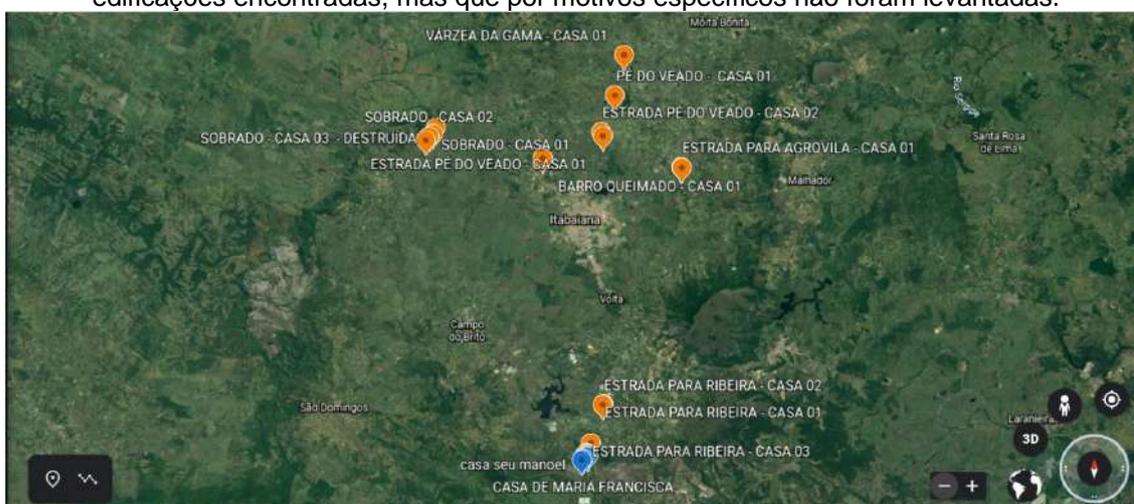


Fonte: Acervo pessoal, 2020.

3.4. Itabaiana

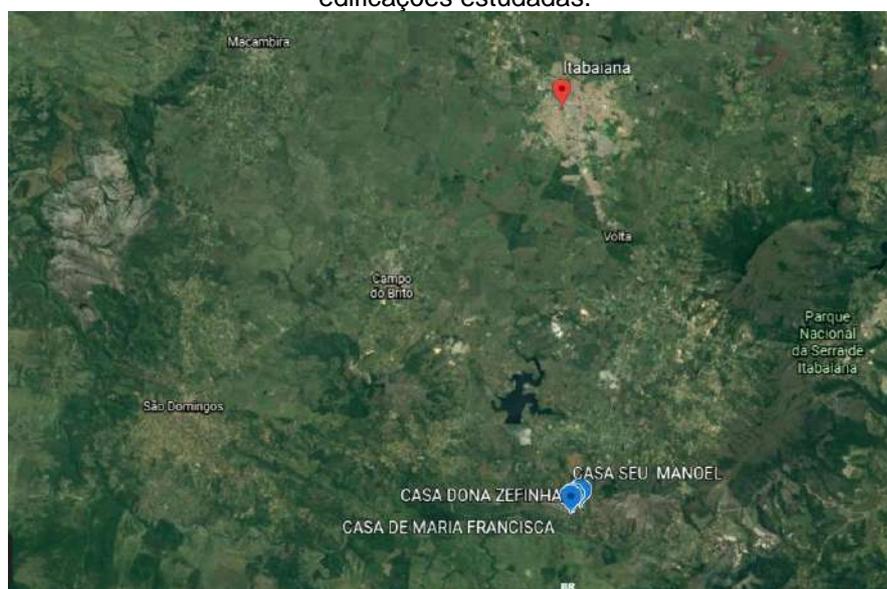
O município de Itabaiana de acordo a EMDAGRO (2018) possuía no ano 2010, apenas 22% de sua população na zona rural, distribuída em quase 60 povoados. O presente trabalho analisou seis povoados do município: Pé de Veado, Várzea do Gama, Sobrado, Agrovila, Barro Queimado e Ribeira; em todos eles foram encontrados exemplares de arquitetura vernacular (Figura 50), porém o foco do trabalho foi no povoado Ribeira (Figura 51), onde foi encontrado o maior número de exemplares (dentre os povoados analisados) e onde foram realizados os três levantamentos cadastrais.

Figura 50 – Relação de locais visitados durante a fase de levantamento; no mapa pode-se encontrar todas as edificações vernaculares levantadas nos povoados Várzea do Gama, Pé do veado, Agrovila, Sobrado, Barro Queimado e Ribeira. Os pontos azuis foram as casas onde foram feitos levantamentos cadastrais e as que o presente trabalho focará. Os pontos amarelos foram as edificações encontradas, mas que por motivos específicos não foram levantadas.



Fonte: Google Earth adaptado pelo autor, 2020.

Figura 51 – Mapa com a marcação do centro do município de Itabaiana e a localização das três edificações estudadas.



Fonte: Google Earth adaptado pelo autor, 2020.

3.4.1. Ribeira

O povoado Ribeira fica a 18,30 km (25 minutos) do centro de Itabaiana, possui duas praças, ruas calçadas com paralelepípedo e segundo a EMDAGRO (2018) 397 habitantes. A maioria das suas casas hoje são de alvenaria convencional, mas ainda se percebe resquícios de edificações vernaculares, desde casas com fachadas de bloco e interior de taipa, a casas toda de taipa e edificações ditas de adobe. O acesso ao povoado não é difícil, porém passa pela BR e por estrada de chão.

Foram ao todo oito edificações vernaculares encontradas na Ribeira, fora as que ainda mantém algum resquício não visível a quem passa de fora; dessas oito foram feitos os levantamentos de apenas três: a de Seu Manoel, a de Dona Francisca; e a de Dona Zefinha, que era uma casa de adobe; fora essas foi feito o levantamento fotográfico da parte externa de uma casa mista abandonada; e as outras foram coletadas as coordenadas para posterioridade.

3.4.1.1. Casa de Seu Manoel

A casa de seu Manoel está localizada no povoado Ribeira, em um terreno em declive e hoje serve como galinheiro pois ele construiu ao lado, uma casa nova de bloco.

Tabela 08 – Ficha de resumo da edificação levantada, onde pode-se analisar uma síntese das principais informações obtidas.

DESCRIÇÃO DA CASA						
LOCALIZAÇÃO DA CASA:	10°49'54"S 37°25'46"O				POVOADO:	Ribeira
FACHADA PRINCIPAL:	6,30 m	FACHADA LAT. DIREITA:		QT. DE CÔMODOS: 07		
FACHADA POSTERIOR:		FACHADA LAT. ESQUERDA:	10,53 m			
(02) COZINHA	(03) QUARTO	(01) SALA	(01) CORREDOR	(1) VARANDA	(-) WC IN	(-) WC EX
TIPO DE PISO:	Cimento Quei.	MENOR VÃO :	2,23 m	MAIOR VÃO:	4,04	
LARGURA DE PORTAS :		LARGURA DE JANELAS:		PÉ DIREITO:		
PATOLOGIAS:						
OBSERVAÇÕES: Não foi identificada a presença de banheiros internos ou externos; Alicerce de pedra de 0,40 m.						

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A edificação está acima de um alicerce de pedra de 0,40 m (Figura 52) e possui vista para estrada; algumas paredes internas e externas são hoje de bloco e o acabamento está bastante desgastado por falta de manutenção, em muitos lugares mostrando até a amarração em cipó (Figura 53).

Figura 52 – À esquerda, 1- Diferença de nível da parte externa para parte interna da edificação; e 2- Porta holandesa. **Figura 53** – À direita, detalhe de amarração da estrutura de taipa com cipó.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

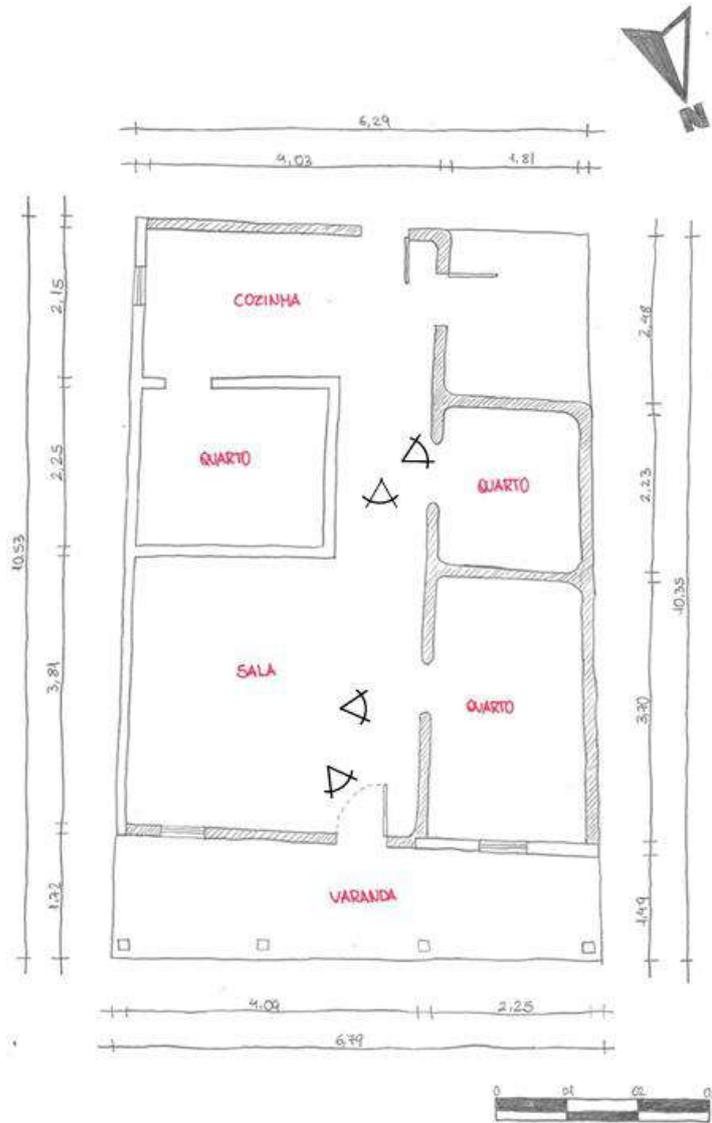
Da varanda para o interior da casa há uma diferença de nível de $-0,15$ m, mas dentro dela é toda nivelada. As portas que dão acesso ao exterior são do tipo holandesas e as janelas não são o suficiente para ventilar e iluminar todo o espaço. O telhado da edificação é ainda o original, porém está infestado por cupins (Figura 54 e 55).

Figura 54 – À esquerda, altura do telhado e madeiramento todo em madeira encontrada próxima a edificação. **Fonte:** Acervo pessoal, 2020. **Figura 55** – À direita, detalhe da 1- Estrutura horizontal passando pela peça de sustentação da cumeeira; 2- Descolamento do reboco de barro colocado por cima do envaramento; e 3- Contra verga acima da abertura da porta.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Planta 06 – Planta Baixa da casa de Seu Manoel. Todas as paredes hachuradas são feitas em taipa; enquanto as paredes sem hachura são em alvenaria cerâmica.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

3.4.1.2. Casa de Dona Francisca

A casa que foi de Dona Francisca e hoje é de sua irmã, fica no povoado Ribeira, no alto de um aclave, com uma bela vista; a casa foi construída por Dona Domingas há mais de 20 anos com a ajuda de amigos, com doações e com participação na tapagem da edificação.

Figura 56 – À esquerda, fachada principal da edificação mostrando reboco irregular e arredondado nas quinas. **Figura 57** – Detalhe da estrutura na quina da janela, onde houve descolamento do reboco de barro.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Tabela 09 – Ficha de resumo da edificação levantada, onde pode-se analisar uma síntese das principais informações obtidas.

DESCRIÇÃO DA CASA						
LOCALIZAÇÃO DA CASA:			10°49'51"S 37°25'43"O		POVOADO:	Pindoba
FACHADA PRINCIPAL:		4,58 m	FACHADA LAT. DIREITA:	6,30 m	QT. DE CÔMODOS: 03	
FACHADA POSTERIOR:		4,54 m	FACHADA LAT. ESQUERDA:	6,40 m		
(01) COZINHA	(01) QUARTO	(01) SALA	() CORREDOR	() VARANDA	(-) WC IN	(-) WC EX
TIPO DE PISO: Concreto		MENOR VÃO :	1,45 m	MAIOR VÃO:	6,10 m	
LARGURA DE PORTAS :		LARGURA DE JANELAS:		PÉ DIREITO: 2,14 - 2,62		
PATOLOGIAS:						
OBSERVAÇÕES: Casa sem banheiro interno ou externo. Construída há mais de 20 anos.						

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A construção iniciou-se pelo alicerce de pedra e com a colocação das peças de madeira de sustentação; após a estrutura feita, foram colocadas as peças do telhado para partir para a construção da trama de taipa, sendo enfiadas na vertical várias varas e depois na horizontal, do lado de dentro e do lado de fora da parede. Com a finalização da estrutura,

Dona Francisca contou que os homens pegavam o barro no barreiro para começar a tapagem da edificação.

Figura 58 – À esquerda, fachada posterior da edificação, com apenas uma porta com degrau para o terreno acidentado; envaramento aparecendo por deterioração do reboco em barro. **Figura 59** – Detalhe de ligação das peças de madeira da estrutura principal (pilar e viga) com o envaramento partindo dela.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A edificação tem sua fachada principal (Figura 59) voltada para a então casa de Dona Francisca (construída posteriormente), estando a 1,00 m de distância uma da outra (Figura 60). Ela não possui varanda e a porta da frente já dá dentro da sala (Figura 61), dando para ver também a porta do fundo (Figura 58); as portas que dão para o exterior são do tipo holandesas, mas a abertura da sala para o quarto não possui porta, apenas um tecido dividindo os cômodos.

Figura 60 – À esquerda, distância da casa de taipa para a construção mais recente em alvenaria cerâmica. **Figura 61** – À direita, detalhe da 1- Quina arredondada; e 2- Chão em cimento queimado.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Alguns locais na parede já foram rebocados com cimento e algumas delas já chegaram até a ser aumentadas com blocos (Figura 62). O telhado já teve algumas peças trocadas por terem sido danificadas, mas possui uma altura razoável.

Figura 62 – Imagem panorâmica da edificação, mostrando os três cômodos existentes e a relação entre eles: 1- Cozinha; 2- Quarto; 3- Sala.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

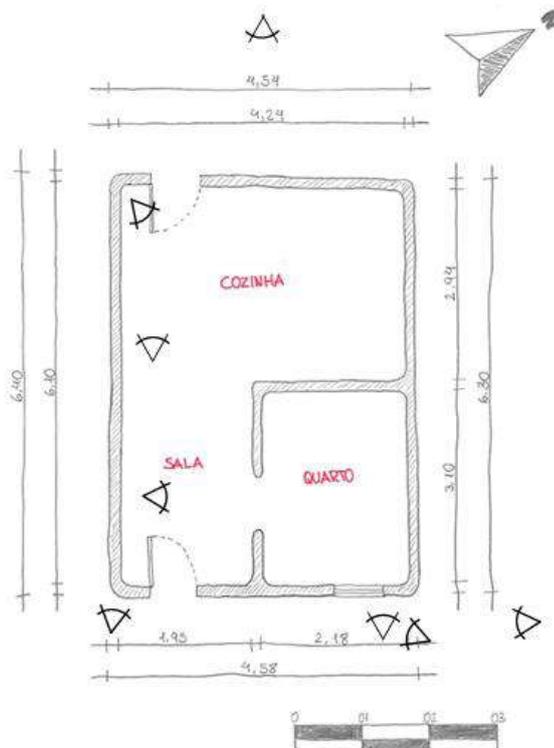
A casa é bem escura e quente por ter poucas aberturas e aparentemente permanecerem quase sempre fechadas; chegando a, quando comparada com a edificação de Dona Francisca, ser taxada de quente.

Figura 63 – Abertura da sala para o quarto, mostrando as peças de madeira que formam a abertura.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Planta 07 – Planta Baixa da casa de Dona Francisca. Todas as paredes são feitas em taipa com algumas alterações em reboco de argamassa.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

3.4.1.3. Casa de Dona Zefinha

A casa de Dona Zefinha foi a única casa de adobe a ser levantada; está localizada no povoado Ribeira e foi construída por seu marido há 70 anos. De acordo com seu relato, a casa foi construída aos poucos, com calma antes deles se casarem e cada tijolo de adobe foi produzido pelo seu falecido marido.

Tabela 10 – Ficha de resumo da edificação levantada, onde pode-se analisar uma síntese das principais informações obtidas.

DESCRIÇÃO DA CASA					
LOCALIZAÇÃO DA CASA:	10°49'46"S 37°25'34"O			POVOADO:	Ribeira
FACHADA PRINCIPAL:	4,45 m	FACHADA LAT. DIREITA:	16,67 m	QT. DE CÔMODOS: 07	
FACHADA POSTERIOR:	4,51 m	FACHADA LAT. ESQUERDA:	16,45 m		
(01) COZINHA	(02) QUARTO	(02) SALA	(01) CORREDOR	(-) VARANDA	(01) WC IN () WC EX
TIPO DE PISO: Azulejo Cerâmico	MENOR VÃO :	2,25 m	MAIOR VÃO:	4,14 m	
LARGURA DE PORTAS :		LARGURA DE JANELAS:		PÉ DIREITO:	
PATOLOGIAS:					
OBSERVAÇÕES: Casa de adobe de 70 anos; Casa de taipa caída no mesmo terreno; Banheiro interno construído depois.					

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Ela relata que o adobe era produzido com uma mistura de água, barro e cal e colocado em uma forma de madeira para ser moldado, sendo colocado para secar ao sol no final do processo. Os blocos depois eram assentados com a mesma mistura de água, barro e cal, fazendo os travamentos da mesma maneira quem em alvenaria convencional.

Figura 64 – À esquerda, Janela encaixada na estrutura de adobe. Fonte: Acervo pessoal, 2020.
Figura 65 – Detalhe da janela encaixada na parede de adobe.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

A edificação é estreita, porém muito comprida (Figura 66), ao contrário de todas as edificações de taipa levantadas; seu piso é de azulejo cerâmico (Figura 67) e assim como as portas, foi comprado pelo marido de Dona Zefinha. Ela se encontra a 0,15 m abaixo do nível da rua e possui o pé direito alto, por isso e por ter muitas aberturas, a casa é muito bem iluminada e ventilada, sendo um ambiente totalmente salubre. Por estar localizada em um local com um leve declive, toda a casa possui diferentes níveis.

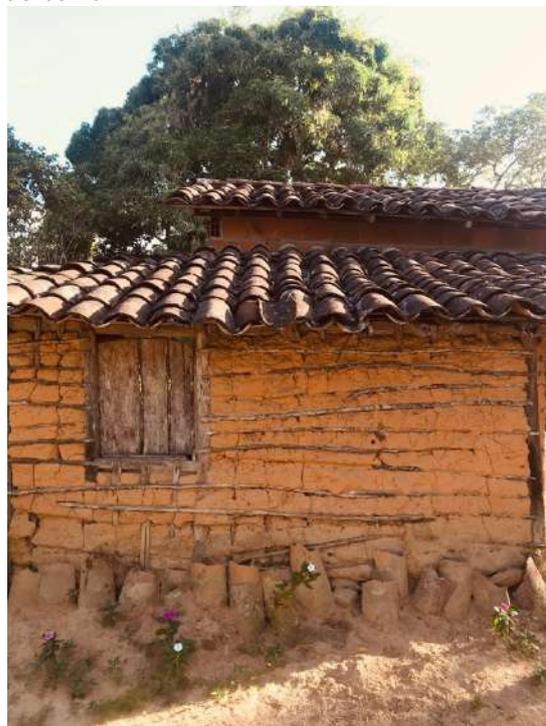
Figura 66 – À esquerda, lateral da edificação. Fonte: Acervo pessoal, 2020. **Figura 67** – Detalhe da diferença de níveis nos diferentes espaços da casa e o piso de azulejo cerâmico.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

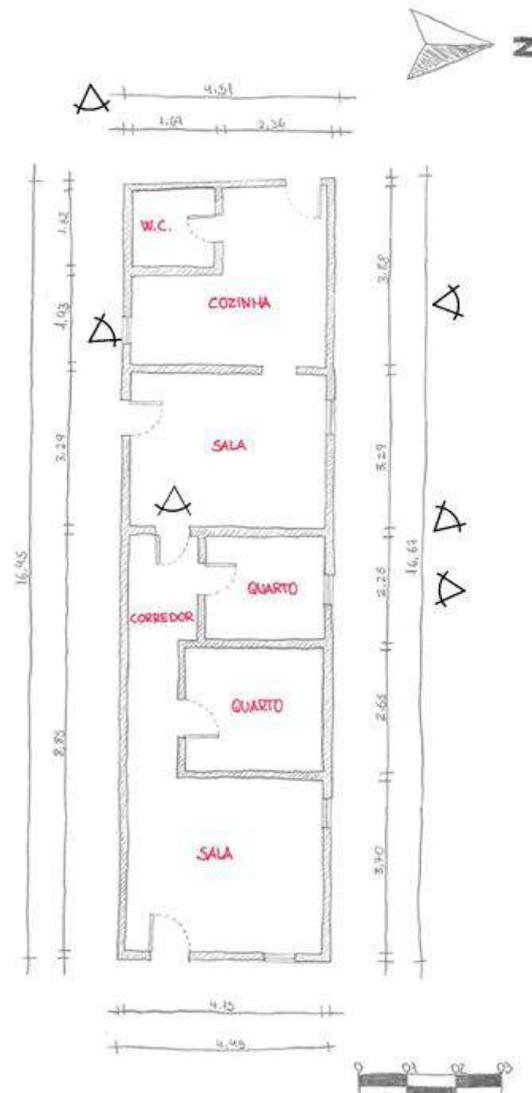
Ao lado da casa de adobe, existe ainda uma casa de taipa quase toda caída, que pertenceu a mãe de Dona Zefinha (Figura 68 e 69).

Figura 68 – À esquerda, casa de taipa na lateral da edificação de adobe, onde é guardada madeira. Fonte: Acervo pessoal, 2020. **Figura 69** – À direita, envaramento aparente por falta de manutenção no reboco de barro.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Planta 08 – Planta Baixa da casa de Dona Josefa. Todas as paredes são feitas com tijolos de adobe.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

3.5. O homem e sua memória

A memória individual e coletiva teve grande importância no desenvolver desse trabalho, já que através dela foi possível fazer o levantamento das técnicas construtivas vernaculares do interior de Sergipe. O processo de registro da memória foi todo documentado através das entrevistas e estão anexadas a essa monografia.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da

tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1990, p.476)

Cada pessoa que mora numa edificação feita com técnicas vernaculares tem alguma história para contar sobre a sua produção, sobre sua manutenção e sobre curiosidades através do tempo. Há também os que não mais moram e os que nunca moraram, mas ajudaram a produzir alguma. Todos esses depoimentos construíram o manual e são a eternização da história oral.

Por isso o trabalho buscou atribuir juízo de valor as técnicas construtivas vernaculares, ressaltar que elas estão além do material final, elas se tratam da ligação entre construtor, meio ambiente e moradia.

Construída em 1916 por Cassimiro Santana (in memoriam), de taipa de mão e adobe, por esta moradia já passaram cerca de seis gerações a partir dele. [...] Para sua família, esta moradia não só representa a resistência do sertanejo, mas é também uma conexão com seus antepassados e, principalmente, a preservação de suas origens. (TRINDADE, 2019, p. 87)

Dentre todas as entrevistas, uma informação quase sempre foi constante: o momento da construção sempre era algo coletivo e alegre; feito por amigos e familiares, cheio de cantigas e comidas para dar forças aos trabalhadores. Talvez por isso pôde-se perceber um certo saudosismo sobre as relações que a construção possibilitava e o quão frias e interpessoais as construções costumam ser nos métodos construtivos mais utilizados atualmente.

Esse tópico abordará os ritos de construção e a relação dessas pessoas com suas moradas e com seu coletivo; nele serão narradas algumas das tradições ao construir, pelas próprias falas dos entrevistados.

Eu aprendi a fazer casa de taipa com minha mãe, com meu pai, que foi isso que eles me ensinaram, de enchada, cavador e picorete, e casa de taipa foi meu primeiro trabalho, acompanhada por minha mãe.

(Tereza Maria dos Santos, 2020)

3.5.1. Costumes ao Construir

A relação entre morador e morada vai além da estadia, começa na construção, onde no ato de envarar, molhar barro e tapar, o palco da vida da família é levantado e solidificado. Esse ato aconteceu e acontece principalmente para sobrevivência, mas é também um ato de resistência, de se afirmar em seu lugar.

As residências vernaculares foram o cenário das histórias de muitas famílias e costumavam começar a ser edificadas antes de um casamento: Quando uma família estava prestes a se formar, os materiais necessários para a execução eram coletados, seja por doação como a madeira para as esquadrias e as telhas da cobertura ou retirados da natureza como as varas, cipós e o barro. Os amigos eram chamados de boca em boca e o dia da construção era marcado. De acordo com os relatos coletados, em Lagarto e Itabaiana, a maioria das famílias de classe baixa conseguiram suas moradas nesse mesmo sistema, com base na coletividade e amizade.

Quando questionada se as pessoas eram chamadas para a construção da casa de taipa e sobre como era o processo da construção, Dona Terezinha em sua entrevista fala:

Aí nós chamava, por que nois sozinho nois num tapava, aí nós chamava gente e o pessoal vinha muito, umas carregava água de pote, umas carregava nos barde dos tanque pra molhar o barro, aí tava aquela ruma de home só batendo o barro, batendo selão cru, e as mulher tudo no pé da parede só entupindo barro e cantando “ Meus canarinho minha beija-flor” Misericórdia, que alegria, era muita gente. Uma casa se ela fosse piquininha nois tapava numa tarde, e se ela fosse grande era um dia todinho batendo barro e as mulher carregando água e as outras tapando e os home nos cavador, nas inchada, só fazendo aqueles barro, batendo macio, e nós intupindo aqueles buraco de selão, aqueles tufo, naquela maior alegria, naquela maior felicidade, com muita gente. E era festa pra nós, por que uma casa nós envarava, fazia ela toda, mas uma duas pessoa só num tapava. Aí ficava chamando vá pra minha tapa de casa sábado, vá me botar uns baldo de água, vá me botar uns pote de água, sábado é minha tapagem minha amiguinha, minha amiguinha, sábado venha pra minha tapagem, tal dia, sábado, é? É! Vamos, nois vá, nois vai! Quando era no sábado só fazia comer aquele feijão com alho só, sabe? [...] aí quando dissesse acabou de comer que lavou aqueles prato de barro aí o pessoal da tapagem começava a chegar pra tapar, era trabalhando, todo mundo trabalhando, às vezes ia até dez, dez e meia da noite. (SANTOS, 2020)

Ela diz ainda que as tapagens eram sempre feitas a base de muita ⁶meladinha, “As meladinha como era? Era maracuja, era mel, era arruda, era assim, as meladinha era assim, botava açúcar na cachaça, balançava e ficava doce” (SANTOS, 2020) e que as pessoas participavam pela amizade, diversão, e noção da importância da coletividade.

Só pela amizade filho. Só de num saber de a pessoa tá de baixo de uma árvore, com três quatro filho novo, então quem podia fazer aquela geró daquela casa véia, daquela casa, era só chamando o povo, o povo chegava de montão, (Inaudível). Vez era que era o dono dentro de casa tapando e já botando duas três esteira pra dormir de noite em cima do barro molhado. (SANTOS, 2020)

Além de Dona Terezinha, outros entrevistados também citam a alegria presente nas construções das edificações vernaculares, não só através da meladinha, mas também pela música, pela dança e pela companhia. Dona Iracema quando questionada sobre como era feito o piso da casa, fala sobre a festa que era para fazer ele, já que era dançando que o barro do chão era assentado.

Barro, barro, barro limpo. Barro... alí era só na areia, mas depois que a casa tava feita ajuntava o barro e apilava. Ia espalhando sabe? E apilava... De pé mesmo. Vinha muita gente pra dançar coco. Ave maria que tinha uma história de coquinho. Dizia que era... Chega vai apilar a casa de fulano. Já se ajuntava muita gente tudo dos lugar pra ir dançar e cantar e pisar e ficava que só cimento. Jogava água. Jogava água e o povo, pé de gente era festa viu? Jogava água e ficava lisinho... (SANTOS, 2019)

Sabendo dessa festa, a todos os entrevistados se foi perguntado sobre as músicas que eram cantadas e dançadas durante a tapagem, poucos deles se recordaram ou quiseram cantar; Dona Terezinha lembrou de uma chamada “Meus Canarinhos” do cantor Pedro Sertanejo, e cantou um trequinho dela durante a entrevista.

**“Meu canarinho, minha beija-flor
Me dá notícias do meu grande amor**

**Que foi embora e nunca mais voltou
Meu canarinho, minha beija-flor”**

(Pedro Sertanejo)

As músicas iam desde as conhecidas nacionalmente (como Amado Batista citado na entrevista de Dona Janiela), até as cantigas de roda tradicionais da região, o mais importante era todos conhecerem. Ainda de acordo com Dona Terezinha, essas canções eram entoadas cada estrofe por um grupo, logo, as mulheres cantavam a primeira parte e os homens respondiam a segunda, ou vice versa. O trabalho ao som dessas cantigas,

⁶ Mistura de cachaça com especiarias.

acompanhado de meladinha e muita amizade podia até durar o dia todo e entrar a noite, acabando apenas quando aquela família tivesse sua edificação coberta.

Sim, quando elas bebia... Elas não, eu também que era a dona da casa, num podia se desanimá, que quando nós tapava a casa que anoitecia, nós pegava um tambor e era “bugue ziguebugue ziguibugue” e começava, mas já tava meio, meio barro nera? Alí já era digamos a muié. Aí tinha um negócio de “Vamo sambá!” Aí botava um litro no mei da casa, e começava “Seu marculino, é hora de nós sambá, seu marculino, é hora de nós sambá, um pouquinho da moqueca se o sinhô quisé me dá, um pouquinho da moqueca se o sinhô quisé me dá”. E alí era sambando já, ave MARIA, mas isso já era de alegria, sabe? Que já tava dentro da casa, num escuro... Só era candiêro, (inaudível) nós tudo satisfeito com aquele candiêro, as muié num podia botar um perfume que o perfume era gás puro. (SANTOS, 2020)

Mesmo os ritos de construção sendo uma das faces mais marcantes das edificações vernaculares é algo que tem se perdido com o tempo, seja pela falta de coletividade, pela falta de tempo em um mundo frenético ou pela perda dessas técnicas, o que ficou perceptível nas entrevistas com pessoas que fizeram construções vernaculares há pouco tempo, como seu Américo e Dona Claudivânia, foi a falta da festa mesmo ainda sendo forte a presença de comunidade e amigos para ajudar. Seu Américo citou que por mais que tenha tido ajuda de amigos e conhecidos na construção da casa de Dona Domingas, não foi um processo leve e alegre, mas sim, cheio da urgência da necessidade e da obrigação. Assim como seu Américo, Dona Claudivânia falou sobre a presença do silêncio na construção da casa em que morou na infância e da solidão da manutenção de sua atual morada.

Depois de anos, as casas podem ter caído, terem sido reconstruídas, substituídas por bloco cerâmico, mas uma coisa permanece, as lembranças dos bons momentos ao construir, quando as pessoas se uniam independente de suas diferenças para edificar uma morada, além da certeza edificada de tempos melhores, de esperança. Para além de lembranças que podem se perder na oralidade, fica aqui documentado um pouco dessa grande característica das edificações vernaculares.



CAPÍTULO 04
Aplicação das
Técnicas vernaculares

4. APLICAÇÃO DAS TÉCNICAS VERNACULARES

Esse capítulo desenvolverá as aplicações das técnicas vernaculares levantadas no interior do estado, utilizando-se para isso das palavras dos próprios construtores. Ele terá por objetivo mostrar os materiais e métodos utilizados nas construções dessas edificações.

As técnicas vernaculares, atualmente, como já dito possuem pouco resguardo em seus métodos construtivos e até mesmo nos materiais utilizados, seja pelo local onde as mesmas são empregadas - como nas casas do interior em que, apesar da forma construtiva mais comum nos dias de hoje ser a alvenaria, essa tradição construtiva ainda persiste, principalmente para famílias que possuem uma renda restrita, condicionante constante em ocupações, que induzem a aplicação desse método –, seja pela passagem do tempo ou pela acessibilidade de alguns componentes construtivos.

Uma mudança clara nesses métodos é a mesclagem de diferentes técnicas e materiais construtivos, onde, não somente o barro é utilizado, como outros aglomerantes como o cimento. Essa composição com diferentes materiais é a forma mais explícita de atualização na forma construtiva, porém a partir das entrevistas e conversa com moradores e/ou construtores de casa vernaculares, como as residências de taipa de mão e de sopapo, percebe-se mudanças mais sutis, como nas amarrações do envaramento, que saem de cipó para prego.

Outros elementos que começaram a passar pelo processo de alteração foram os pisos, que saíram de terra batida, para cimento queimado, como uma forma de proteger da umidade e do desgaste natural. Com essa atualização o tempo de uso é maximizado e a necessidade de manutenção diminui. As peças do envaramento também começaram a se alterar, passando de varas de madeira crua e natural, para ripas e ripões comprados, logo, é possível perceber em algumas edificações a mesclagem dos dois tipos de madeira.

A atualização e alteração desses materiais, se dá não somente pela necessidade de conexão com os moldes construtivos da sociedade em geral e as facilidades que esses novos elementos proporcionam, mas também pela escassez da matéria prima inicial, como a diminuição significativa de barreiros e matas devido a urbanização acelerada, que inviabiliza a construção ao menos que ocorra essa atualização. Além do desgaste do grande impulsionador da construção de edificações vernaculares: A coletividade. A solidão construtiva diminuiu a cooperação para a captação dessas matérias-primas, sobrando como alternativa a utilização de materiais que otimizem a velocidade da construção e permitam a execução da mesma com menos mão-de-obra.

4.1. Materiais e Métodos

Como já dito, a arquitetura vernacular utiliza-se de materiais da região para sua construção; dito isso, nesse tópico serão abordados os materiais e os métodos utilizados pelos entrevistados e seus antepassados para a construção de edificações vernaculares.

Na entrevista de seu Américo, ele detalhou como fez passo a passo da edificação de taipa; antes de mais nada ele conseguiu os materiais para estrutura da edificação, que é toda feita com troncos de árvores: para os pilares principais, troncos mais grossos; para o envaramento entre os pilares, troncos bem mais finos. Os troncos utilizados por ele costumam ser de **jurema**, **codaco**, **marmeleiro** (envaramento).

[...] a cumeeira é mais grossa, que é pra segurar o peso, né? Aí vim trazendo essas aqui que pega o barro e que bota umas peças mais fina. [...] Enfica um pauzinho aqui, aí puxa a linha pra ali e finca outra no fundo...Que ai fica no esquadrozinho. Aí bota num esquadrozinho e faz porque se não fica de um lado mais largo e outro mais estreito, né? [...] Praticamente arma primeiro os meios, né? Que é a cumeeira mais os cantos, que a casa é feita daí pra lá. [...] (AMÉRICO, 2020)

Figura 70 – À esquerda, varas de marmeleiro, ideais para envaramento da edificação de taipa.
Figura 71 – À direita cipó de imbé usado para amarração das peças da edificação de taipa.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Ainda sobre a estrutura, Dona Sônia cita que ela costumava ser delimitada no terreno e colocada por uma pessoa já com experiência no assunto, podendo ser um carpinteiro; portanto era ele que fincava ao chão as principais peças de madeira, ou seja, os pilares das extremidades e a cumeeira.

E todo mundo fazia! Amigo, amiga, avô, avó, era tudo criado no negócio de casa de taipa. Todo mundo sabia fazer um pouquinho. [...] E aí todo mundo sabia fazer, tinha o carpinteiro. E levantava a casa. [...] Eu alcancei muitos trabalhador de casa de taipa...carpinteiro. É, eu quero minha casa aqui, minha casa aqui... aí o carpinteiro mesmo [...] dividiu, os cômodos, os quartos, cozinha, alpendre. Eu dizia que queria e ele dividia a casa. [...] Ele sabe dividir, né? Sabe dividir, dividia! Deixava a casa já divididinha. (ARAÚJO, 2020)

Questionada sobre as madeiras utilizadas, Dona Terezinha descreve como elas eram escolhidas e montadas, acrescentando que nos cantos das casas eles costumavam usar tronco de camboatá.

Os pais, que era os pais da gente, os maridos que era os marido da gente, sabia sim, chegava num canto duma jurema, oxe, isso aqui da um canto de casa, rapaz, aqui é um canto de casa bom da beleza. Rapaz, só vai de machado. Aí pegava aquele machado e cortava aquela jurema dessa grossura (inaudível) aí botava nas costa, que chega vinha abaixado. Chegava, descascava aquilo ali, ai já deixava lá, vamo supor contava quatro canto de casa era quatro pau, quatro ienchimento que eles arrumava. Depois falava agora falta, na casa falta uma cumeeira, numa casa só, só era uma cumeeira só que eles botavam no meio da casa, num existia essas travessas não, sabe? [...] E pegava inteiro e colocava lá em cima, ai lá ia descendo com aquelas vara de comboatá, sem raspar sem nada, esvairava todinha, só era descendo pegando prego e descendo, cabeça baixa. (SANTOS, 2020)

Quando questionado sobre o método de amarração, seu Américo (2020) cita que em alguns lugares da edificação utilizou pregos e em outros utilizou o cipó imbé do mato. Claudivânia diante do mesmo questionamento cita que “[...] já era com prego [...]” na época em que ela participou de batalhões.

Madeira grossa, era... tudo era madeira na casa, tudo era madeira envarado. E tudo de barro. Num existia um cimento, nós num sabia o que era isso não fia. [...] É, envarado, envarado e ensocado barro pra frente, do mesmo jeito o de cima, envarado, enchimentado e barro socado por dentro, aí quando fechava a porta, a porta ficava igual o batente. [...] A base? Sabe como era a base? Quando dizia assim entrou pra dentro aí a gente botava o mesmo chão aqui a gente passava a enchada pra secar, e ai pegava um cepo e saia batendo “pouf, pouf, pouf”, quando enxugava tava a casa feita. (SANTOS, 2020)

Hoje, devido a facilidade de acesso a materiais industrializados, como já citado, muitos materiais naturais são trocados por esses industrializados, tendo como exemplo os pregos para juntar as peças da edificação, citado por Américo e Claudivânia.

Com a finalização da estrutura inicial de toras de madeira grossa e sua amarração, feita com prego, cipó ou arame, é iniciado o envaramento. Quando questionado como é feito esse processo, seu Américo fala que cava os buracos mais rasos de uma peça grossa até a outra e vai colocando as varas mais finas.

Dona Terezinha logo no início de sua entrevista descreve passo a passo como eram feitas as casas de taipa, desde a sua estrutura inicial até o envaramento.

A casa de taipa são assim: Elas a gente formemo elas com aquelas madeiras antigas, com aqueles pau que a gente cavava, fazia quatro enfinco, aí formava aquelas cumeeira, aqueles caibro, descascava eles e apregava eles, os caibro nas madeira pra segurar a telha e saia envarando com vara de comboatá, um mato chamado comboatá, aí a gente envaravá, quando acabava voltava pra trás, enchimentava, saia jogando enchimento naquelas paredes, naquele chão, dali a gente caçava cipó, um tal mato chamado cipó, e as vara, aí a gente saía envarando... envarando... até quando repartia ela, quando repartia aí fazia aquelas valeta no chão, aí ia dividir quarto, varanda, cozinha... Fazia aqueles batente, se era de ser cimento, era batente de pau, aquele chão num existia cimento era só chão puro, a gente batia a madeira de cabo de enchada e alí agora formava uma varanda e criava uma família numa casa de taipa como muito eu criei. (SANTOS, 2020)

Sobre o processo de envaramento, Dona Terezinha fala que “[...] ficava uma por dentro e outra por fora, pegando aquelas vara e tocando aquele cipó em cruz, envarando aquela parede [...]” (SANTOS, 2020). Esse é um processo repetitivo, ao final de uma parede, você repete o mesmo processo na próxima, até finalizar o envaramento de toda a casa.

Quando o envaramento está todo pronto, pode começar a tapagem da edificação. O barro deve ser preparado com água e depositado no envaramento. Quando perguntando a Dona Terezinha sobre esse processo, ela fala não somente sobre a tapagem, como também sobre o reboco de barro.

Era, era só empurrando dentro das vara, ajeitando, pro barro firmar dentro daquela vara e ôta, e nós aqui ói. Eu já não tinha mais unha nos dedo, ói, ói... ajeitando por mode do barro firmar, quando ele ressecava por dentro aí uns ficava estufado prum lado, ôtos pra ôto. Quando agora secava aí eu vinha com a inchada ói... e tirando que era pra ficar, diz ele pra ficar plano né (Risos). Depois aí agora essa taipa era entupino, a ôta pra rebocar era passado a mão, (inaudível) e a ôta pra alisar já era aquele barro branco, essas coisa, eu já vinha com a palma da mão comida, que a gente fazia aqui pra ela ficar bem lisinha, ficar bem bonitinha. (SANTOS, 2020)

Por fim, para fazer o piso, era só jogar barro dentro de casa e compactar com os próprios pés ou com uma tora grossa de madeira. Quando o barro seca, a casa está pronta. Sobre a secagem do barro, Dona Terezinha fala que no verão o barro seca muito mais rápido.

Se fosse como agora no verão demorava não, num instante secava. Secava num instantinho. Quando era no inverno era se batendo, as parece caía, os buraco ficava tudo bufo bufo, amanheceu ôco, aí no outro dia a gente vinha, pegava aquele tufo e intupia até segurar, mas no verão era boa as tapa de casa, que era tapando e segurando os barro, ai os barro já ligava.

As casas de taipa precisam de alguns cuidados especiais, por isso, durante as entrevistas, muitos dos entrevistados falaram que costumam fazer manutenções frequentes, evitando especialmente que o envaramento fique exposto, pois isso ajuda no processo de

deterioração da madeira. Logo, quando o enveramento começa a aparecer, é necessário preparar um novo barro e aplicar sobre a superfície.

A maioria dos materiais utilizados pelos entrevistados eram encontrados nas matas próximas as suas casas, outros, em construções mais recentes já são comprados. As tabelas abaixo mostram os equipamentos e materiais usados durante o processo de construção.

Tabela 11 – Relação de equipamentos para construção de casa de taipa. Tabela 12 – Relação de materiais utilizados na construção de casa de taipa.

EQUIPAMENTOS	MATERIAIS
Carrinho de mão	Água
Cavadeira	Barro com argila e areia
Enxada	Barro de formigueiro
Escada	Pregos, cipó verde ou arame
Facão	Telha cerâmica
Foice	Toras grossas de madeira(Ex.: Camboatá)
Linha de nylon	Varas finas de madeira (Ex.: Marmeleiro)
Marreta	
Martelo	
Pá	
Picareta	
Serrote ou serra arco	

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

4.2. Manual de Aplicação das Técnicas Construtivas Vernaculares

O manual é o produto final deste Trabalho de Conclusão de Curso, gerado pela análise dos levantamentos e das entrevistas; tem como intuito preservar a memória das técnicas construtivas vernaculares do interior do estado, mostrando o passo a passo para construir com elas, e, não só ensinando, mas incentivando a quem precisa de uma morada a utilizar-se delas.

Ele tem por objetivo ter uma linguagem coloquial que possa ser entendida por qualquer público, além de ser pequeno e simples, auxiliando assim na compreensão do mesmo, evitando que se torne uma leitura cansativa.

Optou-se por falar nele apenas sobre duas técnicas, a taipa de mão e a de sopapo, pois foram as mais utilizadas em Lagarto e Itabaiana, seguidas pelo adobe que não se obteve muita informação com a população local. Sendo assim, ele foca no passo a passo da construção de taipa baseado nas histórias contadas durante as entrevistas.

O manual foi publicado online, numa plataforma digital chamada Issuu, para acessá-lo, basta clicar no link: https://issuu.com/arthursouzasantos/docs/tcc_02. Apesar de poder ser encontrado online, ele segue abaixo:

Figura 72 - Fundo e capa do Manual das Técnicas Construtivas Vernaculares: Taipas.



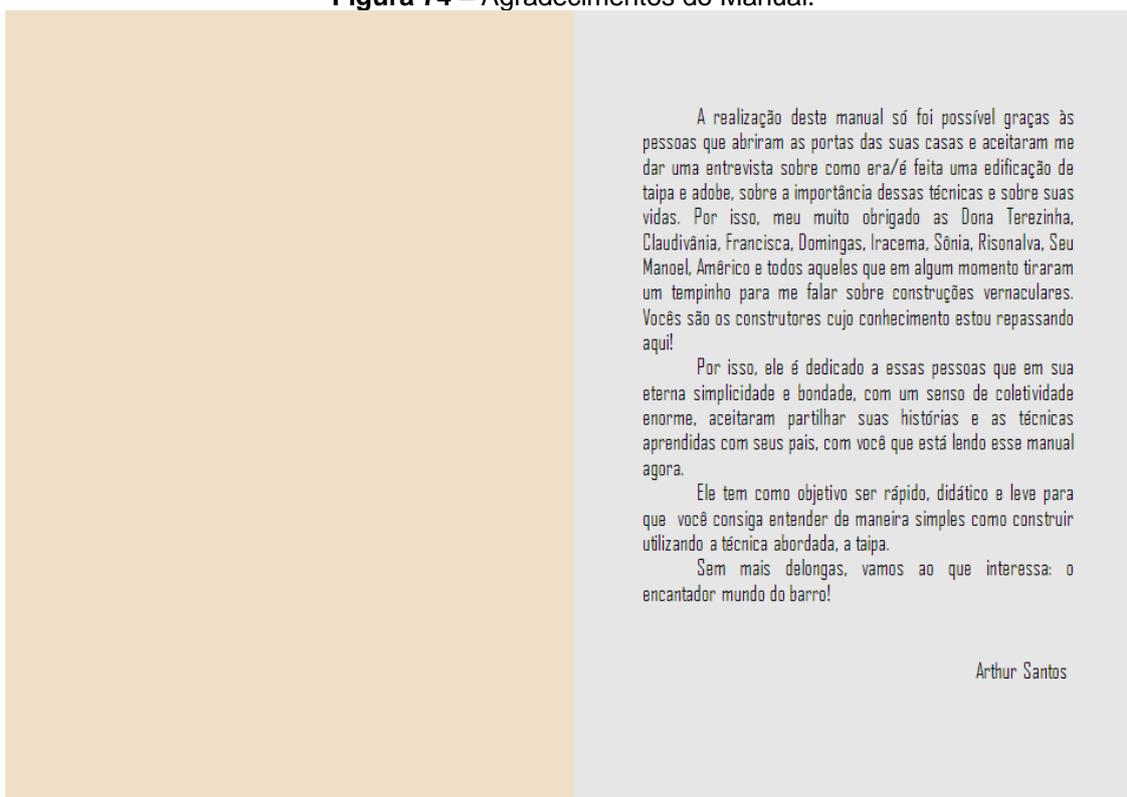
Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 73 – Primeira página contendo explicação sobre o que é o manual, seu objetivo e público alvo.



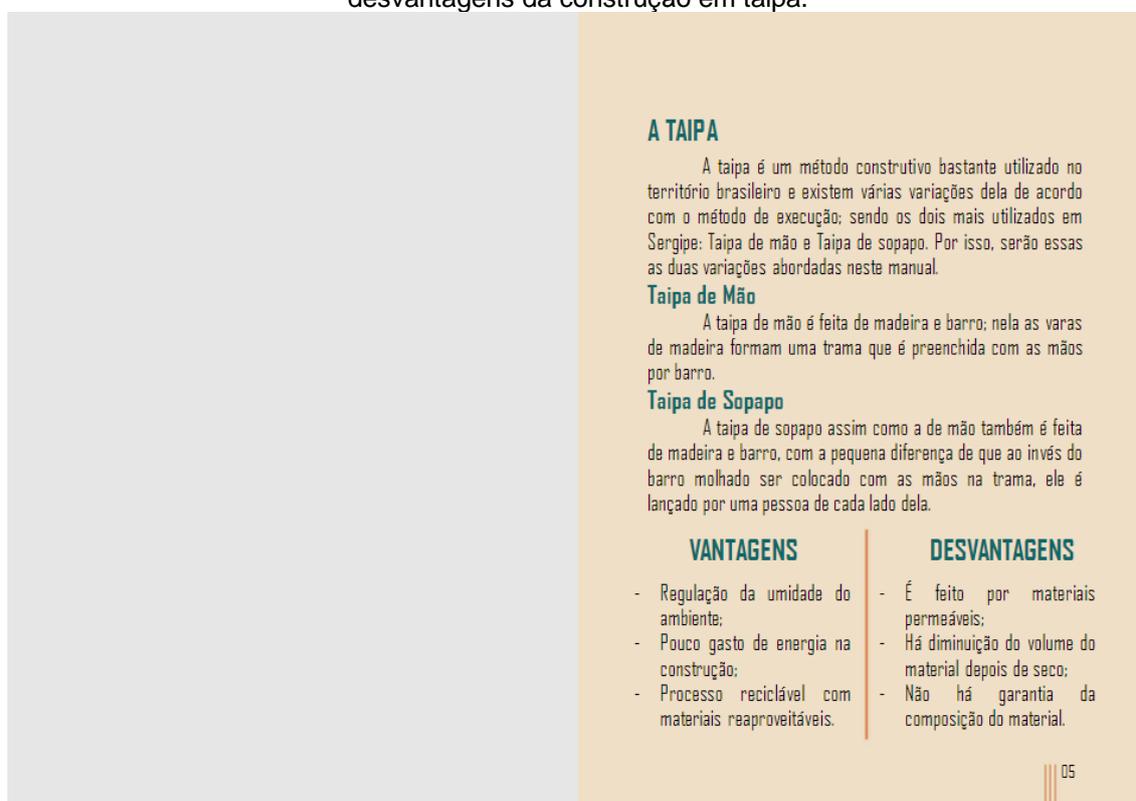
Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 74 – Agradecimentos do Manual.



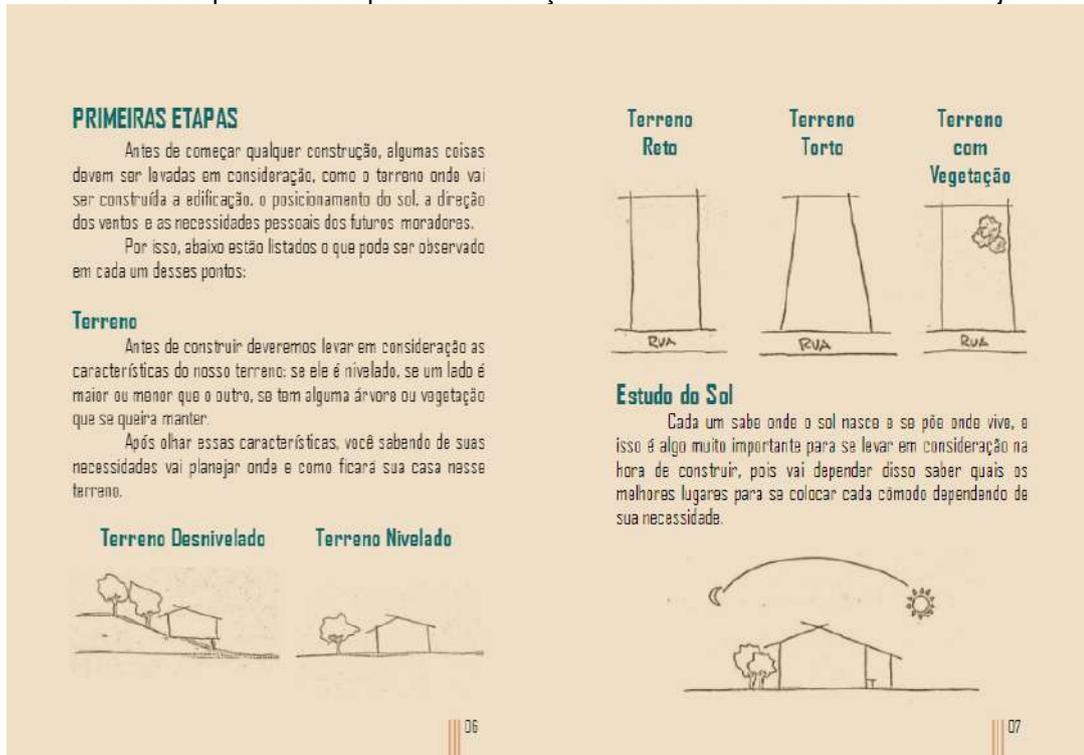
Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 75 – Explicação sobre os tipos de taipa que são trabalhados no manual, aliado as vantagens e desvantagens da construção em taipa.



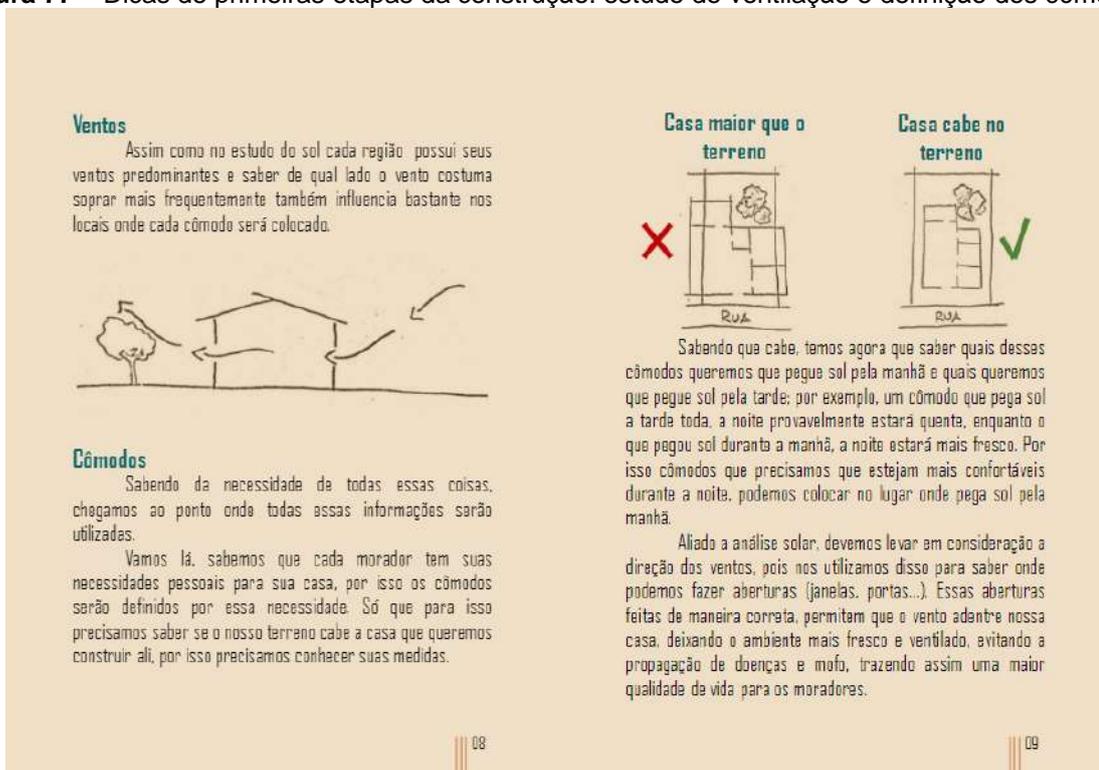
Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 76 – Dicas de primeiras etapas da construção: estudo do terreno e estudo de trajetória solar.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 77 – Dicas de primeiras etapas da construção: estudo de ventilação e definição dos cômodos.

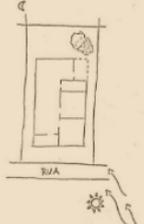


Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 78 – Exemplo de locação dos cômodos; e ferramentas necessárias para fase de limpeza do terreno.

Exemplo

Neste exemplo, temos uma casa com 2 quartos, um banheiro e espaço para sala, cozinha e área de serviço; toda a casa coube dentro do terreno e agora temos que levar em consideração que o sol nasce na frente da casa e se põe no fundo, além do sol, temos também os ventos que vem principalmente da lateral da casa.



Pensando nisso, os quartos foram colocados num local onde eles podem pegar o sol pela manhã e ainda estarão privilegiados em relação ao vento. Então precisamos fazer janelas onde o vento pega e também na lateral em que ele pega com menos frequência, fazendo assim com que o vento por entrar por uma janela e sair por outra, mantendo sempre o ar renovado dentro do ambiente.

LIMPEZA DO TERRENO

Depois que sabemos quais os cômodos queremos em nossa casa e mais ou menos em qual lugar do terreno cada um pode ficar de acordo com a análise feita do sol e da direção dos ventos; pode chamar a família e os amigos, pois precisamos limpar o terreno para enfim começarmos nossa construção.

Os equipamentos que você utilizará para limpeza do terreno vão depender da situação em que ele esteja, mas geralmente costumam ser utilizados os citados a baixo.:

FERRAMENTAS

- Enxada
- Carro de Mão
- Picareta
- Foice
- Pá

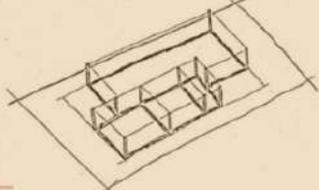
Na falta de alguns desses equipamentos, podemos sempre improvisar e utilizar as mãos, tomando sempre cuidado para não se machucar.

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 79 – Locação de gabarito e início da estrutura com ferramentas e materiais necessários.

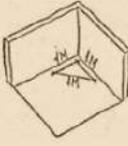
GABARITO

Com o terreno limpo, devemos marcar no chão cada um dos cômodos da nossa casa, já com seus tamanhos corretos, pois, em cima dessa marcação é que vamos fazer nossa construção, essa técnica é chamada de gabarito. Essa marcação pode ser feita com as próprias varas de madeira que serão utilizadas na construção, tomando cuidado apenas para não tirar nenhuma delas do lugar, ou, pode ser feito com algumas varas e linha de nylon de padreiro, como imagem na abaixo:



DICA

Para deixar as quinas de suas casa o mais retas possível, você pode medir um metro para um lado, um metro para o outro e verificar se as distâncias entre esses dois pontos é de um metro, fazendo assim um triângulo.



ESTRUTURA

Agora com todas as etapas anteriores finalizadas, podemos começar a estrutura da casa. Para isso é importante que você tenha, além de amigos e familiares para te ajudar, alguns materiais e ferramentas.

FERRAMENTAS

- Serra roto ou serra arco;
- Cavadeira;
- Marreta;
- Martelo;
- Espada

MATERIAIS

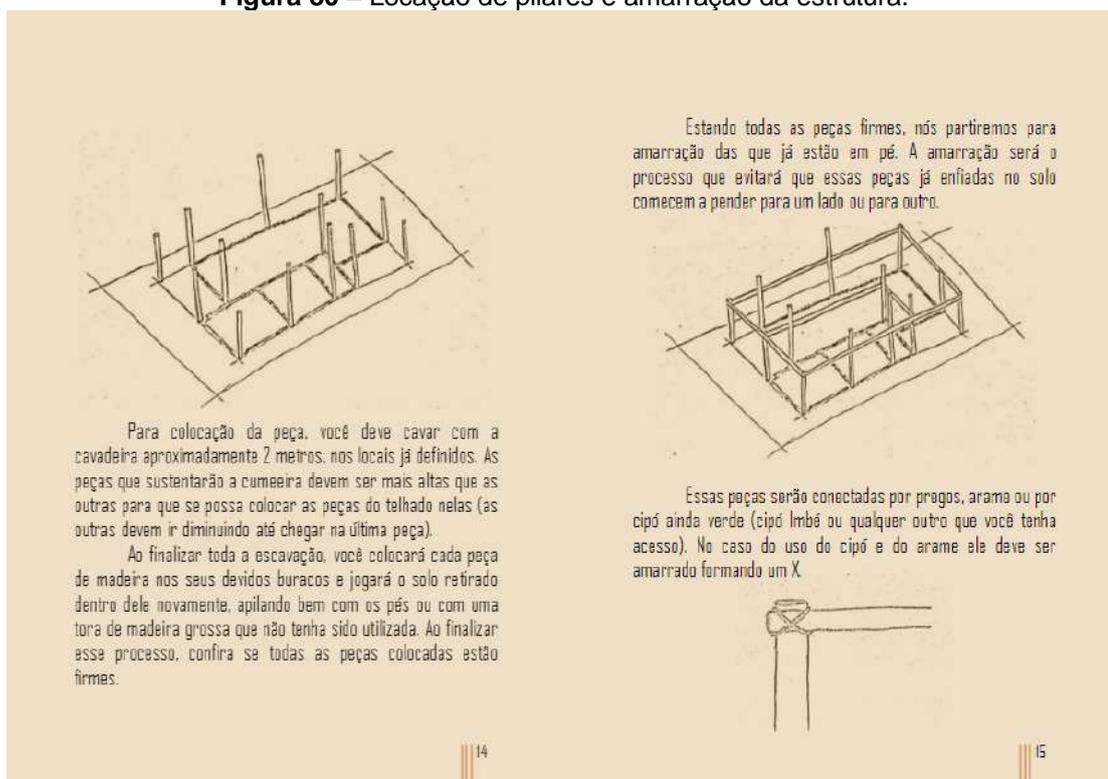
- Tora de madeira;
- Pregos ou Cipó;

As toras de madeira podem ser de várias árvores (Ex.: Cambaotá), podem ser tiradas na mata ou compradas. Em qualquer um dos casos, escolha peças grossas e grandes para fazer a estrutura principal, tenha também certeza de que elas não estão ocas ou infestadas de cupim por exemplo.

A primeira coisa que faremos é montar os cantos da casa, essas serão as peças principais. Essas devem ser feitos com base no desenho dos cômodos feitos no chão. Então, você colocará uma peça grossa nos cantos de fora, em cada um dos cantos internos dos cômodos e nas laterais de cada abertura, como no desenho a seguir:

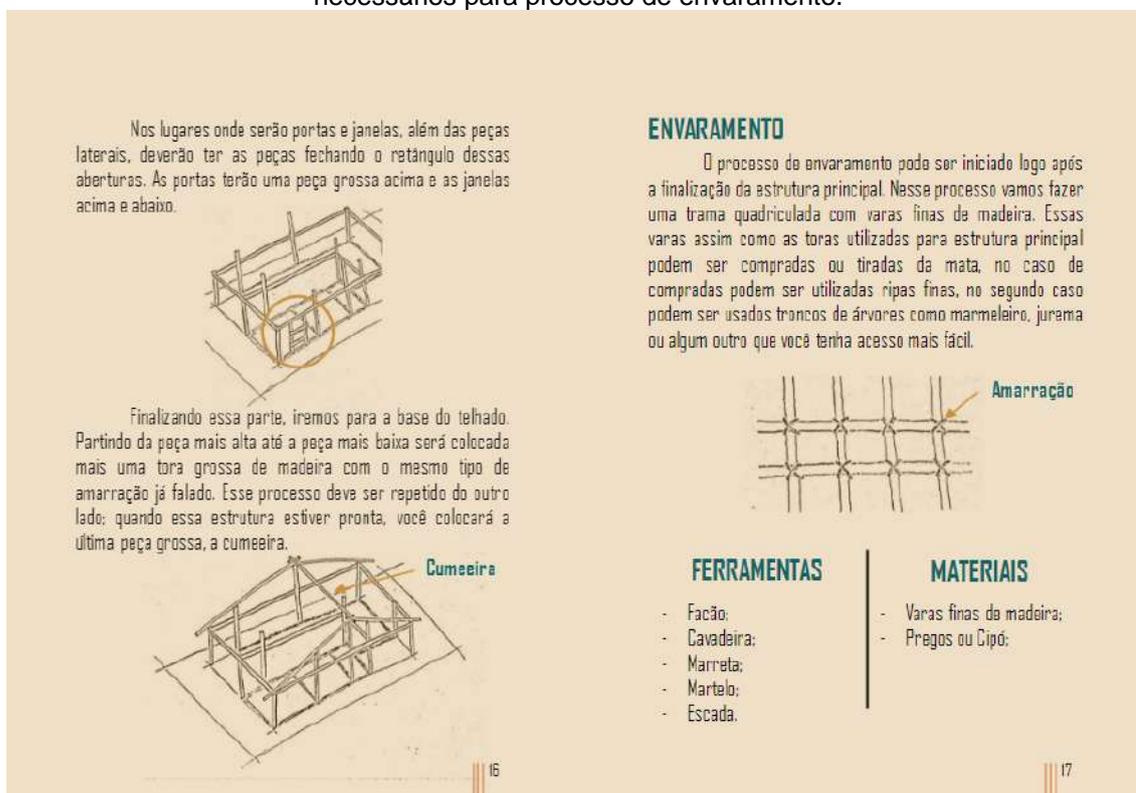
Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 80 – Locação de pilares e amarração da estrutura.



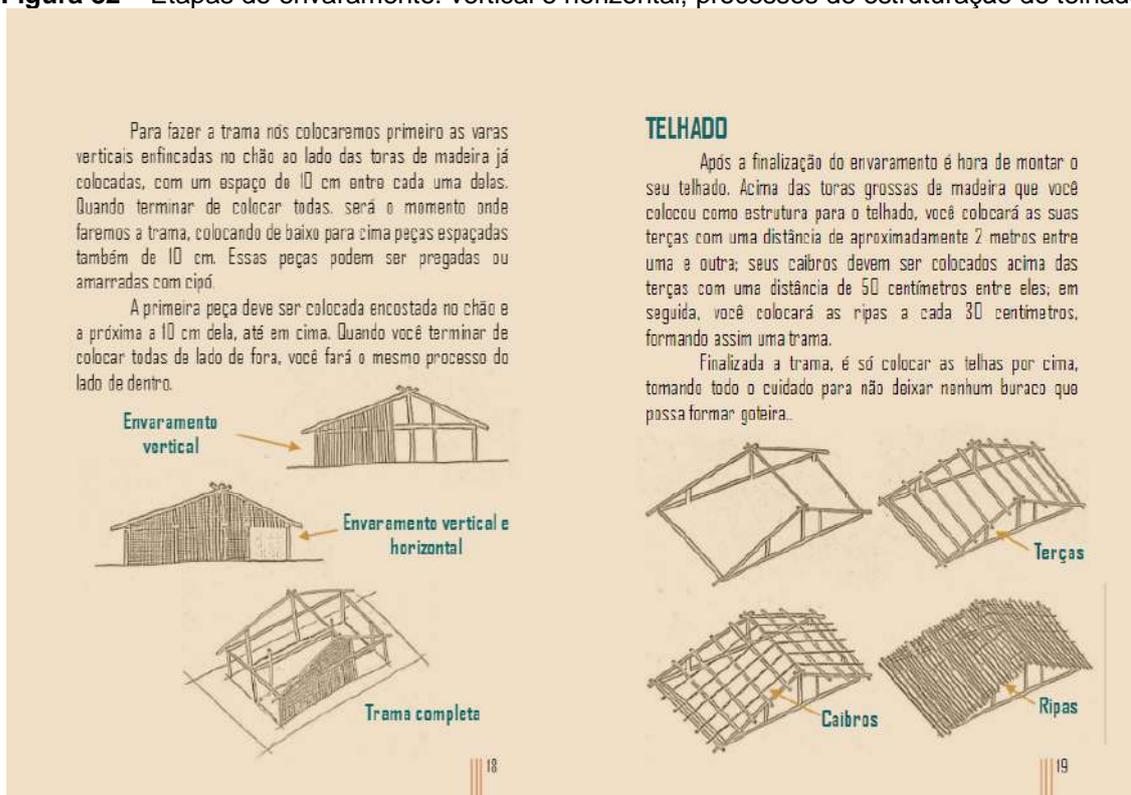
Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 81 – Pilares, vergas e contra vergas de esquadrias; e processo ferramentas e materiais necessários para processo de envaramento.



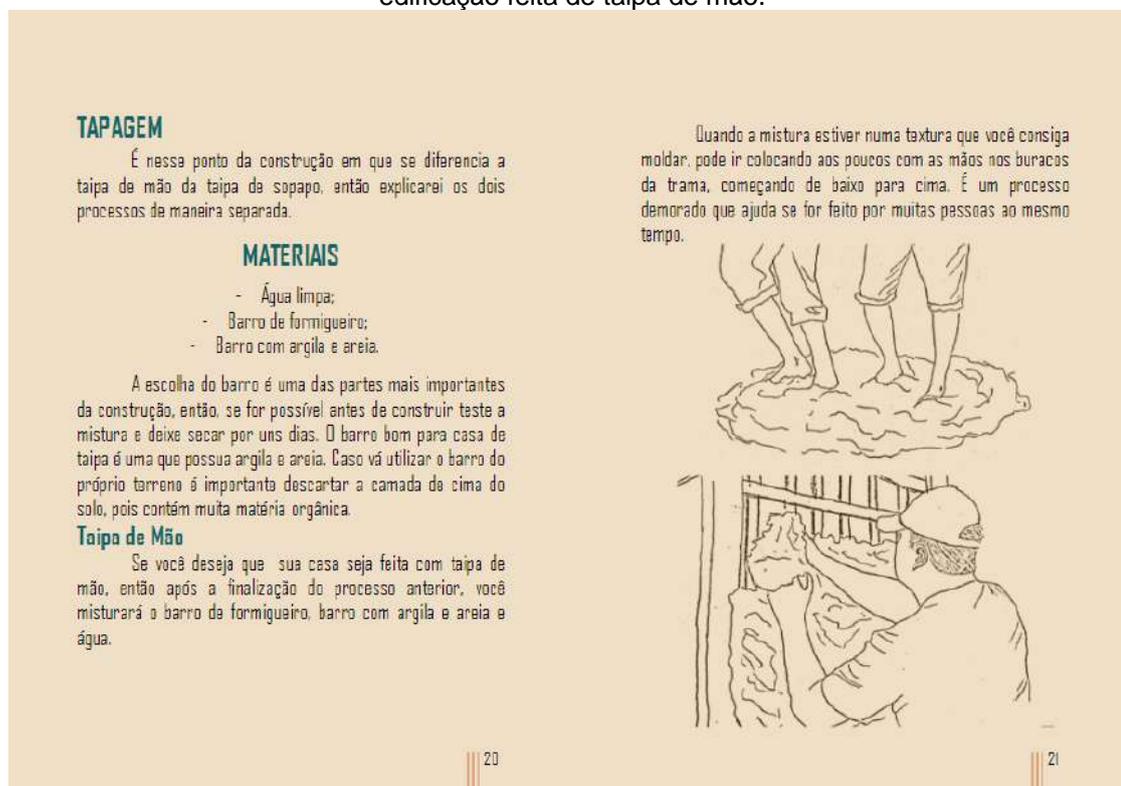
Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 82 – Etapas do envaramento: vertical e horizontal; processos de estruturação do telhado.



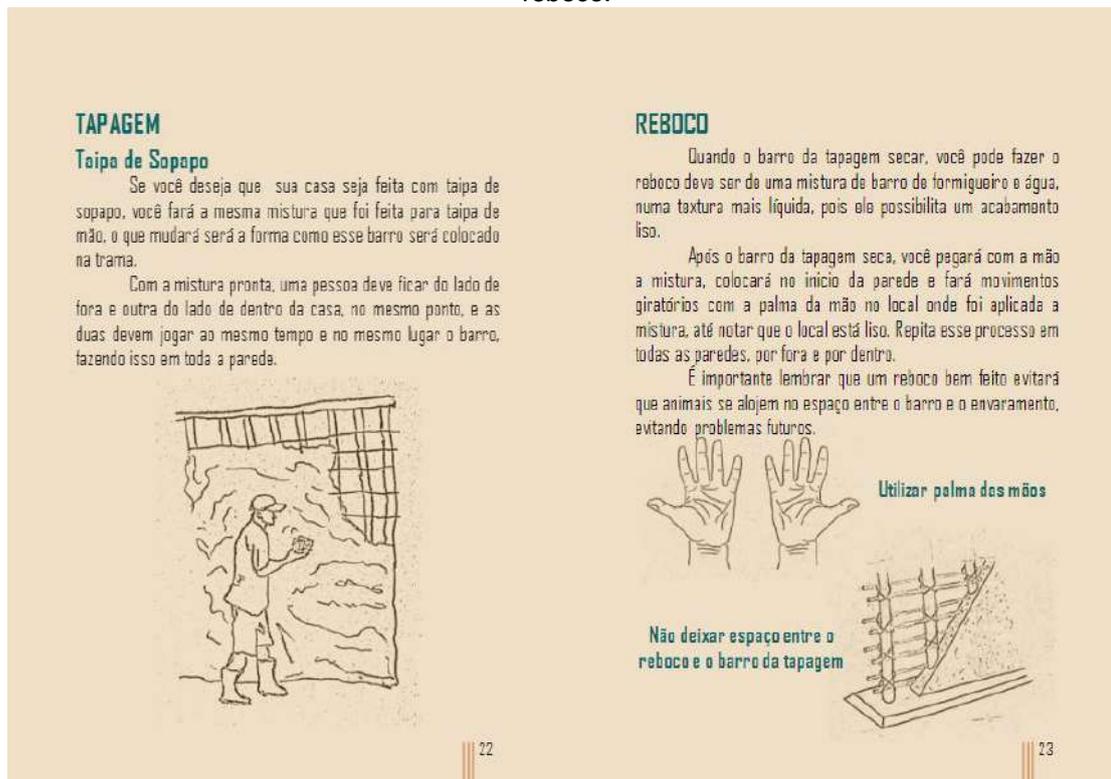
Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 83 – Materiais utilizados na tapagem da edificação. Método utilizado na tapagem da edificação feita de taipa de mão.



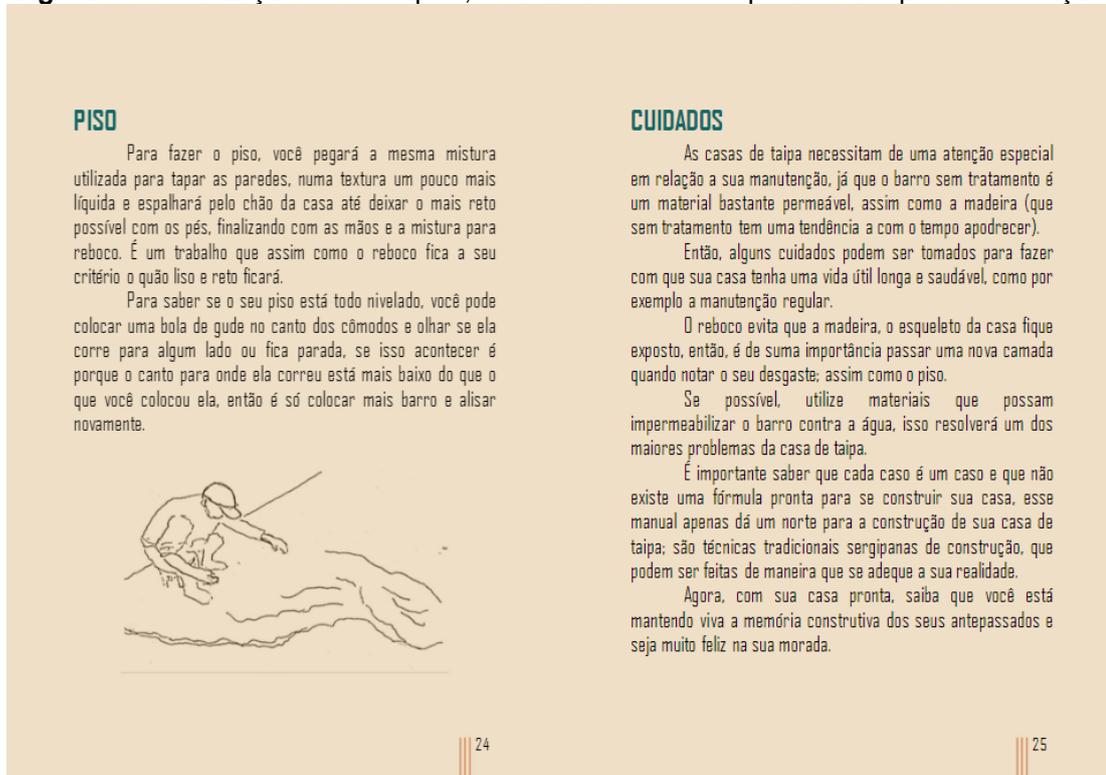
Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 84 – Método utilizado na tapagem da edificação feita de taipa de mão; e método para fazer reboco.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Figura 85 – Realização do contrapiso; e cuidados essenciais para se ter após a construção.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

A presente monografia buscou preservar a memória construtiva sergipana através do levantamento das técnicas construtivas vernaculares nos interiores de Lagarto e Itabaiana e da produção do Manual de Aplicação das Técnicas Construtivas Vernaculares. Nela é possível ter acesso a história contada por quem tem propriedade para falar, quem a viveu.

Além de percorrer os interiores de Lagarto e Itabaiana para filtrar essas construções, o tempo foi um desafio: fazer o levantamento e a catalogação de residências aguardando a demolição, atrelado a falta de conhecimento das prefeituras com relação a esse patrimônio cultural edificado. Não se pode concluir sem observar as condições precárias que vivem as edificações vernaculares no interior do estado e como a perda parcial dessas técnicas tem acarretado na sua falta de manutenção, levando a população a considerar insegura a morada em casas construídas com essas técnicas.

Na campanha difamatória às residências vernaculares, especialmente as casas de taipa, há sempre um vilão muito recorrente: A falta de informação! Pôde-se observar no desenvolver desse trabalho, o quanto o tema é pouco trabalhado no Brasil e o quanto a falta de disseminação dele acaba por prejudicar a preservação da memória vernacular do país. Além de se perceber que pouco do trabalho produzido chega a atingir a população, não sendo feito um trabalho de conscientização de base.

Durante o contato com os moradores e construtores foi possível perceber um desejo em comum entre a maioria deles: uma casa de bloco. Ninguém fala sobre os problemas da alvenaria cerâmica, pois ela trás lucro, gira a economia e serve a quem por ela pode pagar, da mesma forma que ninguém fala sobre as vantagens de se morar em uma casa de taipa por exemplo. Como dito por TRINDADE (2019, p. 102) “a ideia de modernização e urbanização vem fundamentando conceito de moradia e cultura tidas como “referência” para sociedade, onde tudo que foge desses parâmetros, é julgado como atrasado ou estagnado”; essa forma de repassar informações, de desvalorizar e de inferiorizar as edificações vernaculares são um dos fatores que ocasionam a perda das técnicas construtivas vernaculares no país.

Faz-se necessário refletir sobre o papel do arquiteto nessa área e em como a sua atuação junto a população pode refletir de maneira positiva no dia a dia dela e na preservação das técnicas, trocando experiências entre academia e sabedoria popular, sabendo que seus esforços juntos podem não só melhorar as condições de vida de muitas pessoas, mas também ajudar a preservar a memória edificada de Sergipe. Além disso, é preciso reconsiderar a preservação seletiva, lembrando que a maior parte da história é feita de maneira diária, pelo

povo e que deve-se preservar também a memória de suas moradas, ou o Brasil terá um povo sem história.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2005.
- AMÉRICO. Entrevista concedida a Arthur Souza Santos. Lagarto, 16 jan. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice desta monografia]
- ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. Entrevista concedida a Arthur Souza Santos. Lagarto, 15 jan. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice desta monografia]
- ARRUDA, Ângelo *et al.* **A Arquitetura Vernacular das 5 Regiões Brasileiras**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul–UFMS. [200?]
- BARBOSA, Assuero Cardoso. **Lagarto em verso e trova**. Aracaju, SE: Gráfica J. Andrade, 2013.
- BISPO, José de Almeida. **Itabaiana, nosso lugar: Quatro séculos depois**. Itabaiana, SE: Edição do Autor, 2013.
- CARVALHO, D.M. de; COSTA, J. E. da. **A questão da centralidade urbana em Itabaiana/SE: Uma abordagem preliminar**. Revista Scientia Plena, v. 5, n. 9, p. 1-12, 2009.
- CARVALHO, R.; CARRÉRA, M; SURYA, L. **Arquitetura Vernacular no Sertão de Itaparica-PE: Experiência de Registro como Memória**. Revista Noctua, n. 1 p. 66-78, 2016.
- COSTA, L. **Arquitetura**. Ed. José Olympio, São Paulo. 2002.
- EMDAGRO, Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe. **Informações Básicas Municipais: Município de Lagarto**. Aracaju, 2018. Disponível em: <<https://emdagro.se.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/LAGARTO-Infoma%C3%A7%C3%B5es-B%C3%A1sicas-Municipal-ago-2018.pdf>>. Acesso em: 13 de jul. de 2020.
- EMDAGRO, Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe. **Informações Básicas Municipais: Município de Itabaiana**. Aracaju, 2018. Disponível em: <<https://emdagro.se.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/ITABAIANA-Infoma%C3%A7%C3%B5es-B%C3%A1sicas-Municipal-2018.pdf>>. Acesso em: 13 de jul. de 2020.
- ESTADO DE SERGIPE. **Sergipe em dados**. Aracaju: SEPLAN/SUPES, 2008.
- FERREIRA, J. P. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: 1959. v. XIX.
- FONSECA, Floriano Santos. **Febres e Fraudes na Vila do Lagarto: Apontamentos para o estudo da história de Lagarto**. Infographics, 2015.
- FRANÇA, Vera Lúcia Alves; Cruz, Maria Tereza Souza. **Atlas escolar Sergipe**. Ed. Grafset: João Pessoa, 2008.
- GÜNTER, Weimer. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados: Sergipe**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/se.html>>. Acesso em: 13 de jul. de 2019.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados: Itabaiana**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/se/itabaiana.html>>. Acesso em: 13 de jul. de 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**: Lagarto. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/se/lagarto.html>>. Acesso em: 13 de jul. de 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse do Censo Demográfico**. Rio de Janeiro. 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo, SP: Brasiliense s.a.1981.

LENGEN, JOHAN VAN, **Manual do arquiteto descalço**. São Paulo: empório do livro, 2008.

LIMA, R. R. **Arquitetura vernacular e habitação de interesse social**. 2010. Disponível em: <<http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/51/51-651-1-SP.pdf>> Acesso em: 25 de agosto de 2019.

MENEZES, Wanderlei Oliveira. **Ordem e Transgressão em Sergipe D’El Rei**: A trajetória do Sargento-mor Bento José de Oliveira (1763-1808). 2015. 186 f. Dissertação parcial de mestrado. Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2015.

MENEZES, Wanderlei. **Considerações sobre a etimologia da palavra “Itabaiana”**. Interdisciplinar, v. 6, nº. 6 - p. 155-165 – Jul/Dez de 2008.

PISANI, M. A. J. **Taipas**: A arquitetura de terra. Revista Sinergia, v. 5, n. 1, p 09-15, 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/Maria_Augusta_Pisani/publication/271829655_TAIPAS_A_ARQUITETURA_DE_TERRA/links/54d27cd10cf2b0c61469bf06.pdf>. Acesso em: 25 de agosto de 2019.

RUSKIN, John. **A Lâmpada da Memória**. Tradução de Maria Lúcia Bressan Pinheiro. Revisão Beatriz e Gladys Mugayar Kuhl. – Cotia-SP: Atelier Editoria, 2008. pp. 49 a 85.

SALVADOR, Frei Vicente do. História do Brasil: 1500 – 1627. 5. ed. (comemorativa do 4º centenário do autor). Revista por Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Frei Venâncio Willeke, OFM. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **A Festa de São Benedito em Lagarto-Se (1771-1928)**: Limites e Contradições da Romanização. 2013. 356 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SANTOS, Ednalva Barros dos. **História e Cultura de Itabaiana Contada em Versos**. Itabaiana, SE: Info Graphics, 2011.

SANTOS, Iracema Soares. Entrevista concedida a Arthur Souza Santos. Lagarto, 21 ago. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice desta monografia]

SANTOS, Tereza Maria. Entrevista concedida a Arthur Souza Santos. Lagarto, 15 jan. 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice desta monografia]

SERTANEJO, Pedro. **Meus canarinhos**. Disponível em: < <https://soundcloud.com/pedrosertanejo/meus-canarinhos>> . Acesso em 11 de jul. de 2020.

SILVA, E. **Matéria, Ideia e Forma**: Uma definição de arquitetura. Ed. UFRGS, Rio Grande do Sul, 1994.

SOARES, Eduardo Fajardo. **O adobe:** Vernáculo, Fetichje, Pasdtiche. In: Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação, 4, Belo Horizonte, 2015.

SOUZA, Fábio Silva. **ARQUEOLOGIA DO COTIDIANO: UM FLÂNEUR EM SÃO CRISTÓVÃO – SERGIPE.** Monografia. 2004. 182f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2004.

SPILLER, N. C. *et al.* **Arquitetura vernacular rural:** O quadro do estado do Ceará. In: ICOMOS Brasil. Local: Simpósio Científico, 2017.

TEIXEIRA, Claudia Mudado. **Considerações sobre arquitetura vernácula.** Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, v.15, n.17, p. 29-45, 2008.

TELLES, Augusto Carlos da Silva. **Arquitetura Vernacular no Brasil:** Necessidade de inventário e estudo. In. Atas do IV Congresso Internacional do barroco íbero-americano. Ouro Preto: Congresso Internacional do Barroco Íbero-americano, 2006. p. 883-890. Disponível em: <<https://www.upo.es/depa/webdhuma/areas/arte/4cb/pdf/Augusto%20da%20Silva%20Telles.pdf>>. Acesso em 12 de jul. de 2020.

TRINDADE, Mariana Santos da. **O Habitar Sertanejo:** Uma visão do semiárido através da habitação social. 2019. 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.

UNESCO. **Carta sobre o Patrimônio Vernacular edificado.** 12ª Assembleia Geral do ICOMOS. Cidade do México – México, outubro de 1999.

APÊNDICES

FICHAS DE DADOS DOS PROJETOS PREENCHIDAS

DADOS DO PROJETO					
NOME DO PROJETO:	O SABER FAZER E A MEMÓRIA CONSTRUTIVA SERGIPANA: A VERNACULARIDADE EM LAGARTO E ITABAIANA				
DATA DA ENTREVISTA:	16/01/2020	DURAÇÃO:	08:38	LOCAL ENTREVISTA:	Crioulo de Cima
ENTREVISTADOR:	Arthur Souza Santos			LOCAL DE ESTUDO:	Crioulo de Cima
DADOS DO ENTREVISTADO					
NOME COMPLETO:	Claudivânia Conceição dos Santos			LOCAL :	Crioulo
DATA DE NASCIMENTO:		PROFISSÃO:	Dona de Casa	(x)MORADOR ()CONSTRUTOR	
POVOADO:	Crioulo			()OUTROS:	
ENDEREÇO:	Não há nome de rua.				
CIDADE:	Lagarto	OBSERVAÇÕES:		Faz manutenção recorrente.	
CASA DE ESTUDO:					

DADOS DO PROJETO					
NOME DO PROJETO:	O SABER FAZER E A MEMÓRIA CONSTRUTIVA SERGIPANA: A VERNACULARIDADE EM LAGARTO E ITABAIANA				
DATA DA ENTREVISTA:	16/01/2020	DURAÇÃO:	08:38	LOCAL ENTREVISTA:	Crioulo de cima
ENTREVISTADOR:	Arthur Souza Santos			LOCAL DE ESTUDO:	Crioulo de cima
DADOS DO ENTREVISTADO					
NOME COMPLETO:	Maria Domingas de Souza de Jesus			LOCAL :	Crioulo de cima
DATA DE NASCIMENTO:		PROFISSÃO:	Dona de Casa	(x)MORADOR ()CONSTRUTOR	
POVOADO:	Crioulo de cima			()OUTROS:	
ENDEREÇO:	Crioulo				
CIDADE:	Lagarto	OBSERVAÇÕES:		Mora na casa construída pelo primo.	
CASA DE ESTUDO:					

DADOS DO PROJETO					
NOME DO PROJETO:	O SABER FAZER E A MEMÓRIA CONSTRUTIVA SERGIPANA: A VERNACULARIDADE EM LAGARTO E ITABAIANA				
DATA DA ENTREVISTA:	16/01/2020	DURAÇÃO:	08:38	LOCAL ENTREVISTA:	Várzea do Crioulo
ENTREVISTADOR:	Arthur Souza Santos			LOCAL DE ESTUDO:	Várzea do Crioulo
DADOS DO ENTREVISTADO					
NOME COMPLETO:	Janiela Vieira Santos			LOCAL :	Crioulo
DATA DE NASCIMENTO:	26/02/1997	PROFISSÃO:	Dona de Casa	(x)MORADOR ()CONSTRUTOR	
POVOADO:	Crioulo			()OUTROS:	
ENDEREÇO:	Várzea do Campo do Crioulo				
CIDADE:	Lagarto	OBSERVAÇÕES:		Mora na casa construída pelo avô.	
CASA DE ESTUDO:					

DADOS DO PROJETO					
NOME DO PROJETO:	O SABER FAZER E A MEMÓRIA CONSTRUTIVA SERGIPANA: A VERNACULARIDADE EM LAGARTO E ITABAIANA				
DATA DA ENTREVISTA:	15/01/2020	DURAÇÃO:	22:06	LOCAL ENTREVISTA:	Pindoba
ENTREVISTADOR:	Arthur Souza Santos			LOCAL DE ESTUDO:	Pindoba
DADOS DO ENTREVISTADO					
NOME COMPLETO:	Sônia Maria da Silva Araújo			LOCAL :	Pindoba
DATA DE NASCIMENTO:	18/12/1968	PROFISSÃO:	Dona de Casa	(x)MORADOR (x)CONSTRUTOR	
POVOADO:	Pindoba			()OUTROS:	
ENDEREÇO:	Não há nome de rua.				
CIDADE:	Lagarto	OBSERVAÇÕES:		Casada, tem três filhos.	
CASA DE ESTUDO:					

DADOS DO PROJETO					
NOME DO PROJETO:	O SABER FAZER E A MEMÓRIA CONSTRUTIVA SERGIPANA: A VERNACULARIDADE EM LAGARTO E ITABAIANA				
DATA DA ENTREVISTA:	17/01/2020	DURAÇÃO:	10:29	LOCAL ENTREVISTA:	Ribeira
ENTREVISTADOR:	Arthur Souza Santos			LOCAL DE ESTUDO:	Ribeira
DADOS DO ENTREVISTADO					
NOME COMPLETO:	Maria Francisca dos Santos			LOCAL :	Ribeira
DATA DE NASCIMENTO:		PROFISSÃO:	Dona de Casa	<input checked="" type="checkbox"/> MORADOR <input checked="" type="checkbox"/> CONSTRUTOR	
POVOADO:	Ribeira			<input type="checkbox"/> OUTROS:	
ENDEREÇO:	Estrada para poções da Ribeira.				
CIDADE:	Itabaiana		OBSERVAÇÕES:	Casa da irmã, mas já foi dela, agora mora em uma casa de alvenaria ao lado.	
CASA DE ESTUDO:					

DADOS DO PROJETO					
NOME DO PROJETO:	O SABER FAZER E A MEMÓRIA CONSTRUTIVA SERGIPANA: A VERNACULARIDADE EM LAGARTO E ITABAIANA				
DATA DA ENTREVISTA:	15/01/2020	DURAÇÃO:	53:09:00	LOCAL ENTREVISTA:	Pindoba
ENTREVISTADOR:	Arthur Souza Santos			LOCAL DE ESTUDO:	Casa de Terezinha
DADOS DO ENTREVISTADO					
NOME COMPLETO:	Terezinha Maria dos Santos			LOCAL :	Pindoba
DATA DE NASCIMENTO:	02/01/1960	PROFISSÃO:		<input checked="" type="checkbox"/> MORADOR <input checked="" type="checkbox"/> CONSTRUTOR	
POVOADO:	Pindoba			<input type="checkbox"/> OUTROS:	
ENDEREÇO:	Travessa Zé Bizerra, Barro Vermelho				
CIDADE:	Lagarto		OBSERVAÇÕES:	Entrevista com ex-moradora e construtora de casa de Taipa.	
CASA DE ESTUDO:					

DADOS DO PROJETO					
NOME DO PROJETO:	O SABER FAZER E A MEMÓRIA CONSTRUTIVA SERGIPANA: A VERNACULARIDADE EM LAGARTO E ITABAIANA				
DATA DA ENTREVISTA:	21/08/2019	DURAÇÃO:	22:38:00	LOCAL ENTREVISTA:	Lagarto
ENTREVISTADOR:	Arthur Souza Santos			LOCAL DE ESTUDO:	
DADOS DO ENTREVISTADO					
NOME COMPLETO:	Iracema Soares Santos			LOCAL :	
DATA DE NASCIMENTO:		PROFISSÃO:	Dona de Casa	<input checked="" type="checkbox"/> MORADOR <input checked="" type="checkbox"/> CONSTRUTOR	
POVOADO:				<input type="checkbox"/> OUTROS:	
ENDEREÇO:					
CIDADE:			OBSERVAÇÕES:	Entrevista com ex-moradora e construtora de casa de Taipa.	
CASA DE ESTUDO:					

ENTREVISTA DE CLAUDIVÂNIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

ÍNICIO DA ENTREVISTA

ENTREVISTADOR - A casa onde a senhora mora foi construída pela a senhora?

CLAUDIVÂNIA - Não!

ENTREVISTADOR - Foi construída por quem?

CLAUDIVÂNIA - Por meu sogro.

ENTREVISTADOR - A senhora estava na época da construção? Ou não sabe de nada?

CLAUDIVÂNIA - Eu não sei de nada, eu não morava aqui não nessa época, morava noutro canto.

ENTREVISTADOR - Mas a senhora já participou de alguma construção de casa de taipa?

CLAUDIVÂNIA - Só na casa da minha mãe, que nós fazia, cozinha, casa de taipa, nós fazia (inaudível)

ENTREVISTADOR - E a senhora lembra como era?

CLAUDIVÂNIA - É... o barro, água, botava as varas, os pregos, os enchimentos, só.

ENTREVISTADOR - Lá já era com prego no caso, não era com cipó mais?

CLAUDIVÂNIA - Não, já era com prego já nessa época.

ENTREVISTADOR - E aí as que a senhora participou foi com telha ou era com outro material no telhado?

CLAUDIVÂNIA - Com telha normal.

ENTREVISTADOR - Com telha normal!

ENTREVISTADOR - E quem era que costumava participar da construção da casa?

CLAUDIVÂNIA - Meu pai, minha mãe...

ENTREVISTADOR - E aí só vocês? Não tinha mais ninguém?

CLAUDIVÂNIA - É, só nós mesmo, de casa mesmo.

ENTREVISTADOR - A senhora lembra como era feito a parte da base da casa, antes de levantar?

CLAUDIVÂNIA - Não, não tinha base não. Era só os buracos mesmo, cavava os buracos e botava o pau.

ENTREVISTADOR 2 – O da lateral assim... Existia diferenciação das laterais pra fazer as quinas da casa, ou não?

CLAUDIVÂNIA - Mulher, acho que não. Era as mesmas coisas.

ENTREVISTADOR 2 - Era as mesmas varas? Porque algumas pessoas relataram que elas pegavam os mais grossos pra botar...

CLAUDIVÂNIA - É, do lado é mais grosso né? Ai no meio as mais fininhas, né?

ENTREVISTADOR - E aí os materiais vinham de onde? Eram vocês que pegavam?

CLAUDIVÂNIA - Do mato mesmo, nós ia buscar no mato, ai fazia.

ENTREVISTADOR - Aí vocês marcavam um dia e iam pegar no mato?

CLAUDIVÂNIA - É, depois, no outro dia já começava a coisar, a fazer.

ENTREVISTADOR - E aí todo mundo de casa participava?

CLAUDIVÂNIA - É...

ENTREVISTADOR - Todo mundo ia botando as varas...

CLAUDIVÂNIA - É, um fazia barro, outro botava água... cada um fazia uma coisa.

ENTREVISTADOR - Mas todo mundo sabia como era ou tinha alguém mandando?

CLAUDIVÂNIA - É, todo mundo sabia.

ENTREVISTADOR 2 - Quando você subiu a casa lá da sua mãe, lá foi do zero?

CLAUDIVÂNIA - Foi.

ENTREVISTADOR 2 - Ah, e porque assim, falaram que tinha uma pessoa que vinha para marcar os cômodos, dividir... Ou foi vocês mesmos que fizeram?

CLAUDIVÂNIA - Não, na época tinha alguém né? Que botava né? Fazia e a pessoa só ia coisa né? Botar as telhas. Oh! As paredes. Só tapava as paredes.

ENTREVISTADOR 2 - Mas a estrutura de onde ia ser a sala, de onde ia ser o quarto... tudo isso já estava definido?

CLAUDIVÂNIA - Era.

ENTREVISTADOR 2 - E quem definia era essa pessoa?

CLAUDIVÂNIA - Era as pessoa que vinha pra armar a casa.

ENTREVISTADOR - E aí essas pessoas eram contratadas ou era tudo amigo?

CLAUDIVÂNIA - Era tudo amigo mesmo.

ENTREVISTADOR - Tudo amigo né?

CLAUDIVÂNIA - Era.

ENTREVISTADOR - Você sabe quanto tempo mais ou menos tem que essa casa foi construída?

CLAUDIVÂNIA - Ói, sei não viu? Acho que tem mais de vinte e tantos anos.

ENTREVISTADOR - E ela tá desde então, nunca teve nada?

CLAUDIVÂNIA - Não, nunca teve nada.

ENTREVISTADOR - Aí lá no fundo vocês fizeram a parte de bloco e caiu foi?

CLAUDIVÂNIA - Derrubaram quando eles saíram.

ENTREVISTADOR - Aí era essa parte aqui de taipa, a parte da frente de taipa e a parte do fundo de bloco já?

CLAUDIVÂNIA – Era, era de bloco.

ENTREVISTADOR -:Que era mais nova no caso?

CLAUDIVÂNIA - Era.

ENTREVISTADOR - Você sabe dizer se teve alguma parte, algum cômodo da casa que começou a cair? Algum cômodo de taipa que começou a cair?

CLAUDIVÂNIA - Todo o acabamento do quarto de lá, quando teve na época da chuva, no inverno, aí caiu o pedaço, ai nós foi e tapamos.

ENTREVISTADOR - Mas foi só uma vez?

CLAUDIVÂNIA - Só foi uma vez.

ENTREVISTADOR - E vocês já estavam dentro de casa?

CLAUDIVÂNIA - Já, nós já tava aqui.

ENTREVISTADOR - Tem quanto tempo mais ou menos?

CLAUDIVÂNIA - Rapaz, acho que tem... o mais velho ta com oito anos, acho que tem mais de oito anos.

ENTREVISTADOR 2 - Ah, estavam só vocês né? Graças a deus.

ENTREVISTADOR - Mas enquanto isso era ela firme e forte?

CLAUDIVÂNIA - É.

ENTREVISTADOR 2 - Vocês fazem assim, tipo, recuperam... eu percebi que ali a parede já tá mostrando as varas. Aí vocês tapam de novo?

CLAUDIVÂNIA - Tapa de novo. Aquela do fundo também tava coisada, ai eu fui, reboquei de novo, ai botei aquele plástico, ai quando chove, derruba de novo. Aí eu boto o plástico pra num, quando chover não cair, né? Aí tem esse lado de cá ainda pra coisar.

ENTREVISTADOR - Aí toda vez que chove, que molha, ele vai...

CLAUDIVÂNIA - É, vai desmanchando, cai, aí fica um buraco.ai tem que colocar barro de novo pra tapar, pra não dormir aberto.

ENTREVISTADOR - E aí vocês pegam o barro de onde?

CLAUDIVÂNIA - O barro, assim, a gente acha nos formigueiros. Tem formigueiro, aí nós vai, carrega de galinhota.

ENTREVISTADOR - E vocês pegam só o barro do formigueiro?

CLAUDIVÂNIA - É, só o barro.

ENTREVISTADOR 2 - Você já morou em casa de alvenaria? De bloco?

CLAUDIVÂNIA - Não.

ENTREVISTADOR - Não né? Sempre foi de taipa.

CLAUDIVÂNIA - Sempre de taipa.

ENTREVISTADOR - E o que é que você acha da iluminação, do vento dentro de casa... você acha bom, você acha tranquilo?

CLAUDIVÂNIA - É bom, o vento.

ENTREVISTADOR - A casa não é quente, né?

CLAUDIVÂNIA - Não, é muito fresca.

ENTREVISTADOR 2 - Percebi que tem várias janelas aí né?

ENTREVISTADOR - É que a maioria das casas de taipa que a gente foi tem uma janela na frente e uma no fundo.

CLAUDIVÂNIA - Essa aqui já tinha feito tudo né? Quando cheguei aqui já tinha esse rebanho de janelas.

ENTREVISTADOR - Aí por isso que eu acho que ela é bem fresca.

CLAUDIVÂNIA - É.

ENTREVISTADOR - É, na hora que a gente entrou estava bem ventilado mesmo lá dentro.

ENTREVISTADOR - E aí quando chove, que começa a cair, ele cai de ver a parte de dentro da casa ou cai só a parte de fora mesmo?

CLAUDIVÂNIA - Aí vezes cai, dá pra ver dentro.

ENTREVISTADOR - Aí vocês vão, pegam o barro do formigueiro...

CLAUDIVÂNIA - (inaudível)

ENTREVISTADOR 2 - Já teve algum animal, um inseto, alguma coisa?

CLAUDIVÂNIA - Não, só o cachorro mesmo.

ENTREVISTADOR - É que falam muito que casa de taipa dá barbeiro, essas coisas... mas aqui nunca teve?

CLAUDIVÂNIA - Nunca teve não, tem umas baratas, é o que tem.

ENTREVISTADOR 2 - Barata é uma desgraça!

CLAUDIVÂNIA - É, tem barata por aqui, né? Que eu já vi né

ENTREVISTADOR - E aí hoje a senhora faz, sempre que tem alguma coisa assim, vai pega o barro e tapa? A gente viu que lá como tá bem lisinho, tá bem bonitinho.

CLAUDIVÂNIA - Ali fui eu que alisei, ali fora. Tava bem feio, já tem que alisar as coisas

ENTREVISTADOR - Aí você faz só ou os meninos te ajudam?

CLAUDIVÂNIA - Não, sozinha eu faço. As vezes o marido me ajuda, quando ele não ta em casa, eu vou e faço sozinha, quando ele chega já tá feito.

ENTREVISTADOR - O bom é que é prático, não precisa de pedreiro, só vai fazendo.

ENTREVISTADOR 2 - Quando você fazia assim, com a família, tinha alguma cantoria, alguma coisa?

CLAUDIVÂNIA - Não, era todo mundo calado mesmo. (Inaudível)

ENTREVISTADOR - Estava atrapalhando né?

CLAUDIVÂNIA - É.

ENTREVISTADOR - E a senhora lembra como era que fazia para escolher cada cômodo da casa? Se era realmente essa pessoa que vinha que definia ou vocês que diziam: "a gente quer o quarto aqui! A gente quer a sala aqui!"?

CLAUDIVÂNIA - Não, isso aí o povo dizia né? Onde queria e onde não queria. Ai ele já deixava o lugar feito.

ENTREVISTADOR - É porque assim, a maioria das casas que a gente chegou tem sempre assim: um quarto do lado, a sala e a cozinha. Ai a gente ficou se perguntando se era a própria pessoa que escolhia ou se era quem fazia a estrutura que definia.

CLAUDIVÂNIA - É a pessoa que escolhe, onde quer o lugar do quarto, a sala...

ENTREVISTADOR - E aí o banheiro não tinha na época. Faz sempre depois né?

CLAUDIVÂNIA - É.

ENTREVISTADOR 2 - Aqui o banheiro é lá fora também?

CLAUDIVÂNIA - É, aqui não tem banheiro não.

ENTREVISTADOR - E o que é que a senhora acha que é muito bom morar na casa da senhora? O que é que tem aqui que a senhora gosta? Vento, iluminação...?

CLAUDIVÂNIA - Rapaz, eu gosto de tudo né? Porque tem tudo aqui, aí eu gosto de tudo.

ENTREVISTADOR - E tem alguma coisa que incomoda a senhora que a senhora não gosta?

CLAUDIVÂNIA - Por enquanto não.

ENTREVISTADOR 2 - Já está morando aqui há quanto tempo? Uns dez anos?

CLAUDIVÂNIA - É, acho que é essa base.

ENTREVISTADOR - Então o que a senhora aprendeu de fazer, de tapar, assim, foi com quem?

CLAUDIVÂNIA - Com meus pais mesmo.

ENTREVISTADOR - É, com seus pais né? Tudo que você aprendeu de casa de taipa foi com eles?

CLAUDIVÂNIA - Foi!

ENTREVISTADOR - Muito obrigado viu?

FIM DA ENTREVISTA

ENTREVISTA DE AMÉRICO E MARIA DOMINGAS DE SOUZA DE JESUS

ÍNICIO DA ENTREVISTA

AMÉRICO - Essa menina vivia abandonada aí, ela é meu tio...ela é minha sobrinha, prima.

DOMINGAS - É prima.

ENTREVISTADOR 2 - Prima?

AMÉRICO - Aliás, ela é minha prima. O pai dela era o meu tio, era irmão da minha mãe. Ela vivia abandonada, vivia mais o irmão aí, o irmão só querendo expulsar ela de dentro de casa, só com os filho dela. Aí eu tive pena dela, morando aí mais minha mãe, aí cheguei "Vou fazer uma casinha", aí pedi as telhas a minha mãe, aí fiz essa toquinha, aí botei ela dentro. Fui no mato tirar a madeira, chamei os amigo, tapemo. Tirei vara, tapemo e colocamo ela dentro. Hoje em dia ela tá aí.

ENTREVISTADOR - E aí...é... Como foi essa construção? De como era? O senhor chamava todo mundo pra vim... Como foi que o senhor fez?

AMÉRICO - Pra armar, eu armei sozinho depois chamei a comunidade, sabe? Que isso aqui pra tapar é difícil pra eu sozinho...aí eu disse "oh amigos, venha fazer o favor e tapar essa casinha aqui pra colocar essa coitada ai dentro", todo mundo aceitou todo mundo aqui é amigo, é tudo uma comunidade mesmo, ai "vamo", ai chamei um rapaz ali, chamei uma galera...eles vieram, tapemos. Botamos ela aí dentro, pedi umas portazinhas, minha mãe me deu 2(duas), a de lá do fundo que não deu, arrumei uma tabuazinhas, arrumei uma portinha e botei ela dentro.

ENTREVISTADOR - E aí... Como é que o senhor fez a estrutura dela? Esses daqui, por exemplo, (aponta para colunas). O senhor vai pega um mais grosso, como é que o senhor montou?

AMÉRICO - É, a cumeeira é mais grossa, que é pra segurar o peso, né? Aí vim trazendo essas aqui que pega o barro e que bota umas peças mais fina. Se pro alpendre que é pequeno, cada pecinha presta, né?

ENTREVISTADOR 2 - Tá matando uma cobra aí, né?

MENINO - É...

AMÉRICO - Aí armei as pecinhas, armei a casinha

ENTREVISTA - E aí tudo isso o senhor pegou no mato?

AMÉRICO - Tudo no mato, aí é tudo no mato.

ENTREVISTADOR - E aí o senhor sabe qual... Como é que o senhor sabe qual escolhe pra pegar?

AMÉRICO - Não, eu num escolho não... Aqui é...

ENTREVISTADOR 2 - Você mata sem medo, não é?

MENINO - Não.

AMÉRICO - Do que dá mesmo, né? Codaco, jurema... Jurema ói, ali é jurema. Isso aqui não sei o que é, porque já foi de uma casa velha que me deram, não sei que madeira é essa. Esse aqui é de uma madeira chamada vara branca.

ENTREVISTADOR - Vara branca?

AMÉRICO – É.

ENTREVISTADOR - E aí é... O caibrozinho de dentro?

AMÉRICO - Essas vara aqui são marmeleiro.

ENTREVISTADOR - Marmeleiro?

AMÉRICO – É.

ENTREVISTADOR - E aí tudo tem por aqui?

AMÉRICO - É tudo tem ali, nos mato ai.

ENTREVISTADOR 2 - E o senhor disse que tinha um medidor...medidor? O que é isso medidor?

AMÉRICO - Medidor é uma linha, linha de pedreiro.

ENTREVISTADOR 2 - Sim.

AMÉRICO - Uma linha mesmo... Que a gente mede os metros... 5(cinco)... 6 (seis)... 7(sete)... 8 (oito) metros.

ENTREVISTADOR - E aí vocês medem com base em que? Vocês pegam tipo dali pra cá?

AMÉRICO - Enfica um pauzinho aqui, aí puxa a linha pra ali e finca outra no fundo...Que ai fica no esquadrozinho. Aí bota num esquadrozinho e faz porque se não fica de um lado mais largo e outro mais estreito, né? Aí ficou o quartinho apertado, aí não coube as pecinhas dela, aí eu chamei um amigo, aí... Aí o amigo “Não vou dar uma ajuda a ela” aí chegou e fez essa parede, aí é de bloco (inaudível). Ele é casado com uma menina daqui ...

ENTREVISTADOR 2 – Sim.

AMÉRICO - Aí teve pena que não cabia as coisinhas dela, aí chegou e fez de bloco a parede toda.

ENTREVISTADOR 2 - Derrubou a outra.

AMÉRICO - Derrubou a parede veia que eu fiz e fez de bloco pra ela... Deu o bloco, a mão-de-obra a ela...

ENTREVISTADOR - E tem quando tempo que o senhor fez essa casa?

AMÉRICO - Rapaz...tem muitos anos, tem muito tempo já que eu levantei.

ENTREVISTADOR - Tem mais de 10 anos?

DOMINGAS - Tem 7 anos.

AMÉRICO - Tem de 7 a 8 anos.

DOMINGAS - 8 anos, tem 7.

ENTREVISTADOR - A gente perguntou porque assim, a gente vê que ela tá inteira, ela tá boa.

DOMINGAS - Tem 7 anos, porque meu menino tá com 8.

AMÉRICO - É porque aí pra (INAUDITIVEL) é difícil barro é, barro sustenta, né?

DOMINGAS - Bota na conta que tem a idade do menino, o menino tava com ...quando foi feito aqui ia fazer 1 ano, tava de cadeirinha pra aprender a andar...anda já...tem 7 anos, foi.

ENTREVISTADOR - E aí o senhor coloca primeiro os principais, que são os maiores...

AMÉRICO - É.

ENTREVISTADOR - Aí coloca todos eles e depois que vem colocando...

AMÉRICO - É... Praticamente arma primeiro os meios, né? Que é a cumeeira mais os cantos, que a casa é feita daí pra lá. Porque aqui já é o alpendre, né? Aí foi daí pra lá, daqui pra lá. Depois esquadramos, esquadramos e no final fizemos um alpendrezinho.

ENTREVISTADOR - Entendi.

AMÉRICO - Já viu a outra areazinha lá?

ENTREVISTADOR - Não, ainda não.

AMÉRICO - Venha aqui pra ver. Aqui tem essa areazinha aqui, tem esse fogãozinho que aí foi meu irmão que fez pra ela...

ENTREVISTADOR - Tudo de taipa também?

AMÉRICO - Tudo de taipa, é.

DOMINGAS - Tudo de taipa, é.

AMÉRICO - Fiz um depósitozinho pra ela botar as bagaceiras, pra não tá dentro de casa ocupando, né?

ENTREVISTADOR - É...

AMÉRICO - Porque a casinha é pequena, as vezes chega a irmã dela, a irmã dela as vezes vem de Aracaju e não tem onde morar, se arranjar, vem pra aqui. E tem um...

DOMINGAS - Minha irmã? Ou é minha filha?

AMÉRICO - E Sula não é tua irmã, não?

DOMINGAS - É.

AMÉRICO - Então!

DOMINGAS - Sim, mas Sula é...

AMÉRICO - (Ela) tem uma filha que mora em lagarto, vem pra aqui traz os filhinhos... (inaudível) Ai não, vem aí, uma casinha pequena, ai eu não vou fazer um depositozinho. Tudo é minha mãe que dá, ela deu essas telhas aí pra eu fazer, minha mãe é aposentada, meu pai é aposentado, né? Ai eu só pedindo.

ENTREVISTADOR - E aí como é que amarra? O senhor colocou os principais que são os mais grossos, e aí vai colocando os do meio e o senhor amarra eles como? Uns nos outros?

AMÉRICO - Aí é nos pregos, aí tem uns imbés...Uns cipós... Um imbezinhos do mato, tá vendo ó?

ENTREVISTADOR - Imbé?

AMÉRICO - É imbé, ta vendo ó?

ENTREVISTADOR - E aí que é cipó?

AMÉRICO - É.

ENTREVISTADOR - Que pega por aqui mesmo?

AMÉRICO - Isso...é tudo por aqui, tudo no mato.

ENTREVISTADOR - E aí ele pega... O senhor pega ele e amarra com ele verde ainda? Ou coloca pra secar?

AMÉRICO - É verde, verde;

ENTREVISTADOR - Aí vai tecendo ele...

ENTREVISTADOR 2 - Por que é verde? Desculpa perguntar.

AMÉRICO - Porque se for seco, quando puxa ele tora.

ENTREVISTADOR 2 - Ah... Ele fica quebradiço, não é?

AMÉRICO - É... Ele fica quebradiço.

ENTREVISTADOR - Aí vocês colocam, vai amarrando e vai pregando que é pra dar mais sustentação?

AMÉRICO - Pra só umas peças... Aqui as vezes é porque já caiu , quando eu não estou aqui as vezes, porque eu moro com a minha mãe, ai ela bota os preguinhos e fica tudo torto, porque ela não sabe colocar, ai ela pega o martelinho e fica ajeitando, quando eu não tô por ai porque eu trabalho, eu saio ela fica aqui...

ENTREVISTADOR - Mas, ai de resto, os que são no meio são tudo de ...

AMÉRICO - Tudo apregado com prego.

ENTREVISTADOR - E aí a tapagem, como é que faz? Vai tapando primeiro em baixo...

AMÉRICO - É pega de baixo e vai subindo e faz o barro, argamassa, piso por dentro, pra unir o barro bem, pra ficar bem ligadinha, aí sai tapando...

ENTREVISTADOR - E aí vocês colocam mais alguma coisa além do barro e da água? Ou só barro e água?

AMÉRICO - Barro só e água.

ENTREVISTADOR 2 - E aí o barro o senhor pega qualquer um? Qualquer barro?

AMÉRICO - É qualquer barro que tem onde eu cavei aí com o pessoal.

ENTREVISTADOR - Que teve um pessoal que falou pra gente que fazia muito a parte de fora com o barro do formigueiro, né?

AMÉRICO - É isso aí.

DOMINGAS - É, mas aí é selão.

AMÉRICO - É aqui é selão, é qualquer um.

DOMINGAS - O de formigueiro é pra passar com a mão

AMÉRICO - É pra rebater.

ENTREVISTADOR - O de formigueiro é só pra dar um retoque.

AMÉRICO - É, é. Pra ficar lisinho.

ENTREVISTADOR - E aí o telhado, tudo madeira que tirou também no mato?

AMÉRICO - Tudo no mato! Ai não tem nada comprado não, tudo que eu tirei no mato!

ENTREVISTADOR - E aí me diga uma coisa, como foi que, com é que faz a base da casa?

AMÉRICO - Aqui não tem base não, sabe? Aqui foi porque eu ia fazer um alpendrinho, mas eu não tive condições de comprar cimento, então eu fiz uma basezinha aqui, mas aqui é só o barro mesmo...

ENTREVISTADOR - Só o barro?

AMÉRICO - Aqui faz assim no chão, eu fiz a estrutura no chão mesmo, depois levantei de barro. Aqui num tem base, cavar de base, aqui não tem não.

ENTREVISTADOR - Tudo é só inficado no chão...

AMÉRICO - Só as madeiras inficadas no chão, depois que inficou, só as grade assim, coloca vara aqui e aqui e sai botando as varas no meio.

ENTREVISTADOR - E aí quantos metros mais ou menos, quanto é que cava mais ou menos pra inficar no chão pra ela ficar firme?

AMÉRICO - 2 metros, 2,20...

ENTREVISTADOR - Todas?

AMÉRICO - As grossas é, uns 10 palmos, porque aí tá seguro...

ENTREVISTADOR - Esses aqui que são mais....

AMÉRICO - Que são mais rasos, porque aí já tá firmado, mais essas aqui.

ENTREVISTADOR - E aí quais são os equipamentos que vocês usam? Enxada, cavador...

AMÉRICO - Aqui é cavadora boca de jegue. Daquela fininha, cavador de boca.

ENTREVISTADOR - Aí ficava as grandes com ela e a pequena vai...

AMÉRICO - Tudo com ele, tudo com ele....

ENTREVISTADOR - Tudo com ele, só que um é mais fundo e o outro não, né?

AMÉRICO - É um é mais fundo e o outro raso.

ENTREVISTADOR - Entendi.

AMÉRICO - Olha lá! A portinha de madeira foi essa que eu fiz

ENTREVISTADOR - Fez direitinho o senhor...

AMÉRICO - É eu endireito muita coisa...ajeito bicicleta... Aquela motinha ali que eu comprei pra carregar ela de vez em quando, quando ela pede, eu vou levar ela no médico.

ENTREVISTADOR - E aí como foi que vocês decidiram como era que ia ser os cômodos? Os tamanhos assim dos cômodos?

AMÉRICO - Eu medi os quartos da casa da minha mãe, dos de lá eu tirei esses daqui.

ENTREVISTADOR - Entendi. E o de lá como foi?

AMÉRICO - O de lá já foi um pedreiro que fez, o de lá é de bloco, né?

ENTREVISTADOR - O de lá é de bloco, né?

AMÉRICO - Lá já é os mestres, né?

ENTREVISTADOR - Aí aqui foi o mesmo modelo?

AMÉRICO - Da de lá? Da de lá eu tirei essa.

ENTREVISTADOR - Aí tem o quarto, cozinha,

AMÉRICO - É e a varandinha...

DOMINGAS - É dois quartos, filho.

AMÉRICO - É dois quartos aí.

DOMINGAS- É dois quartos, tem a sala e a cozinha.

AMÉRICO - E essa área aqui e o alpendrinho.

ENTREVISTADOR 2 - Aí banheiro é aqui fora?

AMÉRICO - Banheiro é aqui.

ENTREVISTADOR – O banheiro é de taipa também?

AMÉRICO - O banheiro é de taipa tudo que eu fiz aqui pra ela, aqui é obra que eu faço pra ela. Aí tem o quintalzinho, o tanquinho dela ali...

ENTREVISTADOR - Tudo bem ajeitadinho, né?

AMÉRICO - É!

ENTREVISTADOR 2 - E de assim... Eu percebi que os animais estavam por ali, por aqui tem insetos e essas coisas? Dizem que dá muito barbeiro e essas coisas...

AMÉRICO – Não, não...

DOMINGAS - Não tem barbeiro aqui não...

ENTREVISTADOR 2 - E percevejo? Teve uma casa por aqui que a mulher disse que teve uma infestação de percevejo.

AMÉRICO – Não, não, aqui não tem não.

DOMINGAS - Aqui de vez enquanto o que aparece são essas peçonhentas.

AMÉRICO - O pessoal da saúde vem aqui de vez enquanto.

ENTREVISTADOR 2 - Peçonhentas são essas cobras que o menino tava matando como se não fosse nada, não é?

(RISOS)

AMÉRICO - O filho é brabo.

DOMINGAS - É que eu invés de chamar de cobra, eu chamo de peçonhenta, porque ela de vez de vim, ela vai é mais pra lá.

ENTREVISTADOR - Mas, aí o que aparece aqui é só isso mesmo?

DOMINGAS - É meu filho, tem barata, aqui o que tem mais é barata.

ENTREVISTADOR - Barata, é?

DOMINGAS - É, mas barata é normal.

ENTREVISTADOR - É, todo lugar que a gente passou falou das baratas.

DOMINGAS - É a chuva meu filho...formiga...

ENTREVISTADOR - Aqui tem muita formiga?

DOMINGAS - De vez enquanto, aparece. A formiga é normal também.

FIM DA ENTREVISTA

ENTREVISTA DE JANIELA VIEIRA SANTOS

INÍCIO DA ENTREVISTA

ENTREVISTADOR- Essa casa aqui é de alguma de vocês?

JANIELA- Era do meu avô

ENTREVISTADOR- Era do seu avô.

JANIELA- Agora quem tá morando é eu.

ENTREVISTADOR- Você quem tá morando lá, né?

JANIELA- É.

ENTREVISTADOR- E aí quem construiu foi ele?

JANIELA- Foi o meu avô.

ENTREVISTADOR- foi ele quem construiu. E vocês ajudaram, como foi?

JANIELA- Não. Num ajudei não. (Risos) Eu era piquininha.

ENTREVISTADOR- E como foi? Você sabe dizer como foi essa construção? Como...

JANIELA- Num sei dizer não.

ENTREVISTADOR- É... E cês sabem dizer quais foram os materiais que eles usaram? Madeira, essas coisas... O que foi?

JANIELA- Barro, foi barro e... como é? Esse pauzinho, os pauzinho.

ENTREVISTADOR- Entendi. E aí preenchia com barro ou com água só.

JANIELA- É, com barro e água.

ENTREVISTADOR- É... E cê sabe me dizer quem era que costumava participar dessas construção, se é daqui, quem era que tinha participado, se foi só família, família e amigo...

JANIELA- A própria família mesmo.

ENTREVISTADOR- Todo mundo da família descia e vinha ajudar!?

JANIELA- É.

ENTREVISTADOR- E aí, é... cê sabe como todo mundo ficava sabendo que ia ter essa tapagem da casa?

JANIELA- Sei dizer não.

ENTREVISTADOR- É... cê sabe me dizer como é feito o chão dela? Como foi, se começou feita uma base de pedra ou se já começou do chão mesmo.

JANIELA- Não, foi do chão mesmo, tendo pau embaixo.

ENTREVISTADOR 2- Assim né, cê mora lá, mas cê tem também né, passa um tempo aqui as vezes?

JANIELA- Eu fico mais aqui do que lá. (Risos) Por que aqui é minha, minha casa aqui, aí ela mora aí e corre aqui, pra riba e pra baixo, pra lá e pra cá.

ENTREVISTADOR 2- Pra lá e pra cá, né? (Risos)

ENTREVISTADOR- longe né, longe desse jeito (Risos)

JANIELA- Aí eu fico mais aqui de que lá.

ENTREVISTADOR 2- Assim, qual casa é mais confortável pra ficar assim, de questão de vento...

JANIELA- Lá, lá é mais fresco.

ENTREVISTADOR 2- Lá é mais fresco né? Mas iluminação assim, qual é mais iluminado. Qual entra mais luz do sol aqui ou lá?

JANIELA- Aqui né, que é mais alto.

ENTREVISTADOR 2- Aqui é mais alto? Aí entra mais....

ENTREVISTADOR- Que lá é mais baixo ai num... Mas a ventilação lá é boa!?

JANIELA- É boa.

ENTREVISTADOR 2- É boa. Aí em tempo de calor todo mundo corre pra á, porque lá é mais friinha né? (Risos)

JANIELA- Mais ou menos (Risos)

ENTREVISTADOR- Mas aí é por que tem muito vento ou é por que o barro é realmente mais frio do que o...?

JANIELA- Não, é por que a casa é mais baixa e o vento entra mais, né?

ENTREVISTADOR- Entendi. É... e você, você ainda chegou a pegar alguma tapagem de...?

JANIELA- Eu morava com a minha mãe ali, mas a daqui não.

ENTREVISTADOR- Mas era casa de taipa também?

DESCONHECIDA- Uma casinha de taipa também, era.

ENTREVISTADOR- E... vocês, vocês que fizeram lá!?

JANIELA- Foi

ENTREVISTADOR- E cês lembram... O pessoal diz muito que tinha muita música, que faziam panelada de comida quem tinha mais condições, quem não tinha...

JANIELA- Faziam um batalhão

DESCONHECIDA- É, por que fazia aquele batalhão pra fazer aquela tapa né, chamava os amigo todo e fazia aquela... aquele batalhão de gente pra tapá a casa.

ENTREVISTADOR- E aí como era, a senhora lembra as musica que cantava, alguma coisa assim?

DESCONHECIDA- Ah minha fia, num me lembro mais nada mais não, daquele tempo já passou foi tudo.

JANIELA- Amado Batista. Naquele tempo era amado batista (Risos)

DESCONHECIDA- É... o povo mais véio naquele tempo num tinha esse negócio de Amado Batista não, aquele povo mais véio eu num sei mais nem como era. (Risos)

ENTREVISTADOR- E aí a casa da senhora, da senhora mesmo passou muito tempo em pé?

DESCONHECIDA- Passô.

ENTREVISTADOR- A senhora sabe mais ou menos quanto tempo?

DESCONHECIDA- Agora quantos ano eu num sei assim... quando eu fiz essas menina era tudo pequenininha, aí depois aí foro crescendo lá mermo...

JANIELA- Aí lá a casa foi...

DESCONHECIDA- E aí a casa querendo cair, aí quando foi feito essa casa daqui e viemo praqui.

ENTREVISTADOR- E aí cês viero pra cá por que a de lá tava querendo cair!?

DESCONHECIDA- Era.

JANIELA- As parede tava toda caino.

DESCONHECIDA- Caindo. E também o telhado.

JANIELA- (inaudível)

ENTREVISTADOR- Entendi.

DESCONHECIDA- Aí agora vimo praqui, e quando chegou aqui cada quem procurou o seu destino. E eu fiquei aqui.

ENTREVISTADOR- E aí lá num valia a pena mais ajeitar né?

DESCONHECIDA- Não. Só se fizesse ôta como essa que nós fizemo essa aqui. Lá onde eu morava, que a que nós morava num prestava mais pa cuncertá.

ENTREVISTADOR- Mas foi por que ela foi caindo aos poucos ou ela já tava...?

DESCONHECIDA- Foi, foi caindo aos poucos, a madêra fi apodeceno, o barro foi caino, o telhado foi apodeceno a madêra, e aí foi... De água abaixo.

ENTREVISTADOR- Mas aí a senhora acha que foi realmente obra do tempo né, da madeira apodrecendo.

DESCONHECIDA- Foi, obra do tempo que acabou com o tempo.

ENTREVISTADOR- Assim como poderia acontecer aqui.

DESCONHECIDA- E tudo tem seu tempo né?

ENTREVISTADOR- É por que muita gente fala que... é... a casa de taipa ela... dura menos né? Mas aí falar a verdade eu vejo umas casa de alvenaria que num dura nem 5 anos...

DESCONHECIDA- Verdade.

ENTREVISTADOR – E, todo mundo que a gente passou que já conversou, teve gente que tá mais de vinte anos na mesma casa de taipa.

DESCONHECIDA- Eu acho assim, por que hoje em dia ninguém que mais casa de taipa né? Mas dizer que ela é forte é, por que cê veja aí ela é toda de madeira assim,

JANIELA- Essa tem mais de sessenta ano.

DESCONHECIDA- (inaudível) e passado umas vala e inchia de barro, aí pra ela caí... só memo os puder de Deus, como é que diz, Deus é tudo, só memo os pudê de Deus pa ela cair, agora eu sou mais assim, acho assim até uma casa de taipa mais mió de que uma dessa.

ENTREVISTADOR- Você acha?

DESCONHECIDA- Eu acho.

ENTREVISTADOR- Mas por quê?

DESCONHECIDA- Assim, por que acho assim, de meu pensamento assim...

JANIELA- Por causo do chão né?

DESCONHECIDA- Que aí é tudo fincado no chão os pau, toda tapadinha assim, aí num tem como cair, e uma dessa quarqué coisa (Inaudível)(Risos), que eu vejo no jornal passá tudo caino né assim, aqueles temporal e as casa tudo caino.

ENTREVISTADOR- Ói, a gente tava...

DESCONHECIDA- Mas aí vou te dizer que ninguém quer mais, num tem mais, num existe mais

ENTREVISTADOR- Então, é esse o intuito da pesquisa realmente por que assim, é uma casa forte, é uma casa que dura, que tem geralmente... que ela é mais friazinha por que tem uma ventilação boa, e ninguem mais sabe como é que faz.

DESCONHECIDA- É, Ninguém quer mais e ninguém sabe mais como faz.

ENTREVISTADOR- Exatamente, e a gente tava vendo umas casa chiques com parede de taipa, com coisa assim... Aí os rico querem fazer, agora quem tem menos dinheiro num tá querendo fazer por que acha que é sinônimo de pobreza.

DESCONHECIDA- Pois é.

ENTREVISTADOR- E... É... Mas na casa de vocês mesmo e aqui cês faziam manutenção, assim de tá caindo um pedaço e ir lá e botar de novo? Como era?

DESCONHECIDA- Não por que quando ela começou querê cair nós saímo logo de dento, aí discutrimo, tiramo umas têia, e cumpletemo essa daqui e derrubemo os barro da de lá,(Inaudível) e deixemos lá derrubada.

ENTREVISTADOR- É por que as vezes ele vai caindo ai começa a chover, começa a sair um pouquinho...

DESCONHECIDA- É, começa a derreter O...

ENTREVISTADOR- Mas mesmo assim cês não faziam, num colocavam mais...

JANIELA- Já tava saindo as parede aí meu pai ajeito, passando cimento.

ENTREVISTADOR- E aí passou com cimento, no caso?

JANIELA- Mas já ta caindo tudin de novo...

ENTREVISTADOR- É por que o barro não sustenta o cimento, tem que ser com o próprio barro.

JANAELI- Derrubou o lado de lá, levantou de bróco...

ENTREVISTADOR- Eu vi que do lado de lá... Na parte da garagem, né?

JANAELI- É, é de bróco lá

ENTREVISTADOR- É de bloco já... Mas é porque é isso, o cimento ele não sustenta no barro tem que ser o próprio barro em cima dele. E aí... mas antes disso provavelmente já tinha sido feito né, que você disse que sessenta anos...

DESCONHECIDA- Já, tem mais de sessenta anos..

JANIELA- Mas e aí quando ele veio praqui?

DESCONHECIDA- É muito tenho minha fi que ele mora aí minha fi (inaudível)

ENTREVISTADOR- E... É... vocês sabem como era que fazia pra escolher cada cômodo, se era alguém que já tinha mais conhecimento que fazia, como era?

DESCONHECIDA- Quem tinha mais conhecimento, né.

ENTREVISTADOR- E aí era a mesma pessoa quem fincava os primeiros paus, no caso?

DESCONHECIDA- Uhum.

ENTREVISTADOR- E vocês que construíram a casa, qual é a melhor lembrança que cês tem da construção mesmo?

DESCONHECIDA- Eu não tenho muita lembrança de nada.

ENTREVISTADOR- Já tem tempo, né? (Risos)

DESCONHECIDA- Já tem tempo, eu não tenho lembrança de nada mais. (Inaudível) se eu tivesse morando aí já tinha arriado, já tinha caído.

ENTREVISTADOR- E qual era a coisa pior que cês achavam de morar na casa de taipa? Que você acha ainda no caso.

JANAELI- Cobra do mato apareceno...

DESCONHECIDA- Por que casa de taipa é assim, a gente fazia a casa e tinha que rebocar né, tinha que passar a mão nela, tinha que rebocar ela todinha, com o ôto barro, pra ficar toda lisinha, pra ficar bonitinha, por que se deixasse como a gente tapava ficava feio, ficava aqueles bolo de barro, feia as parede, ai tinha que rebocar todinha de barro, ai passava outra mão todinha alisando, pra ficar assim ói, não era assim por que aí é cimento né. Mas, pá alisar pra ficar mais bonita.

ENTREVISTADOR- E aparece muita cobra?

JANAELI- (inaudível) Demais menino.

ENTREVISTADOR- Mas a mesma que aparece aqui não aparece aqui não?

JANAELI- Não, aparecia muito, viu.

DESCONHECIDA- Mas é por que lá era mais o lugar que eu morava lá.

ENTREVISTADOR- Ah, mas aí era o lugar, não era por causa da casa no caso?

ENTREVISTADOR 2- Aonde era que a senhora morava?

DESCONHECIDA- Lá naquele pé de juá lá, ói.

ENTREVISTADOR- É por que alí é mais no meio do mato né?

DESCONHECIDA- Era mais no mato, que era mato num lado, mato no ôto e a casa no meio.

ENTREVISTADOR- Mas aqui aparece muita cobra?

JANAELI- Rapaz... Aparecia, mas depois que eu entrei aí parou.

ENTREVISTADOR- Por que não tinha ninguém em casa, nera?

JANAELI- É.

ENTREVISTADOR- A gente tava fazendo uma entrevista agora com uma senhora e tava a cobra dentro da casa dela. (Risos) Era a gente fazendo aqui e a cobra passando do lado.

ENTREVISTADOR 2- um pivetinho desse tamanho assim ói, têi têi têi... Matando a cobra.

JANAELI- Matando a cobra..., Meu deus do céu....

ENTREVISTADOR 2- muita cobra, é...

ENTREVISTADOR- Mas aqui não aparece?

DESCONHECIDA- Aqui é raro.

JANAELI- aqui é mais difícil. Difícil aparecer cobra.

ENTREVISTADOR- Pois ela disse também, que lá aparecia muita cobra mas que era barbeiro, besouro assim essas coisas num tinha. Aqui tem, barbeiro...?

DESCONHECIDA- Não, a gente nunca viu não, é uma coisa que a gente nem conhece. Barbeiro, esse besouro.

DESCONHECIDA 2- Barbeiro é o quê?

ENTREVISTADOR- É o besouro

DESCONHECIDA 2- O besourinho que tem aqueles coisinha?

ENTREVISTADOR- Rapaz, eu pra te falar a verdade num ei nem a aparência do barbeiro.

DESCONHECIDA 2- Por que realmente tá aparecendo uns besourinho quando a gente tá deitado que entra dentro do ouvido da pessoa.

DESCONHECIDA – Esse é grande, que ele se soca assim... Dentro do...

ENTREVISTADOR- Dentro do barro.

DESCONHECIDA- Dentro do barro. É grande, eu vejo dizer que o barbeiro é assim, que ele é grande, tem as barba grande, eu vejo dizer, nunca vi não, eu vejo dizer que ele vive assim socado dentro dos buraco dos barro, por isso que o povo quer acabar esse negócio de casa de taipa mode disso.

ENTREVISTADOR- Quando a gente começou a fazer o projeto a gente viu que tinha um programa do govrto federal né, de tirar as casas de taipa e dar as casas de alvenaria, de bloco mesmo, mas aí, uma das maiores justificativas deles é por causa do barbeiro, mas aí a todo mundo que a gente perguntou aqui, todo mundo disse que nunca viu barbeiro na casa de taipa.

JANAELI- É uma coisa que a gente nunca viu mesmo não.

ENTREVISTADOR- Mas de algum animal de entrar só cobra mesmo?

DESCONHECIDA- Não. cobra, barata que aparece.

ENTREVISTADOR- Ô mulher, barata é em todo canto.

DESCONHECIDA- É, normal..

ENTREVISTADOR 2- Bora medir?

ENTREVISTADOR- E com quem foi que vocês aprenderam a fazer casa de taipa?

DESCONHECIDA- O povo do ôto tempo só fazia dessas casa, que num existia casa assim, aí a pessoa já se criô já no clima dos pais, e dos amigo que só morava em casa de taipa...

ENTREVISTADOR 2- Foi aprendendo né?

DESCONHECIDA- Foi aprendendo...É, que nós já se criamo nesse clima, né que naquele tempo não existia dessas casa né de broco, num existia era tudo casa de taipa, todo mundo.

ENTREVISTADOR- Não foi de chegar aqui e alguém dizer que isso era assim, assim e assim.

DESCONHECIDA- Não, era tudo casa de taipa, já nascemo em casa de taipa tendo todo mundo da mesma casa que nós tinha, todo mundo mesmo jeito, depois que foi mudando, o povo foi mudando o tempo ou o tempo foi mudando o povo... (Risos) (Inaudível).

ENTREVISTADOR 2- Eu agora tô so pensando no que a senhor falou, foi udando o tempo ou o tempo foi mudando o povo..

ENTREVISTADOR- E por aqui cês viam casa de adobo? Aquele tijolo cru de barro.

DESCONHECIDA- Eu mesmo não via não, mas tinha.

ENTREVISTADOR- Era mais de taipa.

DESCONHECIDA- Quem tinha essas casinha aí já faleceram que era o povo mais velho né, hoje em dia a gente num sabe nem, quase nem tem visto, que num existe mais...

ENTREVISTADOR- por aqui eu acho que a gente só viu uma, não foi, de adobe?

ENTREVISTADOR 2- Foi aqui não, foi em Itabaiana, foi não?

ENTREVISTADOR- Foi uma aqui e uma em Itabaiana, foi o total de casa de adobe que a gente viu. Pronto, a gente vai dar uma medida lá pra cês irem almoçar.

DESCONHECIDA- A casa tá bagunçada, cheguei da feira agorinha, no coletivo que vem da pindoba, aí vim agora da feira.

ENTREVISTADOR 2- Tem feira lá na pindoba hoje?

DESCONHECIDA- Em Lagarto. Agora o carro da pindoba vai pra Lagarto e a gente vai pra Lagarto.

ENTREVISTADOR- Hoje é quinta né?

DESCONHECIDA- É, hoje é quinta. o carro passa aqui de lá da feira dia de hoje e dia de segunda, umas seis e meia ele tá passando aqui pa Lagarto. E dez horas ele tá passando de Lagarto pra cá.

ENTREVISTADOR 2- A senhora sai seis e meia pra ir pra feira é?

DESCONHECIDA- Seis e meia.

ENTREVISTADOR- O bom é que pega na porta e deixa na porta.

DESCONHECIDA- É, na porta. É verdade!

FIM DA ENTREVISTA

ENTREVISTA DE SÔNIA MARIA DA SILVA ARAÚJO

INÍCIO DA ENTREVISTA

SÔNIA MARIA - É para entrar... colocava, mas nunca saiu.

ENTREVISTADOR - Era do projeto do governo

SÔNIA MARIA - É do governo! A gente colocava, mas nunca saiu não esse projeto aí! Era só tentando, botando e nunca saía...

ENTREVISTADOR - E como é que funcionava se vai lá e coloca o nome, é?

SÔNIA MARIA - eles era quem levavam, eles era quem levavam os nomes das pessoas, aí vinha uma visita, pra visitar se era mesmo de verdade a casa e... acabava em nada.

ENTREVISTADOR - E era o pessoal da prefeitura isso?

SÔNIA MARIA - Era... ela já entrou em reforma né? De projeto né?

ENTREVISTADOR - A intenção do nosso projeto é que...assim, a maioria das casas hoje em dia já são de bloco, né? Quase todas as casas daqui...quase...Olhe, aí daqui até a pista da BR que leva para Lagarto a gente encontrou só...na estrada, né?

SÔNIA MARIA - Na estrada né?

ENTREVISTADOR - A gente encontrou só 15 casas de taipa, então assim comparada a quantidade de casa que tem, é mínima. E aí a gente quer saber, como é que essa casa era feita, para manter documentado como era que se construía casa em Sergipe; mesmo que hoje não seja feito mais desse jeito a gente quer ter o documento que prove como era. então vou começar a fazer as perguntas a senhora. A casa é sua casa aqui foi construída pela senhora?

SÔNIA MARIA - Foi

ENTREVISTADOR - No caso a senhora mesmo quando foi entrar para cá para dentro, construiu?

SÔNIA MARIA - É fazia, né? De taipa de coisa...de vara, envarava,

ENTREVISTADOR - É como era a construção? como era que vocês faziam?

SÔNIA MARIA - Levanta de madeira! É levantada de madeira e agora envara, enrola com cipózinho quem tem o cipó, quem não tem é de arame. Arame liso, num é? Envara as varas e depois tapa.

ENTREVISTADOR 2 - Aí...é... assim, por exemplo, aqui parece ser o chão de Barro...

SÔNIA MARIA - Aqui o chão é de barro! Todo de barro.

ENTREVISTADOR 2 - Todo de barro, né?...aí vocês faziam a fundação com pedra essas coisas ou só batia o barro até...

SÔNIA MARIA- Não, cavava o chão que é pra colocar os paus em pé, pra poder envarar.

ENTREVISTADOR - E aí cavava muito?

SÔNIA MARIA - É cava, né?

ENTREVISTADOR - Aí isso é antes da tapagem, vai cavando, já deixa tudo...

SÔNIA MARIA - Cava, aí depois levanta ela, depois envara, depois que é a tapagem. É assim! Depois é que coloca o resto das coisas, passa a mão, alisa. Pra ficar bonitinho

ENTREVISTADOR - E aí esses materiais? Vocês pegavam aonde? De madeira, de barro?

SÔNIA MARIA - Com os amigos dava. os pedaços de madeira, madeirinha para gente fazer a casa. A gente não comprava não, amigo dava tudo! tudo mato né? antigamente tinha mato de sobra, né? Aí tinha uns paus a gente tirava, né? E fazia! As vezes a gente encontra um amigo bom, aí dizia “ah, não precisa comprar”, pedia, eles davam. Descascava, essa madeira aí óh, tira aquela Casca Grossa e construía a casinha.

ENTREVISTADOR - E aí quem costumava participar dessa construção? Vocês chamavam os amigos, como era?

SÔNIA MARIA - Pra o que? Pra tapar?

ENTREVISTADOR - É

SÔNIA MARIA - Os amigos. Chamava cavava um *tanqueão* lá de barro assim, que tinha um monte de barro, era um dia todo.

DESCONHECIDO -: E a cachaça comendo, né nenê?

SÔNIA MARIA - Era o dia todo e a cachaça pra dentro, num era? Era tomando cachaça e todo mundo...

ENTREVISTADOR - Todo mundo fala dessa cachaça (risos).

SÔNIA MARIA - Passava o dia todinho meu filho! Aquele barreirão de barro pra tapar uma casa dessa e tinha vez que não tapasse, que ficava um pedaço, depois a gente aí, aí chamava os amigos de novo, pra tapar o resto.

ENTREVISTADOR - Tomar mais uma, né? (risos)

SÔNIA MARIA - Tomava mais uma e terminava de tapar a casa.

Entrevistador 2 - E panelada? Rolava aquelas paneladas de comida?

SÔNIA MARIA - Às vezes...tinha tapagem...

DESCONHECIDO - Eu mesmo nunca fiz...

SÔNIA MARIA - Às vezes tinha, né?

ENTREVISTADOR - Não pegou essa fase boa não, né? (risos)

SÔNIA MARIA - O Negócio era arroz doce, se lembra não?

DESCONHECIDO - A não, só me lembro da cachaça! (risos)

ENTREVISTADOR - Bebeu tanto que esqueceu, né? (risos)

SÔNIA MARIA - Viu? Como ela só lembra da cachaça?

ENTREVISTADOR - É a senhora aprendeu a fazer casa de taipa com quem?

SÔNIA MARIA - Aí agora já foi com meus avôs, minhas avós, esse povo aí mais velho que já morreram...

ENTREVISTADOR - E todo mundo fazia?

SÔNIA MARIA - E todo mundo fazia! Amigo, amiga, avô, avó, era tudo criado no negocio de casa de taipa.

ENTREVISTADOR - E aí todo mundo sabia fazer um pouquinho?

SÔNIA MARIA - Todo mundo sabia fazer um pouquinho. E aí todo mundo sabia fazer, tinha o carpinteiro. E levantava a casa.

ENTREVISTADOR - E aí o carpinteiro era sempre uma pessoa específica, não era qualquer um que fazia não?

SÔNIA MARIA - Não. Pra levantar não, né nené? Pra levantar tinha ele já próprio pra levantar, né? Depois de levantado aí a gente ia cuidar.

ENTREVISTADOR - E aí como é que fazia? porque hoje em dia ter Carpinteiro é uma fortuna, né?

SÔNIA MARIA - Hoje em dia os carpinteiros acabou, né? Não se chama carpinteiro mais.

DESCONHECIDO - Pedreiro, né?

SÔNIA MARIA - Se chama pedreiro, né? Levantou a casa de bloco, pronto!

Entrevistador 2 - Mas, a parte que o carpinteiro fazia era fazer o....é...

SÔNIA MARIA - A parte...é só levantar. só as partes de madeira

Entrevistador 2 - Só os da lateral e o telhado? E amarrar as varas tudo, era vocês mesmo?

SÔNIA MARIA - Aí já era os donos.

ENTREVISTADOR - Ele só fazia no caso, a parte que segura tudo?

SÔNIA MARIA - Só essa parte né...

ENTREVISTADOR - A parte que era mais complicada?

SÔNIA MARIA - Como vê hoje, tem a casa de bloco, mas tem o levantamento que cobre.

ENTREVISTADOR - Sim, o telhado

SÔNIA MARIA - Aí hoje dia não existe carpinteiro mais.

ENTREVISTADOR - E aí essa pessoa tinha um na região ou tinha vários assim?

SÔNIA MARIA - Eu me lembro assim que tinha muitos, né? Eu alcancei muitos trabalhador de casa de taipa...carpinteiro. Agora nenê, eu acho que não tem mais né? Eu não vi mais, num ouvi falar mais. Hoje em dia devem ser poucos que fazer uma casa dessa

ENTREVISTADOR - É tá difícil

SÔNIA MARIA - Eu acho que fazer uma casa dessa hoje...eu acho que esses meninos que trabalham fazendo casa de bloco...eu acho que não sabe levantar não. Porque essa casa aqui já foi outro modelo, acho que eles não sabem levantar não

ENTREVISTADOR - E aí, como era que vocês escolhiam? Aqui, a casa da senhora mesmo, como é que a senhora escolheu...decidiu onde era que ia ser cada cômodo? Onde ia ficar a cozinha? onde era que ia ficar o quarto? Como foi? Ou só chegou e disse "é aqui".

SÔNIA MARIA - É eu quero minha casa aqui, minha casa aqui... aí o carpinteiro mesmo...

ENTREVISTADOR - Era ele que dividia?

SÔNIA MARIA - É dividiu, os cômodos, os quartos, cozinha, alpendre

ENTREVISTADOR - Mas, era ele que dividia, mas a senhora dizia?

SÔNIA MARIA - Eu dizia que queria e ele dividia a casa. Ele sabe dividir, né? Sabe dividir, dividia! Deixava a casa já divididinha.

ENTREVISTADOR - Aí no caso era pelo conhecimento dele que era dividido não era a senhora que dizia "eu quero uma cozinha aqui na frente não quero lá atrás não", era ele que dizia?

SÔNIA MARIA - Era. Era ele que dizia, né? Porque a casa sem o quarto também não dava, né? É muito horrível.

ENTREVISTADOR - A gente pergunta isso porque a maioria das casas de taipa que a gente chega tem o quarto é a cozinha e a sala do lado tem a varandinha na frente a Maioria é tudo igual...

SÔNIA MARIA - É eu sei como é tipo de uma sala, né? Tipo de uma salinha...

ENTREVISTADOR - A maioria é tudo parecida assim... Ai a gente pergunta pra saber se era uma coisa que era todo mundo fazia desse jeito porque era como sabia que fazia ou se tinha algum motivo de ser que aqui entra mais lento se for desse lado e pega menos sol...ai não era por isso?

SÔNIA MARIA - Não a gente pedia, né? Ele fazia.

ENTREVISTADOR - E a senhora faz a manutenção na casa da senhora? Faz tem alguma coisa caindo alguma parte da parede caindo aí vai lá e ajeita ou vai trocando por blocos aos poucos.... Como é que a senhora faz?

SÔNIA MARIA - Não. Por enquanto quando ela começa a arriar, como começou aí tem uns dois anos a três ela começou a cair esse reboco aqui todinho, ai eu vou lá eu cavo, um pouco de Barro coloco água faço a massa do barro mesmo e passo depois aí vem outro barrinho leve ai eu passo aí vem essa tinta

ENTREVISTADOR - Aí é a senhora mesmo que faz?

SÔNIA MARIA - Eu mesmo que levanto! Aonde ela tá caindo eu levanto. Sabe? Eu mesmo cuido dela. Por que se deixar cair, vai ficar difícil. Eu vou ficar no meio do mundo? Eu não posso, aí eu vou cuidando. Muita gente passa e diz “olha como a casa da senhora tá bonitinha, parece ser de bloco”, mas é o zelo que eu tenho...é porque eu ajeito minha casinha...e aí eu só posso fazer uma quando...

ENTREVISTADOR - E aí sempre que tem alguma coisinha aí assim a senhora já vai logo tapando que é pra não...

SÔNIA MARIA - É! Pra não arriar! Da um problema, como aqui já tá dando, aí ela vai começar a cair, começar a aqui a varinha vai vim, daqui se eu não cuidar dela ela vai virar um buracão, daí a pouco vai trazer muita coisa pra dentro de casa, né?

ENTREVISTADOR - Aí a casa da senhora é tapadinha, tapadinha?

SÔNIA MARIA - Vocês vão olhar ela aí dentro pra ver como é que tá, né? Agora eu zelo muito pra ela tá assim.

ENTREVISTADOR - E aí quando a senhora vai fazer, vai dar esse zelo da senhora, é só a senhora mesmo?

SÔNIA MARIA - É só eu, quem tiver dentro de casa, ou um amigo ou amiga que chegue que quiser me ajudar, senão eu mesmo cuido...

ENTREVISTADOR - Não é mais de fazer batalhão pra chamar todo mundo não?

SÔNIA MARIA - Não, não, não...

ENTREVISTADOR - Por que é uma coisa pouca?

SÔNIA MARIA - Aí eu mesmo cuido, né?

Entrevistador 2 - Mas, assenhora já teve assim, alguma incidência de cair animal, cair alguma coisa?

SÔNIA MARIA - Não, não

ENTREVISTADOR - Não? Por que tem esse negocio de barbeiro que o pessoal fala que casa de taipa tem muito, mas aqui nunca aconteceu não, né?

SÔNIA MARIA - Nunca aconteceu não, graças a Deus! Não, antigamente tinha esse barbeiro que eu nasci e me criei em casa de taipa e não, né? Antigamente tinha aqueles meninos... aqueles meninos que chamava a SUCAM, eles viram lá na nossa casa que era tudo de taipa nesse tempo e muitas casas lá ele atingiu, esse barbeiro velho agora aqui graças a Deus nunca atingiu.

ENTREVISTADOR - Mas aí, aqui a senhora acha que nunca atingiu por causa desse zelo que a senhora tem de estar sempre tapando buraco...

SÔNIA MARIA - Sempre tapando, tapando...aí a gente cuida bem, né? Vê ela como é que tá pra não deixar inseto chegar...porque chega! Sem cuidar, chega!

ENTREVISTADOR - Se não der nenhuma manutenção?

SÔNIA MARIA - É! Aí chega. Tudo na vida né? Deixou cair, aí é problema

ENTREVISTADOR - Já caiu algum cômodo, alguma coisa assim? Já teve de vir, vir abaixo na casa da senhora?

SÔNIA MARIA - Não. Só o que tá baixo agora, vocês vão ver. É essa linha toda, a cumeeira.

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Tá quebrada ela.

SÔNIA MARIA - Ela tá sustentada com dois pauzinhos. A cumeeira quebrou. Enquanto não tiver pra onde, ficamos de baixo.

ENTREVISTADOR - Mas, uma hora ajeita, se Deus quiser.

SÔNIA MARIA - Uma hora ajeita, se Deus quiser, ajeita, né?

ENTREVISTADOR - E a senhora lembra de como era porque dona Terezinha contou a gente que era umas festas pra fazer essas casas de taipa...era umas festas! A senhora lembra de alguma música, alguma coisa assim?

SÔNIA MARIA - Misericórdia, meu filho! Quem deve lembrar de tudo é dona Terezinha porquê...

Terezinha: Minha filha, Terezinha já fez o que tinha que fazer!

SÔNIA MARIA - Eu lembro que tinha muita cantiga meu filho, mas eu nem lembro mais quais cantigas era que cantava. Você sabe das cantigas, né? Porque tinha aquelas rodas...

MARIDO DE SÔNIA MARIA - A senhora não lembra porque se embebedava logo cedo não era dona nenê?

(risos)

SÔNIA MARIA - Era no disco! Hoje em dia não existe disco nem nada não, acabou-se tudo!

ENTREVISTADOR - Mas, aí já era no radinho ou vocês mesmo que cantavam?

Terezinha: Oxente rapaz, era com a boca! Era cigarra pra caramba!

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Os homens era cantando em barreiro...

ENTREVISTADOR - Cantando em barreiro?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Era os homens cantando em barreiro. Aqueles tipos de trovano, né? Tipo desses caras que batem pandeiro, né? Dança de coco...

ENTREVISTADOR - Mas, o senhor lembra de alguma?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Lembro nada, naquele tempo eu era menino

SÔNIA MARIA - É essas danças veia antiga mesmo...

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Agora cachaça rolava certinho, né? (risos)

ENTREVISTADOR - Era menino, mas ele lembra da cachaça. E qual era a parte boa de morar na casa de taipa? O que a senhora acha bom de morar na casa de taipa? A ventilação é boa? A iluminação é boa? Como é?

SÔNIA MARIA - Mas, é, né? Não vou dizer que é ruim, né?

ENTREVISTADOR - E tem alguma coisa ruim?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - É que a gente já acostumou, né? Já estamos acostumados...dá até uma coceira no corpo quando chega uma casa de bloco, né menino? (risos)

SÔNIA MARIA - Oh, nunca morou, né? A gente acha bom né? Porque se não tem outra e nunca morou, né? Se não tem outra morada tem que agradecer a Deus em primeiro lugar.

Entrevistador 2- É porque assim, por exemplo, a moringa, já bebeu água de moringa?

SÔNIA MARIA - Já!

Entrevistador 2 - A água da moringa é sempre geladinha, né?

SÔNIA MARIA - É friinha, né?

Entrevistador 2 - É friinha, porque a moringa que é de barro permite passar o calor e fica sempre friinha. Ai a gente queria saber se existe essa coisa porque é o mesmo barro... o mesmo barro que faz a moringa é o barro que faz a casa. Então, tem essa coisa da casa de taipa ser mais friinha ou não, é muito quente mesmo?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Aí é conforme a temperatura do tempo, né? Essa casa é mais fria, porque ela não tem piso, é difícil casa de barro ter piso. Aí fica aquela ventilação das paredes porque as paredes é fria...

SÔNIA MARIA - É porque nós estamos acostumados na casinha de barro, não é isso?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - É meio complicado porque também guarda muita doença, o problema todo é esse. Quando eu era menino os homens vinham e botava remédio nas paredes...

SÔNIA MARIA - A SUCAM, né? A SUCAM!

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Isso, a SUCAM! Ai também tinha um negócio de uma vacina.

SÔNIA MARIA - É eu lembro que eles me vacinaram sobre esses besouros velhos...

ENTREVISTADOR - E vocês já tiveram algum problema, alguma doença por causa da casa?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Eu acho que não, por causa da casa não...

SÔNIA MARIA - Não! Porque eu nasci e criei aqui e morei em casa de barro, tô com cinquenta e um ano e graças a Deus nunca tive nada sobre a casa de barro

ENTREVISTADOR - E qual a parte...a pior parte assim de morar na casa de taipa?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Pois, às vezes, tem casa que molha, né? O chão dessa mesmo molha, aí fica complicado.

ENTREVISTADOR - Aí faz lama?

MARIDO DE SÔNIA MARIA -Não faz lama, molha!

SÔNIA MARIA - Fica fria demais.

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Fica fria e fica molhado, aí fica mais complicado, porque tem umas conforme o lugar também, aí pode ser o inverno e não molha, mas essa daqui mesmo, molha. Tinha muitas aí, né? Tinha muitas casas que dormia na lama. Tudo na lama aí...aí não tinha.... mas hoje, as casas tudo de alvenaria? Mas, essa daqui molha ...

ENTREVISTADOR - E aí tem muito mofo por causa disso?

MARIDO DE SÔNIA MARIA – Não, não, não porque molha, fica molhada, mas barro, né? Ai não junta não. Chove molha, mas não cria lama, nem junta nada, mas molha. Mas, não pode tá com uma criança sentada no chão, também não pode estar com os pés descalços, o cara levanta de manhã cedo não pode pisar no chão porque tá molhado, né? O cara levanta quente, aí né? Tudo complica, né?

ENTREVISTADOR - E a ventilação dentro de casa é boa?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - É a mesma coisa das outras também, né?

ENTREVISTADOR - E aí vocês acham a casa clara, a casa escura?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Rapaz eu acho essa aí escura.

ENTREVISTADOR - Dentro, né?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Ela é toda tapada de barro, a parede aí é tudo grossa pra começar, ai vai só juntando barro, juntando barro e ela engrossando, ai...

ENTREVISTADOR - E nunca tira, né? Só bota?

SÔNIA MARIA - É! Só bota...

ENTREVISTADOR - Vocês já fizeram algum tratamento na parede pra evitar que ela se deteriore...que ela caia...desgrude alguma coisa, botaram cal pra ela ficar mais firme ou alguma coisa assim?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Não, reboco de cal não, sempre fizemos só assim

ENTREVISTADOR - Só o barro mesmo?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - porque também não segura, cimento se botar pra rebocar, não segura

ENTREVISTADOR - É né? É porque os materiais...

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Cimento não segura no barro...

ENTREVISTADOR - Vocês chegaram a pegar alguma casa de adobe, a fazer alguma coisa de adobe, participar de alguma? De adobe?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - De adobo cru, não é?

ENTREVISTADOR - Já viram por aqui?

SÔNIA MARIA - Eu mesmo não.

MARIDO DE SÔNIA MARIA - De adobo cru eu já vi...

SÔNIA MARIA - Eu lembro os adobo, eu lembro dele...

ENTREVISTADOR - Era grande?

SÔNIA MARIA - É! É grande os adobo, né Homem? São grandes eles.

MARIDO DE SÔNIA MARIA - É era grande.

DESCONHECIDO - Ele não foi o daqui da igreja?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Foi nós fizemos aqui a igreja, com adobo, de barro mesmo, depois que botaram uns tijolos...

ENTREVISTADOR - Levantaram a igreja com adobe?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - foi! De adobo cru.

SÔNIA MARIA - De barro também.

ENTREVISTADOR - E aí vocês faziam como?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Tinha a forma, aí faz a forma e quando levanta saia dois de cada vez.

ENTREVISTADOR - E aí vocês mesmo faziam?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Nós mesmo fazia, amassa o barro em qualquer lugar com o barro bom, aí limpava terreno e ficava o canteiro

ENTREVISTADOR - E como era que sabia se o barro era bom? (risos)

MARIDO DE SÔNIA MARIA - A gente só não fazia comer, né? Mas, tem quem conhece o barro que dava obra.

ENTREVISTADOR - Sabia só de ver? Só precisava ver?

MARIDO DE SÔNIA MARIA -Era

ENTREVISTADOR - Mas, não tinha nenhuma manhã, não? Nenhum segredo?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Não, não tinha segredo não, agora pra queimar tem ter... o barro tem que ser certo mesmo, o tipo dele, da telha, do bloco, tem que ser o certo mesmo, mas era tudo barro. Esse daqui dá Telha né, nenê? e tijolo queimado dá né? Mas pra telha não dá... (inaudível)

ENTREVISTADOR - aí a de adobo era o mesmo sistema, de você colocavam, cortava madeira grossa pra colocar nos cantos e depois ia só colocando os blocos de adobe? Como era?

MARIDO DE SÔNIA MARIA -as vezes botava e as vezes não, as vezes só o bloco

ENTREVISTADOR - E aí como era que juntava os blocos?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Com cimento...

ENTREVISTADOR - Já era cimento?

MARIDO DE SÔNIA MARIA - Aí era amarrando

ENTREVISTADOR - Só que a diferença era que invés de ser bloco como era hoje...

MARIDO DE SÔNIA MARIA -...era adobo.

ENTREVISTADOR - Era cru, né?

SÔNIA MARIA - A diferença pra casa do adobe é que era mais seguro.

FIM DA ENTREVISTA

ENTREVISTA DE MARIA FRANCISCA DOS SANTOS

INÍCIO DA ENTREVISTA

MARIA FRANCISCA - Tá gravando?

ENTREVISTADOR 2 - Tô gravando!

MARIA FRANCISCA - Olhe foi construída foi pedindo madeira a um, madeira a outro, telha a um, telha a outro e o barro também foi pedido. Eu mesmo quase de primeiro, eu não tinha condições, né meu filho? Não vou mentir! Então foi pedido até e pedido os meus amigos para vir tapar as construções foi essa.

ENTREVISTADOR - E aí.... É...ela foi construída pela senhora ou pelos amigos?

MARIA FRANCISCA - Pelos amigos as portas vocês tão vendo que são de Serraria não vou mentir mas foi quando minha mãe tava viva minha mãe me deu o dinheiro que ela era aposentada e eu comprei assim mesmo nem é tão boa é fraquinha.

ENTREVISTADOR - E aí essa casa hoje em dia é da irmã da senhora e foi da senhora?

MARIA FRANCISCA - É! É da minha irmã.

ENTREVISTADOR - E a senhora que morou... A senhora morou nela quantos anos mais ou menos?

MARIA FRANCISCA - Morei, rapaz eu morei lá mesmo mais ou menos uns 10 anos.

ENTREVISTADOR - E ela já existia de antes?

MARIA FRANCISCA - Ela já existia de antes.

ENTREVISTADOR - E ela tem mais ou menos quanto tempo?

MARIA FRANCISCA - Rapaz... eu acho que ela tem mais ou menos uns 20 anos.

ENTREVISTADOR - É boa a casa é boa! (Risos)

ENTREVISTADOR - 20 anos?!

MARIA FRANCISCA - Ah mas ela foi mudada né? As madeiras, né? De novo, né?

ENTREVISTADOR - E... É... quando vinha a chuva?

MARIA FRANCISCA - Quando vem a chuva cai a gente eu vou pedir de novo aos amigos e as amigas para construir de novo para pessoa não ficar no mundo né?

ENTREVISTADOR - E aí é a madeira que usa como é que sabe qual usa? é qualquer uma?

MARIA FRANCISCA - é qualquer uma! não tem madeira, para mim é qualquer uma! madeira de casa é qualquer uma.

ENTREVISTADOR - A que der né?

MARIA FRANCISCA - A que der, é.

ENTREVISTADOR - E o barro é a mesma coisa?

MARIA FRANCISCA - É a mesma coisa. é o mesmo barro

ENTREVISTADOR - A senhora disse que o bairro também foi os amigos que deram...

MARIA FRANCISCA - ...Foi os amigos que deram

ENTREVISTADOR - ...Foi tudo tirado daqui?

MARIA FRANCISCA - Não foi daqui não

ENTREVISTADOR - Porque o daqui não presta?

MARIA FRANCISCA - O daqui não presta.

ENTREVISTADOR - E qual é o que presta?

MARIA FRANCISCA - O do Barreiro, dos amigos, dos terrenos dos outros.

ENTREVISTADOR - Barreiro é o quê?

MARIA FRANCISCA - Barreiro é tipo assim uns buracos é dois terrenos não é meu é dos outros e pedir e pedia a caçamba A Caçamba vinha trazer aí né? Embaixo nós trazia para cá para cima que ela não subia... (Risos)

ENTREVISTADOR - Complicado, não é?

MARIA FRANCISCA - Complicado!

ENTREVISTADOR - E quem era que costumava participar das construção de casa de taipa?

MARIA FRANCISCA - Ninguém! Só eu mesmo! E Deus!

ENTREVISTADOR - E a senhora já tinha feito alguma outra fora essa? Quando criança?

MARIA FRANCISCA - Não é a primeira!

ENTREVISTADOR - Assim do zero tinha o piso aí como foi ponto de interrogação cavar para botar as Madeiras...

MARIA FRANCISCA - Não! Teve de cavar para botar as madeiras e teve de botar um (inaudível) Crispim velho crespo que o dinheiro meu filho cadê? Para comprar mais cimento ponto de interrogação para não ficar na areia, né?

ENTREVISTADOR - Se a senhora fosse me dizer passo por passo como era que fazia, qual foi a primeira coisa que a senhora fez para fazer a casa de taipa?

MARIA FRANCISCA - Essa?

ENTREVISTADOR - É!

MARIA FRANCISCA - Tirou a madeira, cavou, botou depois envarou com arame e depois chamei os amigos e tapou, pronto.

ENTREVISTADOR - Aí a madeira o primeiro que a senhora fala, são as mais grossas?

MARIA FRANCISCA - As mais grossas, é!

ENTREVISTADOR - O que é... As mais grossas colocam aonde?

MARIA FRANCISCA - Na frente e atrás.

ENTREVISTADOR - Nos cantos?

MARIA FRANCISCA - É nos cantos

ENTREVISTADOR - E depois coloca as mais fininhas?

MARIA FRANCISCA - É, né? Para envarar.

ENTREVISTADOR - Que aí coloca ela no meio e depois a outra vai na...

MARIA FRANCISCA - É! envarando

ENTREVISTADOR - E aí depois o...

MARIA FRANCISCA - A cumeeira de cima.

ENTREVISTADOR - E depois?

MARIA FRANCISCA - Os caibros. Depois as ripas, depois as telhas né? (Risos)

ENTREVISTADOR - Importante, né? (Risos) E a mistura do Barro? Como era feito? Só barro com água?

MARIA FRANCISCA - Só Barro com água e pisando de pé para poder grudar né?

ENTREVISTADOR - A senhora sabia alguma música, alguma cantiga que cantavam para poder pisar o barro?

MARIA FRANCISCA - Não sabia não e nem sei. (Risos)

ENTREVISTADOR - A senhora cantava em silêncio? (Risos) a senhora pisava em silêncio?

MARIA FRANCISCA - É em silêncio realmente não era eu não era os homens né? Os amigos ponto de exclamação e mulher pode é? Pisar nos Barreiros ponto de interrogação para escorregar e cair?

ENTREVISTADOR - E... É porque a maioria de das pessoas que falaram com a gente de casa de taipa, disse que sempre tinha umas cantigas...

MARIA FRANCISCA - É, mas eu não me lembro não dessas cantigas. (Risos)

ENTREVISTADOR - Aqui não teve não é?

MARIA FRANCISCA - Não.

Entrevistador 2 - E teve uma panelada? Para os amigos depois?

MARIA FRANCISCA - Teve minha filha, teve, teve aí umas panelada, umas couves, umas tripinhas, pobre só pode comprar isso mesmo.

ENTREVISTADOR - Delicia

MARIA FRANCISCA - E comeu

ENTREVISTADOR - E a meladinha?

MARIA FRANCISCA - Teve não. Comeram ou só se fez e pronto foram embora. Agradecer a Deus.

ENTREVISTADOR - E durava mais ou menos quanto tempo para fazer a casa?

MARIA FRANCISCA - A casa? Passou mais de...Pra fazer de madeira? Mais de Ano. Pra fazer de madeira é muito complicado.

ENTREVISTADOR - Por causa da Madeira? Para procurar madeira?

MARIA FRANCISCA - É. É muito complicado, a casa de bloco não né? Levantou botou as telhas, nós tá dentro.

ENTREVISTADOR - Mas aí depois que colocava as madeiras, era rápido?

MARIA FRANCISCA - Era. Era mais fácil.

ENTREVISTADOR - Para tapar? Era um dia, uma tarde?

MARIA FRANCISCA - Não minha filha, aí foi uns três dias aí. Com muitos amigos mas foi uns três dias para tapar.

ENTREVISTADOR - E aí como era que tapava? Vocês iam colocando com cuidado embaixo...

MARIA FRANCISCA - Não. É assim, nós ia com as bacia velha - que nesse tempo a gente tem era bacia velha - aí colocava no pé deles, para eles pegarem os turrão; e o outro do lado de dentro para arrebatam, para mode ele não cair pra cá, na cara da pessoa. Aí vai subindo, subindo até chegar.

ENTREVISTADOR - Aí era uma do lado outro do outro?

MARIA FRANCISCA - Era um do lado de um outro do outro.

ENTREVISTADOR - Aí todo mundo trabalhava em dupla? E com quem foi que a senhora aprendeu a fazer casa de taipa?

MARIA FRANCISCA - Era. Rapaz, eu não aprendi não, eu via o povo aí nem eu fiz, Quem fez foi os amigos.

ENTREVISTADOR - e aí hoje em dia como é que a senhora faz quando cai um pedaço? O que faz?

MARIA FRANCISCA - Quando cai um pedaço, eu vou atrás dos barreiros, de quem tiver vou pedindo uma bacia um balde, acabar faço um lambisgoio mesmo e boto no buraco para não derrubar tudo

ENTREVISTADOR - Aí sempre que surge um buraco faz isso?

MARIA FRANCISCA - Sempre que surge um buraco eu faço isso. É...

ENTREVISTADOR - E qual a época que tem que fazer mais? Época de chuva é?

MARIA FRANCISCA - Época de chuva. Por que a chuva é quem mais derruba

ENTREVISTADOR - Agora sim, a senhora que hoje mora em uma casa de bloco, e já morou numa casa de taipa. Qual é assim a diferença? Lá era claro? Era fresco? Era mais quente? Era mais Frio?

MARIA FRANCISCA - Rapaz, eu não. Aqui é mais fresco, lá é mais quente. Porque casa de taipa é sempre é mais quente ponto e aqui é mais fresco.

ENTREVISTADOR - Aqui também tem muitas aberturas. Lá só tem duas.

MARIA FRANCISCA - Mas, lá é quente lá. Casa de taipa, toda casa de taipa, é quente.

ENTREVISTADOR - Mas aí antes lá não tinha nada na frente dela.

MARIA FRANCISCA - Nunca teve nada. Sempre essa prefeitura mesmo que tá.

ENTREVISTADOR - E quando a senhora Vai tapar os buracos hoje em dia, tem mais alguém que ajuda ou é só a senhora mesmo?

MARIA FRANCISCA - Não. É Deus e Eu. Hoje em dia não tem ninguém que quer ajudar ninguém não,

ENTREVISTADOR - A senhora acha que hoje em dia se alguém dissesse "tem um batalhão para tapar".

MARIA FRANCISCA - Ainda não vem! Você pagando ainda não vem. Ainda pagando não vem não. Vou dizer a minha verdade. Né não?

ENTREVISTADOR - É verdade. E a senhora tem alguma lembrança boa de quando construiu ela?

MARIA FRANCISCA - Tenho não. (Risos)

ENTREVISTADOR - E lembrança ruim?

MARIA FRANCISCA - Tenho não... Não. Nem boa nem ruim.

ENTREVISTADOR - Uma casa de taipa em uma casa de bloco se fosse para senhora escolher?

MARIA FRANCISCA - Se fosse para eu escolher, preferia uma casa de bloco.

ENTREVISTADOR - Mas, tem alguma coisa boa e morar numa casa de taipa?

MARIA FRANCISCA - Não. Nem tem coisa boa nem tem coisa ruim, eu moro em qualquer casa, agora preferência mesmo, eu queria uma de bloco.

ENTREVISTADOR - Teve algum cômodo ou alguma coisa que caiu. Daí teve que reconstruir do zero? Ou sempre foi assim?

MARIA FRANCISCA - Ela sempre foi assim. O que tá caindo é aquilo ali como você viu.

ENTREVISTADOR - O do telhado não é?

MARIA FRANCISCA - É. tem que mudar a madeira que apodreceu toda.

ENTREVISTADOR - Aí mudou a madeira só do telhado ponto de dentro sempre foi a mesma?

MARIA FRANCISCA - Só do telhado. Foi sempre as mesmas.

ENTREVISTADOR - E como foi que a senhora decidiu onde ia fazer a casa onde ia botar o quarto onde ia ser as coisas? Foi a senhora ou...

MARIA FRANCISCA - Foi eu mesmo que decidi.

ENTREVISTADOR - Foi?

MARIA FRANCISCA - Foi! Eu disse oi a casa com um quarto tá bom demais.

ENTREVISTADOR - Aí foi a senhora que decidiu que seria na frente, e no fundo a cozinha?

MARIA FRANCISCA - Era. Cozinha de lenha né meu filho? Pobre cozinha de lenha meu filho.

ENTREVISTADOR - E aí banheiro na época era tudo do lado de fora?

MARIA FRANCISCA - Tudo do lado de fora.

ENTREVISTADOR - Aí a senhora só teve banheiro dentro, quando veio morar aqui?

MARIA FRANCISCA - Foi.

ENTREVISTADOR - A senhora teve alguém que fez a marcação da casa? Ou foi a Senhora mesmo ou os amigos?

MARIA FRANCISCA - Não, teve alguém que fez a marcação não foi eu não. Aí eu disse que queria assim aí ele fez do jeito que eu quis.

ENTREVISTADOR - A senhora sabe como se chamava essa pessoa?

MARIA FRANCISCA - Rapaz, eu não sei nem do nome, acredita? (Risos) Eu não sei nem do nome mais.

ENTREVISTADOR - Mas era sempre uma pessoa específica, que fazia isso?

MARIA FRANCISCA - Era.

ENTREVISTADOR - Era porque ele já tinha...

MARIA FRANCISCA - A prática, de fazer a casa de taipa

ENTREVISTADOR - Entendi. E como era que fazia para fazer as portas? Tinha que colocar como?

MARIA FRANCISCA - Rapaz, ele media a colocava a contra marca não sei como é que chama, e deixava e depois no outro dia ele vinha e assentava a porta.

ENTREVISTADOR - E aí era com a madeira mais grossa ou aquela mais fina?

MARIA FRANCISCA - Não, era com a madeira mais grossa.

ENTREVISTADOR - Tanto as do lado quanto as de cima?

MARIA FRANCISCA - Era! Bem assim as do lado da janela, era a madeira mais grossa.

ENTREVISTADOR - E aí a senhora sabe me dizer como era que amarrava?

MARIA FRANCISCA - Não sei não lhe dizer. Assim não sei não. E ele não amarrava! ele botava um negócio assim cruzado de lado dois e do outro lado para a porta não envergar, era assim

ENTREVISTADOR - O buraco certinho cortado já?

MARIA FRANCISCA - Era

ENTREVISTADOR - Acredito que é isso! a senhora lembra de mais alguma coisa?

MARIA FRANCISCA - Num lembro mais não! Ói não me pergunte que eu não lembro de nada mais não. (Risos)

ENTREVISTADOR - Mas a memória tá é boa, tá melhor do que a minha.

FIM DA ENTREVISTA

ENTREVISTA DE TERESINHA MARIA DOS SANTOS

ÍNICIO DA ENTREVISTA

MARIA- Hoje num mora mais não, mas a casa de taipa ainda está no mesmo lugar.

ENTREVISTADOR- Ainda tá no lugar, né?

MARIA- É, lega já mudou de casa. Tá é a bloco, mas a casa de taipa ainda tá no mesmo terreno dela.

ENTREVISTADOR- Entendi.

MARIA- A casa de taipa são assim: Elas a gente formemo elas com aquelas madeiras antigas, com aqueles pau que a gente cavava, fazia quatro enfino, aí formava aquelas comieira, aqueles caibro, descascava eles e apregava eles, os caibro nas madeira pra segurar a telha e saia envarando com vara de comboatá, um mato chamado comboatá, aí a gente envaravá, quando acabava voltava pra trás, enchimentava, saia jogando enchimento naquelas paredes, naquele chão, dali a gente caçava cipó, um tal mato chamado cipó, e as vara, aí a gente saía envarando... envarando... até quando repartia ela, quando repartia aí fazia aquelas valeta no chão, aí ia dividir quarto, varanda, cozinha... Fazia aqueles batente, se era de ser cimento era batente de pau, aquele chão num existia cimento era só chão puro, a gente batia a madeira de cabo de enchada e alí agora formava uma varanda e criava uma família numa casa de taipa como muito eu criei. Criei quatro filho numa casa de taipa.

Essa casa de taipa ela transformo como? A gente trabalhando, a gente ia buscar barro, distante aqui uma légua, nois saía daqui uma légua, com sacos na mão, pra catar barro de formigueiro, panhando de mão, como eu falo pra vocês panhando com a mão, carregando na cabeça, pra chegar aqui molhar ela com todo trabalho, pra ir passando a mão, a gente saía passando a mão praquela casa ficar plana, por que ficava toda cheia de tufo das vara, aqueles tufão, aqueles caroção duro, a gente passava a inchada pra ficar certa, mas no mesmo momento elas ficava de bolo, e a gente ia passando a mão e com aquele trabalho todo, voltava pra trás formava ela de barro de formigueiro, adespois a gente ia caçar os tal barro branco mais que uma légua e meia, carregando na cabeça ele sequinho, quando acabava ia carinhar essa casa. Os batente não era como essas madeira... Os batente era... fazia aquele batente em cima, envarava pra poder fechar a porta, de pau. Era batente em cima de vara, e batente embaixo, que no caso era o chão, da casa, era os batente tombém de vara. Janela era aquelas porta véia antigas, que fazia duma caba só, quando tinha uma casa boa, era bonita era essas casa. Batalhemo muito, trabalhemo muito. O derradeiro filho que eu mesmo ganhei, quando eu acabei de aprontar essa casa mesmo, essa própria casa. O menino tem vinte e dois anos, quando eu acabei de apronta essa casa aqui que eu entrei pra dentro, eu fui ganhando um filho, no outro dia tava dentro da lama ainda.

ENTREVISTADOR 2- Eita!

MARIA- Minhas cama era cama de vara, filha. Não era outra coisa. O colchão? Era de junco! Nóis ia pa lagoa, cortava aqueles capim, botava pra secar... Ô vida de Deus... Costurava aqueles sacos de plasco, enchia, fazia aquele colchão, quando acabava deitava. Aquilo ali ia secando, transformando num pó, que quando ficava véio que a gente mexia, aquele pó vinha todo pro nariz da gente, a gente coçava que ficava preto que só carvão. O derradeiro menino eu ganhei dentro da lama. Quando diz assim, que eu levantei do banho morno, a cama já tava igual com o chão, dos gancho descer. Dormia maridos e filho e mulher, todo mundo numa cama só. Uma latada. Parecia uma latada de porco. Mas tudo isso, nascemos, se criemos nas casa de barro, a muitos anos. Hoje eu to cum sessenta anos, e criei meus quatro filho na casa de barro. Já foi através já da minha mãe, a minha mãe era do barro, era do barro. Já

chamava MARIA do barro. Que foi quem primeiro armou uma casa de barro. Ela tem um filho paralítico de andar já de casa de barro. E como hoje tem setenta ano e num se levantou-se mais, tadinho. E eu mesmo, tão todos todo criado em casa de taipa. Hoje, a um ano pra cá é que eu to numa casa de bloco.

ENTREVISTADOR- Um ano só?

MARIA- É. Então, quer dizer o quanto do modificou daqueles velho tempo pra agora esse tempo de agora, se conta hoje, tá sendo poucas casa de taipa, mas era umas casa que era uns montueiro. Barro nós carregava cum força. Se conta as pessoa que trabalhara com barro que tem saúde. Perdeu a saúde em casa de barro. De tanto batalhar pra ajudar o marido, de entrar dentro de uma casa. E que hoje nós somo a vista, graças a Deus, somo rico, porque to dentro de uma casa de bloco e num vai se comparar uma casa de bloco a uma casa de barro. Aliás juntava barata, na minha casa mermo deu um puçuvejo aqui quando era de barro, deu um puçuvejo triste.

ENTREVISTADOR- Desculpa, o que é isso? Ah, percevejo.

MARIA- Isso, até fizero até uma musica do puçuvejo comigo (Risos) Eu num tenho vergonha de dizer. Não. Inda hoje... Eu tô cum sessenta anos, naquele tempo eu tinha meus vinte e dois por aí, e fizero uma musica e inda hoje eu tenho a musica gravada na cabeça, mais dos dia eu to em casa e eu lembra, eu lembro quando eu vejo o lixo eu lembro do puçuvejo que eu tomei. E espaiô aqui foi muitas casa de barro, num foi na minha só não.

ENTREVISTADOR 2- Foi tipo uma infestação de percevejo?

MARIA- Isso, isso, ele...(inaudível) Fede como tudo na vida minha fia. Quando ele grampeava assim no buraco de parede ele saia assim ói, azedinho correndo, desaparecia. Quando era noite a gente deitava só via aquelas pinicada, aí a gente falava “ô meu deus quanta purga”, Olhava não via purga por lá, num via nada. Quando dava fé o corpo, amanhecia das criança todo encalombado de puçuvejo. E foi acabar dessa nação, nós agora de uns anos pra cá casa de bloco, que ele num aconteceu mais de chegá. Mas sofri, sofri, mas Deus tá dando minha vitória, e dando a vitória de muitas que sofrero ne casa de taipa, como inda hoje tem, mas são poucas mas inda tem. Contá história por que hoje eu digo pra vocês e pra deus, só num morri nas graças de deus por que eu nunca maginei ter casa de bloco, homi, tanto que eu sofri na minha vida que eu nunca maginei. Não. E aí falaro, “ocê vai murrê que o puçuvejo vai le come todinha.”, é...era mesmo filha, era, a gente fica amarela ele chupa o sangue. E o que arresultou, veio uma pesquisa aqui, olhando, visitando as casa pra vê se num tinha o bisôro, bisorão, que dero lá um nome feio, que eu me esqueci até o nome.

ENTREVISTADOR- Barbeiro?

MARIA- Sim, o barbeiro. E quando chegaro na minha casa acharo foi puçuvejo, aí sabe o que aconteceu? Fogo no colchão! Fogo na cama, tocou fogo nas roupinha tudo, que a gente naquele tempo num tinha roupa. E livrar, pra livrar jogaro gasolina, e saíro incendiario na casa toda, espalhana na casa toda e pegano nas parede pa queimar pa matar. Mas quando fazia aqui na minha, na da vizinha já tinha, a da vizinha já passava pra eu, a minha já passava pra ôta, e ai ia espaiando né, mas quando Deus abençoou que Deus tocou as benção das pessoa de conhecimento partindo prabloco, casa de bloco acabou essa nação. Barata quando era noite elas tavam voando na cara da gente, a gente num podia guardar as comida que as barata tavam por dento, naquele tempo num existia geladeira, nada não, era panelinha de barro, quando manhecia o dia era três quatro barata dento do feijão a quilo. Repare, cansei de ver minha mãe tirá e escorre o feijão o caldo, e torná botá agua pra os filho comê e eles comere também (inaudível), e que hoje graças a deus, sou eu na vitória samo rico, por que

hoje eu to dentro de uma casa de bloco, se eu que sofri que sou filha, minha mãe sofreu primeiro pra nos criar. É. E essas palavra eu digo pra vocês, tô que tô, tô alegre e satisfeita. Mas eu rolo rolo e num me esqueço da música. (Risos)

ENTREVISTADOR- E como é essa música que agora eu tô curioso?

MARIA- Mulher, e é bonita. É curtinha e é bonita!

ENTREVISTADOR 2- A música que fizeram do percevejo pra senhora!?

MARIA- Foi pra ieu, filha, e é que fizeram e eu num ajudei a cantá também?(Risos)

ENTREVISTADOR 2- Pois cante pra gente ouvir (Risos)

MARIA- Hoje é que a gente se envergonha, né!?

ENTREVISTADOR- Que nada.

MARIA- Era fia, agora naquele tempo ninguém tinha vergonha, se disser assim “eu vou lhe tocar fogo” nois dizia assim “é, pode tocá”. (Risos) Oxe, quem qué botá sua mão no fogo? Ninguém né filha? Nem que a gente num saiba lê, mas naquele tempo... Fosse pá dizê “eu vou tocar fogo ne você, chegue desça a rôpa”, tinha sido tocado fogo. É como eu, as vezes eu tô em casa, e fico assim, meu deus, que vida boa era nóis, arrumava maracujá no mato, minha mãe pra cumê que num tinha farinha nem feijão, tocava nois nessas serras pra caça dicuri, pra batê no pilão pra fazê angu, pra comer pra dar as criancinha novito, que num tinha leite num tinha nada, nois saia catano aqueles dicuri seco, chegava em casa e batia na pedra, botava no pilçao, pisava e minha mãe fazia um pirão de dicuri gostoso. (Inaudível).

ENTREVISTADOR- Nunca comi...

MARIA- Não. E eu agora ficava assim, boto a cara pra cima assim e fico olhando “ô meu Deus que riqueza.” (inaudível) E a muqiquinha eu lembro, eu lembro da música, lembro e num sai não.

ENTREVISTADOR- Agora eu fiquei curioso.

MARIA- E era um sambinha, e era um sambinha bom. A menina veio, ela fez essa música, essa menina num é mais viva. E se era d’eu ficar calada eu acumpañei ela, eu acumpañei (Risos) Eu dizia “ Meus Deus, merecia eu ser cantôra” por que o começo da musica é assim ó: “A pulga e o puçuvejo fizeram combinação, o diabo do bitoca ainda toca e tocão, toque e toque eu procuro mais num vejo, não sei se era pulga ou se era puçuvejo” Na minha casa (Risos) (Inaudível).

ENTREVISTADOR- Mas a música é gostosinha.

MARIA- É minha fia, e aí a bichinha foi cantá pra mangá d’eu né, e eu fui e ajudei, o minha fia e nós fizemo uma toada aqui, afe MARIA.

ENTREVISTADOR- Foi festa!

MARIA- É, foi festa! E nunca esqueci, é por isso que eu digo “ô vitória, GRAÇAS A Deus hoje eu conto minha vida” pra Deus né, tô aqui ói, na maior alegria, mas minha casa lá em Lagarto é chique, a vista essa é chique. Mas por que ela tá assim sem rebocá, quando eu rebocar ela, minha casa fica uma boneca, chega eu fico assim ó (inaudível) (riso) é piquititica, fiz piquinininha por que num tenho pra estirá, mas o coração é tão grande que no lugar que cabe duzentos cabe mil.

ENTREVISTADOR- O bom é que não dá tanto trabalho de limpar. (Risos)

MARIA- Mas toda hora a gente tá assim ói, limpando uma coisa, que qualquer pedacinho ta se sujando.

ENTREVISTADOR- É verdade.

MARIA- Em ano novo eu tava em Lagarto. Eu acho que cês deve conhecer, a diretora Isa, do povoado de Lagarto, ela trabalha em muitas escola, e ela ficou sundano, Luciano o esposo ele trabalha no capes, carregando os deficiente, E ela me ligou fazendo questão de vir pra cá, e eu disse Isa, não venha por que pros lugar que eu vou, o s lugar é mutto fraco, muito esquisito, é muito longe, você é acostumada vir praqui, por que sai da cidade e o povoado barro vermelho é uma delicia, mas lá meu lugar é muito dificil, então uma pessoa como você... Quer dizer, eu me acanhei pra menina. E ela disse “ é, como é muito longe eu num vou não”, e eu fretei o carro e vim. A minhas fia é de moto, elas viero de moto mais o marido e eu vim de carro fretado trazer as comida as bebida, passaro a noite aqui. Minha fia ela falou que não vinha, eu acho que pra me desenganar, Mais tarde ela ligando minha filha e falando “ vocês já tão na onde?” (inaudível), “já tamo num bairro chamado crioulo” e pode seguirem. E quando chegei aqui que eu descí as coisa que comecei a butar pra dentro ela Falô “ô mãe” e eu disse o que é? A senhora ta bom de tratá um pouco dessas carne e cuidando logo de salgar e deixando ai pra quando for a noite, bota pra salgar um pouquinho que quando for a noite a gente toma muié, a gente vai fazer um churrasco aí. Eu digo a minha fia, num tem ninguém, só nois mermo, pra que isso? Ói é só procês divertirem por que eu mermo não. Ela disse que cumpoca chega alguém muié, e a senhora também fica desanimada. De hora em hora ela olhava pro marido e dava gaitada. Minha fia num se engane não, num fechei a boca não, quando eu levo a vista vem encostando dois carro aqui, um lá dentro e outro atrás. Que eu levo a vista, oxente, que tu vem fazer aqui menina. Ela disse a senhora por que num queria que nois viesse. Era a sinhora marcando lá um jeito e nois marcando ôto. Ah minha fia chegou aqui agora e eu num imaginei ôta coisa, ah minha fia só tem uma cama só, tem uma cama de solteiro lá no ôto quarto. “ meu Deus o que é que eu faço com esse povo pra dormir?” Ela disse, não esquite a cabeça não. Quem for femea dorme por cima das femea, quem for macho dorme por cima dos macho, dorme macho com fêmea, puta com puta (Risos), quem for moça pode domir com os casados (Inaudível) até revirarem. Minha filha, chegaro com carro so de movelaria, foi guarda-roupa, foi cama, e eu só vim pra qui eu digo, só vai eu, quando me da sono eu vo lá pra casa do meu pai. Engano minha fia, e agora aí era cadeira, era coisa e ia botano tudo, até o diabo do som trouxero. Deixa que a menina pouco o som de casa e eu num pressenti. Botou na casa dela“ o mãe eu vou levar o som que eu vou bota musica que eu to apaixonada” mentira, me enrolou. E ficou, e elas foro pra casa dela e panharo todas arrumação.

ENTREVISTADOR- E o aniversário da senhora é dia trinta e um é?

MARIA- Não, foi de janeiro, primeiro do ano. Foi isso que elas fizeram por conta que eu ia passar ano novo aqui na casa de meus pais.

ENTREVISTADOR 2- A senhora faz aniversário dia primeiro? Ele faz dia 31 de dezembro.

MARIA- Então já fez, não? Fez quantos anos?

ENTREVISTADOR- Já, fiz agora, fiz 23.

MARIA- Que benção, uma pessoa de 15 anos. (Risos) e você?

ENTREVISTADOR 2- 26, Eu sou véia já (Risos)

ENTREVISTADOR- Cara de pau (Risos)

MARIA- Meu deus, tudo jovem. Apois eu com sessenta anos, eu faço tanta coisa, aquela maquiagem tão bonita. Apois é, tem que ser assim minha fia, alegre, contente, sorriso. E aí sabe a alegria que me transformou? Minha fia, lascaram-me um som aí, tranquei o meu, botaro o paredão aí e botei pra rajar, mas dancei, meu deus, e nas calçada era o povo passando, e aí toquei a beber, entrei na cerveja fria, e bebemo e bebemo e virei no quente e virei no quente, no ôto dia amanhecemo que nem uns vivinho, e eu digo vamo tirar a ressaca no rio, vestimo aqui uns maiô ói, caimo no carro e se mandemo, curtimo de umas dez hora dos dia curtimo água e pinga e tira gosto até umas quatro hora da tarde. Com os ói vermelho, Quem olhava pra nós dizia é o quê, vocês é o quê? Eu digo ôpa, nós somos do baseado.

ENTREVISTADOR- Gostou?

MARIA- Gostei, e agora elas tão abalada pra natal, segunda feira eu vinha pra cá e elas teresinha já vai pra lá, é natal é? Não meu amor, é ano novo ainda, deixe quieto. Eu vou fazer o quê meus amores, se querem pode vir. Eu tiro as cadeira aí, largo aí, eu digo ói, se largue aí e se virem, não cabe aqui ó, vamo fazer cama aí no quintal, vamo se deitar aí no chão, não tá chovendo... Aqui a gente amanhece o dia se for pra adormecer de portta aberta... aonde lá no meu lugar quando da seis hora eu já to com os cadeado fechado com medo, aqui não, meu coroa diz mulher feche essa porte, eu digo oxee, quem vem aqui, nem home bonito não passa preu ver, não passa ninguem, a gente fica até uma hora duas da manhã sossegado.

ENTREVISTADOR- Agora me diga, a casa que a senhora morou de taipa foi a senhora que ajudou a construir né?

MARIA- Foi, foi eu e o marido que construimo

ENTREVISTADOR- E ai ia chamando o povo pra ajudar a construir, como é?

MARIA- Aí nós chamava, por que nois sozinho nois num tapava, ai nós chamava gente e o pessoal vinha muito, umas carregava agua de pote, umas carregava nos barde dos tanque pra molhar o barro, aí tava aquela ruma de home só batendo o barro, batendo selão cru, e as mulher tudo no pé da parede só intupindo barro e cantando “ Meus canarinho minha beija-flor” Misericórdia, que alegria, era muita gente. Uma casa se ela fosse piquinininha nois tapava numa tarde, e se ela fosse grande era um dia todinho batendo barro e as mulher carrgando água e as outras tapando e os home nos cavador, nas inchada, só fazend aqueles barro, batendo macio, e nós intupindo aqueles buraco de selão, aqueles tufo, naquela maior alegria, naquela maior felicidade, com muita gente.

ENTREVISTADOR- E era festa?

MARIA- E era festa pra nós, por que uma casa nós envarava, fazia ela toda, mas uma duas pessoa só num tapava. Aí ficava chamando vá pra minha tapa de casa sábado, va me botar uns baldo de água, vá me botar uns pote de água, sábado é minha tapagem minha amiguinha, minha amiguinha, sábado venha pra minha tapagem, tal dia, sabado, é? É! Vamos, nois va, nois vai! Quando era no sábado só fazia comer aquele feijão com alho só, sabe? E sal e farinha, e beijo de boi assado no fogo, meu pai mesmo num tinha condições de comprar o quilo de carne, comprava aqueles beijo, minha mãe pelava, botava no sol, botava sal, nois assava bem, pra ficar vermelhinho, e cada quem ó pega um pedacinho, um ovo dava pra seis filho, seis pessoa, era por tirinha e era bem misturando, aí quando dissesse acabou de comer que lavou aqueles prato de barro aí o pessoal da tapagem começava a chegar pra tapar, era trabalhando, todo mundo trabalhando, as vezes ia até dez, dez e meia da noite.

ENTREVISTADOR- E como era que fazia com comida agora pra esse povo todo?

MARIA- Num dava comida não, cada quem comia nas suas casa, que a gente num tinha condições.

ENTREVISTADOR- Ia e voltava.

MARIA- Ia e voltava, quando terminavaa gente só dava a bebida, que naquele tempo num existia bebida boa, só era cachaça, fazia meladinha. As meladinha como era? Era maracuja, era mel, era arruda, era assim, as meladinha era assim, botava açúcar na cachaça, balançava e ficava doce. Tudo era meladinha, tudo era bebida, e o povo ia só a causo do digitólogo, sem ganhar nada, sem ganhar uma bala sem nada, por que a gente num tinha condições.

ENTREVISTADOR- Pela amizade.

MARIA- Só pela amizade filho. Só de num saber de a pessoa tá de baixo de uma arvore, com três quatro filho novo, então quem podia fazer aquela geró daquela casa véia, daquela casa, era só chamando o povo, o povo chegava de montão, (Inaudível), Vez era que era o dono dentro de casa tapando e já botando duas trÊs esteira pra dormir de noite em cima do barro molhado.

ENTREVISTADOR- Demorava pra secar o barro?

MARIA- Hein?

ENTREVISTADOR- Demorava pra secar?

MARIA- Se fosse como agora no verão demorava não, num instante secava. Secava num instantinho. Quando era no inverno era se batendo, as parece caía, os buraco ficava tudo bufo bufo, amanheceu ôco, aí no outro dia a gente vinha, pegava aquele tufo e intupia até segurar, mas no verão era boa as tapa de casa, que era tapando e segurando os barro, ai os barro já ligava.

ENTREVISTADOR- A época boa de casar era no verão.

MARIA- É, época boa de casar era no verão, nera?

ENTREVISTADOR 2- Quem casa quer casa, né? (Risos)

MARIA- É, quem casa quer casa, né? E aí foi muitas, essa rua toda aqui fio era toda de casa de barro, aí era, na onde foi a (Inaudível) Por que quando saía de uma vizinha, quando uma viinha inventava eles já tava partindo pra outra. Já tavam fazendo morada na outra, eu sei que nessa rua e nessa daqui. Essa equipe de gente viajou foi muito, nós chamava era uma equipe, trabalhadeira não, mas desapareceu essa nação graças a Deus.

ENTREVISTADOR- E aí vocês pegavam os materiais por onde? Era por aqui mesmo? A madeira...

MARIA- Era, por que causa aqui era tudo mata, num tinha fazendeiro, num tinha ninguém que impatasse, aí os homem se mandava nesse meio de mato, que era mato grande, era fechado, a gente fazia as czinha era dentro dos mato mesmo, aqui era uma czinha por detrás era arroeado de mato, tudo mato.

ENTREVISTADOR 2- Só do lado que tinha outras casa?

MARIA- Num tinha casa nenhuma, quando começou a primeira casa lá em cima aqui tudo era mato, aí foram derrubando e foram cada um fazendo a sua casa, e sua casa...

ENTREVISTADOR- Aí era tudo família?

MARIA- Descendo as família, descendo e formando a rua de casa de taipa, direto direto, as que aguentava inda ficava em pé, e as que num aguentava caia, como essa da minha vizinha mesmo, a casa da mãe dela, antes de ela pra lá de levantar a casa, o barro boou, a cozinha desceu tudo e ela ficou cozinhando no chão do lado de fora. Por que a casa de barro tinha se abrido, de tão velha que tava. Quer dizer que apodece as vara, apodece os enchimento aí fica só no barro, aí o barro num guenta desaba.

ENTREVISTADOR- E aí vocês davam manutenção nessas casa como era? Quando via que começava...

MARIA- Não, na hora que elas começava a apodecer os enchimento, as vara, aí sabe o que fazia? Tornava a fazer aqueles butumbo de barro e dizia que era reforçava a parede, tornava a rebocar pra quele barro véio segurar o barro novo, aí a parede ficava dessa grossura.

ENTREVISTADOR- só acrescentando...

MARIA- Sim, só acrescentando, aí diminuia o chão e aumentava os tufo das parede, né, para não cair.

ENTREVISTADOR- E o barro vocês misturavam com mais alguma coisa além da água? Era só a terra com água?

MARIA- Era só a água com barro só, filho.

ENTREVISTADOR- Num colocava mais nada?

MARIA- Não, num tinha condição de ter um cimento. Nós num sabia nem o que era cimento. Nós não sabia nem o que era cimento.

ENTREVISTADOR- Mas num colocava nem folha, nada assim do tipo né?

MARIA- Não nada, nada. só barro, e vara e madeira, vários tipo de madeira, de cumieira, de peças no meio da casa assim pra segurar as comieira...

ENTREVISTADOR- Era tudo tirado daqui também?

MARIA- Tudo tirado daqui. Foi formada essas casa toda tudo desses mato.

ENTREVISTADOR- E como era que escolhia, como era que sabia qual pegar assim?

MARIA- Os pais, que era os pais da gente, os maridos que era os marido da gente, sabia sim, chegava num canto duma jurema, oxe, isso aqui da um canto de casa, rapaz, aqui é um canto de casa bom da beleza. Rapaz, só vai de machado. Aí pegava aquele machado e cortava aquela jurema dessa grossura (inaudível) aí botava nas costa, que chega vinha abaixado. Chegava, descascava aquilo ali, ai já deixava lá, vamo supor contava quatro canto de casa era quatro pau, quatro enchimento que eles arrumava. Depois falava agora falta, na caa falta uma comieira, numa casa só, só era uma comieira só que eles botavam no meio da casa, num existia essas travessas não, sabe?

ENTREVISTADOR 2- Uhum.

MARIA- Agora era cada uns eixo de madeira, era cada uns eixo.

ENTREVISTADOR- E pegava inteiro botava?

MARIA- E pegava inteiro e colocava lá em cima, ai lá ia descendo com aquelas vara de comboatá, sem raspar sem nada, esvairava todinha, só era descendo pegando prego e descendo, cabeça baixa. Quando terminava de cobrir agora voltava pra trás, como se faz uma

cerca, enchendo aquelas parede, aquele dividimento de estaca, enchia, enchia, cavava, cavava, quando dizia assim, apregava os prego numa ou outra que tapava embaixo que entupia fazia os enchimento, falava eles: aí agora vamo envarar, aí ficava uma por dentro e outra por fora, pegando aquelas vara e tocando aquele cipó em cruz, envarando aquela parede envarada aí dizia, ta envarada, essa tá pronta. Voltava nessa outra o mesmo trabalho, voltava a da cozinha o mesmo trabalho, quando terminava os quarto tava tudo pronto, agora aí quando tava toda envarada aí mandava chamar o pessoal, tal dia minha tapagem de casa. Vá pra minnha tapagem, vá botar uns bolo de barro, leve uma inchada, quando vim, traga um picorete, que o barro do formigueiro é duro. Tempo desse né, tudo seco. E mulher tinha que ser muita mulher mesmo, que carregava muita agua, por que o barro seco não molhava, só molhava com muita água. A gente pegava água dos tanque e trabalhava vu, era um subaco brabo que trabalhava.

ENTREVISTADOR 2- E aí como era, jogava água no barro, cês carregavam o barro aí abria...

MARIA- Agora fazia os banguê, tecido de cipó, botava de um lado e outro, aí tecia de cipó, botava um pau de lado outro de outro, ai enchia, os homes era botando aquele barro nos banguê, quatro home, dois de um lado dois do outro, e vinha e jogava aqueles banguê de barro, nós pegava aquele barriço que vinha, e a galera só entuiano nas parede, e tudo cantano, alegre, só é nós e mais não, era uns canarinho avuado e umas beija-flor da beleza (Risos).

ENTREVISTADOR 2- E como eram as músicas, a senhora lembra de alguma?

MARIA- Ói das musica da tapa de casa eu me lembro, eu me lembro bem. (Inaudível). “Meus canarinho minha beija-flor, manda-me nova do meu lindo amor...” Aí a outra respondia “Que foi embora e nunca mais voltou, meus canarinho, minha beija-flor” (Risos) Agora as ôta ia e tirava os verso, eu não lembro desses verso não, aí a ruma desembocava, se mandava, quando dava fé nois repetia os mesmo canarinho, e aí minha fia o tempo rolava... Tinha outras música mais bonita também, meu Deus... como era?

Desconhecido- Já se esqueceu, né?

MARIA- Eu lembro meu fio... boto na cabeça. Sim, quando elas bebia... Elas não, eu também que era a dona da casa, num podia se desanimá, que quando nós tapava a casa que anoitecia, nós pegava um tambor e era “bugue ziguebugue ziguibugue” (Risos) e começava, mas já tava meio, meio barro nera? Alí já era digamos a muié. Aí tinha um negócio de “Vamo sambá!” Aí botava um litro no mei da casa, e começava “Seu marculino, é hora de nós sambá, seu marculino, é hora de nós sambá, um pouquinho da moqueca se o sinhô quisé me dá, um pouquinho da moqueca se o sinhô quisé me dá” E alí era sambando já (Risos) ave MARIA, mas isso já era de alegria, sabe? Que já tava dentro da casa, num escuro... Só era candiêro, (inaudível) nós tudo satisfeito com aquele candiêro, as muié num podia botar um perfume que o perfume era gás puro (Risos)

Desconhecido- Chei de cachaça, né?

ENTREVISTADOR- E... e como era que vocês faziam o piso? O piso era só o barro mesmo, do mesmo jeito?

MARIA- Do mesmo jeito. Ah vamo fazer um pilá, de pode (inaudível) pra gente fazer uns pote, do mesmo jeito que fazia na casa fazia no pilar, cortava quatro ganchinho de jurema, fincava um lá, ôto cá, ôto cá e ôto cá, quando acabava tornava a bota aqueles enchimentinho, envarava, quando acabava começava socando barro, tapando, fechando, fechava um lado com a pia, fazia duas paredinha, do lado deixava aberto pra deixa as panela, em cima enchia de vara, espalhava, botava a pindoba por cima e largava o barro em riba. E botava duas pedra,

uma telha na paredinha e aí botava as pedra em riba, e era o pilar. Do mesmo jeito o pilar do pote, enchia de barro, fazia uns buraco pra botar os (inaudível) dos pote em cima.

ENTREVISTADOR- Mas a própria casa, a casa cês num fazia o pilar, o pilar era madeira grossa?

MARIA- Madeira grossa, era... tudo era madeira na casa, tudo era madeira envarado. E tudo de barro. Num existia um cimento, nós num sabia o que era isso não fia.

ENTREVISTADOR- E aí o batente que a senhora falou da porta era tudo a madeira vindo assim, de baixo por cima?

MARIA- É, envarado, envarado e ensocado barro pra frente, do mesmo jeito o de cima, envarado, enchimentado e barro socado por dentro, aí quando fechava a porta, a porta ficava igual o batente.

ENTREVISTADOR- E alicerce da casa, a base da casa?

MARIA- A base? Sabe como era a base? Quando dizia assim entrou pra dentro aí a gente botava o mesmo chão aqui a gente passava a enchada pra secar, e ai pegava um cepo e saia batendo “pouf, pouf, pouf”, quando enxugava tava a casa feita.

ENTREVISTADOR- Tá pronto, né?

MARIA- Menino quando nascia que não tinha frauda que começava a engatinhar, e urinava, quando o menino mijava, ficava uma pocinha de lama.

ENTREVISTADOR- Aí já era, nera?

MARIA- (inaudível) daquele instante ficava um buraco na casa... aí mamãe vinha, fazia aquele barro e tapava... e assim nascero e se criaro. E é cada um toleto de um homem, cada um toleto de umas muié que eu digo oxen.

ENTREVISTADOR- Todo mundo saudável...

MARIA- É o meu mermo é cada uns toleto duns home, cada nêgo que chega alumêia (Risos), tudo bem criado...

ENTREVISTADOR- E a senhora aprendeu a fazer casa de taipa com quem?

MARIA- Eu aprendi a fazer casa de taipa com minha mãe, com meu pai, que foi isso que eles me ensinaram, de enchada, cavador e picorete, e casa de taipa foi meu primeiro trabalho, acompanhada por minha mãe. Direto.

ENTREVISTADOR- E aí desde criança?

MARIA- Desde criança fia, desde criança... E eu já tava fã. (Risos)

ENTREVISTADOR- Essa festa toda, né?

MARIA- Essa festa toda minha fia e eu num perdia uma tapa de casa não, podia ser com uma légua que quando subia que tinha uma tapa de casa eu ia, eu ia pra sambar, pra cantar...

ENTREVISTADOR- E aí as vezes chegava e num conhecia a pessoa e tava lá mermo?

MARIA- Hein?

Entrevistado- Tinha chance de não conhecer o dono da casa e tava lá mesmo?

MARIA- Oxen, ía... Só soubesse que tinha uma taipa de casa.

ENTREVISTADOR- Que ia fazendo amizade, nera?

MARIA- Papai pulava numa bestinha com a bundinha lá pra frente tadinha que só tinha as urêia. (Risos) Eu saltava num jeguinho, que quando dava certo ir de jegue bem, quando num dava eu lá rasgava a pé, me mandava pras tapa de casa, ia a pé, era todo mundo, todo mundo nesse batido, Madanela, aquela Madanela toda era tudo casa de barro, num ficou uma ali que eu num entrasse, num ficou uma alí que eu num tapasse. E gosto, era, ai meu fio hoje eu num sei mais fazer uma casa de taipa, até eu num sei mais como fazer. Eu num sei mais como é que eu começo, e num sei mais como eu findo. Eu morando lá ne Lagarto, eu fui (inaudível) de fazer uma casa de barro pra criar umas galinha, e eu digo eu num vô fazer? Eu num vô pra dentro do mato dos ôto tirar madêra da horta de ninguém. E nem eu vou fazer isso. Mas... De que jeito é que eu formo uma casa de barro? Num sei mais.

ENTREVISTADOR- A senhora que passou a vida toda fazendo...

MARIA- E nasci fazendo casa, e nasci tapando casa. Mas hoje como a coisa ta diferente... Mas já eu num quero mais fazer esse serviço mais. nem a coragem dá, nem eu quero mais. Agora que era animado era, eu num tava me importando não (Inaudível) (Risos) uma hora dessa a pobre de minha mãe que não achava um fio dentro de casa não, era uns pelo mato caçando maracujá pra cozinhar maracujá verdinho quando chegar de noite pra dar pros irmãozinho, era outros caçando dicuri, era outros com o cesto na cabeça com uma cuia e um caldeirão, e o irmão atrás com uma enchada por mode de fazer tapagem pra desmanchar no rio pra pegar peixinho pra dar comida pros que tinha dentro de casa, oxe, hoje eu tô é alva minha fia.

ENTREVISTADOR 2- A senhora pequena fazendo casa de taipa chegou a fazer alguma que em vez de ser telha daquelas grandes chegou a ser de palha ainda?

MARIA- Se eu cheguei a fazer casa de palha?

ENTREVISTADOR 2- Não, de taipa só que o telhado de palha.

MARIA- Não, já não foi do meu alcance mais não. Não, não. Esse negócio dessa casa fazer ela encoberta de palha não foi do meu alcance mais não, pra mim eu alcancei fazendo ela na telha.

ENTREVISTADOR 2- Na telha...

ENTREVISTADOR- E as casa de taipa que a senhora fez, era como, era...cês iam colocando a taipa com a mão ou era jogando?

MARIA- Que nada, era nas mão...

ENTREVISTADOR- Era no sopapo...

MARIA- Era, era só empurrando dentro das vara, ajeitando, pro barro firmar dentro daquela vara e ôta, e nós aqui ói. Eu já não tinha mais unha nos dedo, ói, ói... ajeitando por mode do barro firmar, quando ele ressecava por dentro aí uns ficava estufado prum lado, ôtos pra ôto. Quando agora secava aí eu vinha com a inchada ói... e tirando que era pra ficar, diz ele pra ficar plano né (Risos). Depois aí agora essa taipa era entupino, a ôta pra rebocar era passado a mão, (inaudível) e a ôta pra alisar já era aquele barro branco, essas coisa, eu já vinha com a palma da mão comida, que a gente fazia aqui pra ela ficar bem lisinha, ficar bem bonitinha.

ENTREVISTADOR- E aí num usava mais os dedos, já era a palma da mão!?

MARIA- Já era a palma da mão! A mão já vivia seca, eu já vivia com o jeito na mão(Risos)

ENTREVISTADOR- Do costume...

MARIA- Do costume... Hoje eu já num faço mais isso. O que eu fazia antigamente eu num faço mais.

ENTREVISTADOR 2- Mas a senhora só tem essa casa aqui há um ano né? Essa de bloco.

MARIA- É, essa daqui... é, que eu entrei pra dentro de casa de bloco tem um ano, um ano certinho que eu entrei e tô dentro de uma casa de bloco. Quer dizer que, essa aqui eu num boto não que essa tem um mês que foi feita, agora lá em Lagarto é que tem é ano.

ENTREVISTADOR- E antes de um ano atrás a senhora ainda morava em casa de...

MARIA- Ne casa de barro, como a casa de barro, eu ainda vou levar vocês, ela ainda tá em pé, e aí no meu lugar que eu morava tem um irmão meu morando. Tá entendendo?

ENTREVISTADOR- Nessa casa de barro?

MARIA- Nessa casa de barro.

ENTREVISTADOR 2- Mas aqui foi a senhora que fez ou foi projeto da prefeitura?

MARIA- Não não, foi eu que fiz mesmo por que se fosse no projeto...

MARIA- Eu fiz um empréstimo e mandei armar pra vir aqui, por que eu entrei aqui na rua, quando deus me ajudar que eu levantar mais a cabeça, eu vou mandar tirar mais aquela areia que vem a festa e também num dá pra ficar, vou colocar ela no meu quintal e aí vou juntar mais uma planta, juntar mais um tostãozinho pra rebocar toda ela de novo, pra ajeitar aí agora já é ôta etapa, se eu num quiser passar o cimento, como eu deixei no piso o armamento, se eu não quiser passar o cimento eu boto o piso, é eu já deixei ela assim mesmo meio reboco afim de botar o piso, ela e a calçada. Agora Deus é quem vai saber (inaudível), quem sabe lá se hoje nós, eu to contando essa história, se amanhã se for da vontade de deus (inaudível), nós num sabe, so pertence a Deus, por isso que eu digo assim, eu sou assim, eu sou satisfeita (Risos) se Deus me levar eu sou feliz da minha vida, num tenho desgosto de jeito nenhum.

ENTREVISTADOR- E... é, como era que vocês escolhiam os locais que cês iam botar os comodoss, era o que dava, como era?

MARIA- Era o que nós escolhia?

ENTREVISTADOR- É, onde era que ia ficar a cozinha, onde era que ia ficar o quarto...

MARIA- Bom, o primeiro que nós fazia, escolhia logo era a varanda. A varanda quando nós fazia já fazia pegado com o quarto, era só passar a parede no meio como está aqui, e dividir aqui era um quarto. Adianto ia fazer ôto, mais na frente fazia uma sala, segundo era a cozinha, quando dava pra fazer isso tudo, e quando num dava só era a varanda, dois quarto, e a sala mesmo que era sala e cozinha, ali botava pote, botava pilar, botava tudo.

ENTREVISTADOR- E aí isso era com o corredorzinho!?

MARIA- Um corredor, era. Toda casa tinha corredor.

ENTREVISTADOR- Aí era, a porta dava no corredor e cê ia chegando até chegar lá no fundo?

MARIA- No fundo da cozinha, é, aí era ponto final.

ENTREVISTADOR- Mas aí tinha a divisão de outros quartos com outras paredes ou era tudo...?

MARIA- Não. Tinha divisão, por que aqui fazia o quarto do casal, do outro lado pra não fazer tudo inteiro fazia o quarto dos filho. Só que naquele tempo ninguém sabia existir o que era banheiro, né? O banheiro era os mato. O banheiro era os mato. Aí fazia um quarto, uma sala e uma cozinha. Dois quarto, uma sala e uma cozinha.

ENTREVISTADOR- Uhum...

MARIA- Pronto, o mesmo que nois envarava aqui a varanda como eu to valando, do mesmo jeito era os quarto. Quarto num tinha porta, num se botava porta ne quarto. Só que o quarto quando a gente fazia num botava pilar, coisa em cima, nem varava em cima e nem embaixo, deixava ai uma entrada só, ali já botava... rodeava de armá logo é os gancho, os mato servia que é a beleza. Haja gancho que mato. (Risos) e haja muié pra carregar capim nas lagoa, buscando capim pra fazer num sacos de nalho, costurava aquele mundo de sacco, fazer aqueles colchão (inaudível) quando deitava cê ia logo (inaudível) (Risos).. cama de vara o coisa ruim viu,

ENTREVISTADOR 2- Vixe, imagino...

MARIA- Pra hoje o que eu tenho, eu sacudo minha cama chega faço “ô delicia”, ô ó (inaudível) (Risos)...

ENTREVISTADOR- Qual era a melhor parte de morar na casa de taipa?

MARIA- Bom, na casa de taipa minha fia, da minha vez eu achava bom era tudo. Era por que num tinha ôta opção, eu achava bom era tudo, estava coberta, num molhava, criava os filho, criava marido e mulher e tudo bem minha fia, caiu poucos tempo essa casona, que era imensa, essa era grande, essa minha era grande, que era uma varanda muito grande, era um quarto grande, dois quarto g, um prum lado outro pra ôto, três quarto e um depósito que eu fiz pra guarar bagaceira, pra quando receber gente de fora mesmo, pessoal de festa, tinha onde se acomodar, por isso ela era grandona, depois eu fui morar em lagarto e ela caiu, se estendeu no chão, mesmo, aí eu peguei a telha dela aqui e levei todinha ali pra casa minha mãe, que a minha mãe já foi feita casa de bloco, aí eu levei pra lá pra cobri a casa dela, eu digo se e deu jogar fora eu vou dar a ela, e cobri a casa dela. e o barro se acabou-se, e aí por sinal ainda tem madêra da casa véia aí jogada, e aí ficou o chão aí desocupado, ainda achei quem comprasse, aí foi passando esse calçamento ai o chão já teve outros valor, mas eu não vendi. Fiquei na esperança, depois eu vim e fiz a casa prum fio meu, que foi essa casinha aí, e ficou esse pedacinho de chão e o povo tudo doido pra comprar. Ainda num tem poucos dias não e eu chamei lá um rapaz e fiz uma empreita e mandei levantar aqui e comprei os material, deixei lá em (inaudível), tô devendo o material da casa, Deus vai me ajudar e eu pago com fé em jesus, em nome de jesus, que é por isso que eu inda num pude me soltar aqui, mas graças a Deus hoje tô dentro da minha toca.

ENTREVISTADOR 2- Já tá quase acabando, viu?

MARIA- Pronto.

ENTREVISTADOR 2- A ultima pergunta que eu queria fazer é por que assim, é... Quando cês faziam a casa, a varanda né...

MARIA- Hum...

ENTREVISTADOR 2- Era a varanda por causa do sol, era assim “ O sol nasce então vamo botar a varanda pra esse lado, ou era pra varanda ficar perto do lado onde tinha estrada, ou num importava e fazia de qualquer jeito, como era assim?

MARIA- Não. Quando a gente fazia a casa, se a estrada passava ali na frente a gente fazia a varanda com frente á estrada, que aí era a repartição das casa, da casa. Como essa que era de barro minha, a varanda era feita na frente da estrada ói, pra quem chegasse vesse logo a varanda, depois sala, segundo a cozinha. Quando o terreno dava, quando num dava era só sala e cozinha mesmo.

ENTREVISTADOR- E aí nunca, nunca pensava nessa questão do sol, de onde o sol nasce, de onde o sol se põe...

MARIA- É, no caso o sol ele nasce pra cá e ele se põe pra cá, eu num sei agora se é o nascente, ou se é o poente, que nem essa história né? Que ele nasce pra cá e se põe pra cá, agora dessas duas palavra eu num sei se é o nascente ou se é o poente, que tem essa história aqui...

ENTREVISTADOR- E aí da pra perceber que a casa da senhora hoje é fresca né? É bem fresca...

MARIA- É bem, bem...

ENTREVISTADOR- E a de taipa era fresca também?

MARIA- Não, não era, por que até a casa de taipa você num tinha direito de botar um vasculhante pra ela ser fresca, você num tinha direito de botar um... uma área de ventilação como essas bota, né? Então que ela era uma casa de taipa abafenta, ela era quente, ela num tinha ventilação, num tinha nada. Ela no verão era uma casa boa, casa quente, mas no verão num tinha quem aguentasse, e aguentava, por que a gente num tinha outra, era essa mermo que a gente ficava.

ENTREVISTADOR- E aí mesmo tinha porta e janela só na frente?

MARIA- Era, Porta uma porta só, e uma janelinha daquelas bem piquinininha que você mal via a respiração do dia, por que muita gente num tinha condições de botar janelão grande como hoje.

ENTREVISTADOR- Acho que é isso, a gente já encomodou a senhora... Ah uma outra, só mais essa...

MARIA- Pode perguntar, eu tô a vontade

ENTREVISTADOR- A senhora chegou a fazer casa de adobe também ou só de taipa? De adobo

MARIA- De adobo eu nunca cheguei a fazer não fia, por que é uma casa bem, diz que é uma casa bem segura casa de adobo. Eu vi, ainda cheguei ver casa de adobo mas nunca fiz não, nunca fiz não. As condições também não dava não. Por que eu acho uma casa bem feita, bem segura a casa de adobo também viu? eu tenho certeza.

ENTREVISTADOR- Aí aqui não fazia muito, fazia mais de taipa?

MARIA- Ah não, aqui nunca existiu casa de adobo. Era taipa, taipa, taipa... Só era barro, barro, barro... Também quando elas resolvero a sair do barro foi só pro bloco, bloco, bloco puro... Praqui dentro cê num acha uma mais... cê vai achar três, mas lá fora...três não, duas. É três, mas num vai achar a casa de adobo, mas é tudo no bloco. E a casa de adobo aqui num existe não. E eu acho uma casa bem segura é uma casa de adobo.

FIM DA ENTREVISTA

ENTREVISTA BÔNUS DE VOVÓ IRACEMA

ÍNICIO DA ENTREVISTA

IRACEMA - Quando eu me casei eu me saí lá de meu povo e vim morar numa casinha de taipa que num tava nem pronta ainda, só tava o chão.

ENTREVISTADOR - Um amor brabo. (Risos)

IRACEMA - Só o terreno, e eu fui morar ne outra casa do meu irmão que era uma casa de roça do cumpadre João, ele morava lá na Tapera, na gruta, onde eu morava, nossos pais e eu vim pra ir pra lá.. Era Sabacu o nome? O nome era Sabacu mesmo (Risos), Sabacu ele morava na Tapera, que era vizinho dele, aí quando ele terminou quando a gente se casou, passei esse tempo na casa do meu irmão e aí ele achou de fazer, que tinha comprado uma casa velha que já tava caindo, e no chão da casa velha ele queria fazer a casa, um chalé, Cê sabe o que é chalé? Mas aí essa casa foi alevantada por que eu era quem carregava a água, longe pra fazer o barro, mas eu num cavava o barro não, quem cavava era os outros ajudantes que tava, cavava e fazia os coiso de barro, ia pro mato com uma trinca catar madeira, madeira ruliça, daquelas madeira véia, Os (Inaudível) da casa, e os enchimento que enfiava no arredor assim pra butar o barro, enfiava, amarrava com sipó, ainda tem que marrava o sipó, amarrava com sipó, aqueles coiso num era nem com... “Meu Deus, que coisa!” Num era nem com prego, era amarrado de sipó. Aí amarrava tudo, e ficava já o jeito, ficava aqueles quadro. Ai vinha as vara, ainda coloca vara, aqueles feixe de vara, que o povo trazia e tal, pra fazer... Tudo ajudado pelos outros viu? Num era que bu gente pra trabaiár não, era tudo o povo que vinha ajudar. Aí butava quando já tava a casa toda enchimentada, o telhado do mesmo jeito desses pau velho com casca e tudo... (Inaudível) Desse jeito, nessa boniteza. E fazia... Lembro do quarto naquele vão, e fazia bem os quarto com as madeira...

ENTREVISTADOR - Do mesmo jeito não era?

IRACEMA - Do mesmo jeito que era o arredor era dentro de casa nos quarto. Agora aí quando é depois disso pronto, que já tava pronto esses material já alevantado, aí iamos barrer o barro. Cavar barro... Nera todo barro que podia, que dava certo pra cavar. Principalmente barro de formigueiro.

ENTREVISTADOR - Que era bom?

IRACEMA - Que era bom. Barro de formigueiro que liga muito, né? Aí misturava com outro barro mais fraco e aí fazia aqueles barreiro de barro como uma caçimba cheio de barro pra encher, que nem uma canjica. (Risos)

ENTREVISTADOR - E como era que sabia qual era o barro que pegava?

IRACEMA - Ah, num tinha saber não...

ENTREVISTADOR - Era pegava o que dava, né?

IRACEMA - Era o que dava... queria saber que butava lá, né? Mas depois caía, e ficava caindo.

ENTREVISTADOR 2 - Ou ia até onde tinha o formigueiro e só pegava o barro de lá.

IRACEMA - É, onde tinha barro de formigueiro ia buscar os barro, sabe? Aí misturava pra num butar só o barro do formigueiro, que o barro do formigueiro é muito forte. E aí chamava gente pra fazer, cozinhava uma panela de feijão que era pro povo comer e fazer como? Jogar barro nas parede. Vamo jogar barro. Jogava um de la numa banda, o outro jogava do ôto. E começava a jogar e tanto que levantava a casa.

ENTREVISTADOR - E demorava muito?

IRACEMA - Demorava minha filha, mas num demorava tanto por que era muita gente e a casa num era tão grande também, aí era uma casa assim, Aí era uma casa assim...quase num tinha dois quarto...

ENTREVISTADOR - Eita, muita casa eu acho que num tem dois quartos. A minha só tem um!

IRACEMA - Era, dois quarto. E tinha...

ENTREVISTADOR - Mas dois quarto pra dez filhos...

IRACEMA - É, mas num foi criado nem um lá, dentro dessa casa.

ENTREVISTADOR - Mas depois morou em outra de taipa, num foi?

IRACEMA - Não, a outra quando a gente foi morar num era mais taipa não. Já tinha, já tinha valmira, já tinha rubinho... Ah! Já tinha Rubinho, já tinha vilma, já tinha valdira

ENTREVISTADOR - Os mais velhos.

IRACEMA - Os mais velhos. E os outros mais novo... Aí esses tudo foi criado nessa casa de barro. E uma vez que eu me acordei de noite, eu acordei que vi bater na porta e me alevantei e ele tava lá dormindo.

ENTREVISTADOR - Ele não levantava né?(Risos)

IRACEMA - É.

ENTREVISTADOR - Coragem...

IRACEMA - E tavam fazendo essa pista, né isso? Tavam fazendo essa pista. Que eu acho que tinha tanto malandro nessa pista, e a pista tava o contrário da casa da gente e ficava mais ou menos uns cinquenta metros da pista pra casa da gente, aí eles tiraro, tiraro as caçamba cavando e tirando barro pra fazer a pista que ficou bem pouca pra casa da gente, aí tinha vigia lá, quando era de noite o povo ia pra suas casa e as maquina ficava lá, aí butaro vigia.

ENTREVISTADOR - E foi aí que painho começou a trabalhar?

IRACEMA - Não, ainda não foi aí.

ENTREVISTADOR - Ô, eu já ia dizer que painho começou a trabalhar com quatro anos num foi com doze não.

IRACEMA - Ele começou foi já... De doze pra treze seu pai começou a trabalhar, já tava um pivetinho. Pivetão! (Risos) ele era...

ENTREVISTADOR - Seco e grande.(Risos)

IRACEMA - Seco e grande... Cumprido né.

ENTREVISTADOR - Mudou muita coisa não.(Risos)

IRACEMA - O meu filho foi o pai dos meus filhos...(Inaudível) Foi o pai deles... por que só foi a coisa clarea um pouquinho adepois que tinha já os lote lá pra fazer. O seu pai foi quem fez os lote. Vocês num sabe, num entende. Lá tinha essa, essa CODEVASF, e tinha esses projeto do governo federal pra fazer, essas coisas de planta arroz, pra cada um. Dar a terra pronta pra o povo trabalhar, e passar documentadozinho e tudo.

ENTREVISTADOR - Eu lembro de umas terra que tinha arroz que era uma confusão essas terra inclusive. (Risos)

IRACEMA - Era, e essas terra, esses lote chamava lote. Tinha lote de catorze tarefas, tinha de dez, tinha lote de menos, tinha lote de mais, dependendo da sorte da pessoa que pegasse as terra. E foi como o povo viraro mais gente, sabe? Coitados...

ENTREVISTADOR - A sorte né?

IRACEMA - Pobreza demais menino.

ENTREVISTADOR - E u lembro que na Tapera até hoje, a ultima vez que eu fui lá era uma situação...

IRACEMA - A pobreza demais meu Deus, eu me lembro de pescar piaba pra comer...

ENTREVISTADOR - Mas vovó, como era o piso? O piso era no barro também?

IRACEMA - Barro, barro, barro limpo. Barro... alí era só na areia, mas depois que a casa tava feita ajuntava o barro e apilava. Ia espalhando sabe? E apilava...

ENTREVISTADOR - E apilava de pé mesmo?

IRACEMA - De pé mesmo. Vinha muita gente pra dançar coco. Ave maria que tinha uma história de coquinho. Dizia que era... Chega vai apilar a casa de fulano. Já se ajuntava muita gente tudo dos lugar pra ir dançar e cantar e pisar e ficava que só cimento. (Risos)

ENTREVISTADOR - Era uma festa né? (Risos)

IRACEMA - Jogava água. Jogava água e o povo, pé de gente era festa viu? (Risos) jogava água e ficava lisinho... e assim ia agora...

ENTREVISTADOR - E tinha... Como era, Janela era de...? janela, porta...

IRACEMA - Era de madeira, da casa até que tinha derrubado (Risos). Num foi janela nova, janela antiga das ôtas casa.

ENTREVISTADOR - Oxente, tem que aproveitar é tudo mesmo. (Risos)

IRACEMA - É tudo minha fia. E a madeira e muitas coisas foi aproveitada ainda dessa casa pra ôta casa.

ENTREVISTADOR - E tinha janela nos dois quartos, na sala...?

IRACEMA - Tinha a sala na frente, tinha uma janela, aí tinha o quarto. Do quarto tinha uma porta, só a porta que nunca foi butada que saía pra sala.

ENTREVISTADOR 2 - Aí a senhora colocou uma cortininha assim?

IRACEMA - Era, só a cortina

ENTREVISTADOR - Classico! (Risos)

IRACEMA - Era de pasco. Ainda tinha coisa de quando eu trouxe do casamento, sabe? Aí a cortina era até boa que inda eu podia butar naquela casa. E... E tinha o quarto, do quarto, aí da sala tinha o corredor. Não sei se cês sabem o que é casa de corredor.

ENTREVISTADOR - Sabemos...

IRACEMA - Pois, tinha aquele corredor, e naquele corredor do quarto que eu dormia mais ele já tinha uma porta que ia pro corredor, pra gente sair e tinha a salinha e tinha um quartinho pequeno que só cabia uma cama de solteiro. E a cozinha.

ENTREVISTADOR - E aí era... fogão de lenha?

IRACEMA - Ah! Fogão de lenha, no chão, três pedra, e só lenha, lenha...

ENTREVISTADOR - Então era baixo...?

IRACEMA - Era minha fia, num tinha... Adepois foi que eu chamei uma pessoa lá que era amigo e alevantou e fez um fogão...

ENTREVISTADOR - Levantou do mesmo jeito da taipa?

IRACEMA - Não. Já foi tijolo.

ENTREVISTADOR - As coisas melhoraram um pouquinho né? (Risos)

IRACEMA - É, é... alevantou foi de tijolo, tinha chapa, tinha três boca, tinha feijão, café e... E eu... Cada filho que eu tinha era com dor de dente, tive 12 filho... eu fiquei sem nenhum dente na boca (Risos) dor de dente...

ENTREVISTADOR - Perdeu o dente com o filho, depois a cabeça com ele...(Risos)

IRACEMA - Dava, só parava... Era dor.. endoidava. Eu butava labirinto na boca dentro dos buraco do dente pra ver se passava passava a do. A boca ficou tão preta que parecia boca de cachorro. Num tem uns cachorro que tem a boca preta? Bem assim a minha boca ficou.

ENTREVISTADOR - Quem era que arrancava os dente na cama?

IRACEMA - Tinha. Na Tapera não, no Colégio. Tinha um que era família da gente ainda de uma cunhada minha, aí era um bom dentista ele

ENTREVISTADOR - Aquele bom que dizia: arranque e bote a dentadura!

IRACEMA - Os dente já tava tão acabado que arrancava de quatro...(inaudível) (Risos)

ENTREVISTADOR - E vovó, na frente tinha varanda? Que o telhado cobria um pouquinho mais ou era direto na...?

IRACEMA - Era, era direto só na parede e na parte de trás, ainda assim mesmo, ainda foi ladrão entrano lá dento e carregou um rádio, que o irmão deu de são paulo, só tinha um rádio, mandou o rádio, o rádio nem era grandão nem era pequeno, um rádio médio, nesse tempo era um luxo. Aí toda noite ele só dormia com aquele rádio em cima da penteadeira que tinha. Foi umas hora, e a gente já tinha uma vaca, quando a gente já tinha, já tava plantando arroz, passou muito tempo ainda pra poder adquirir, aí ele comprou uma bezerra, num tinha terra, aí ele criou lá na terra do fazendeiro que era o dono das terra lá, mas eles gostava muito dele, da gente. Da família lá. D'eu não que ele não conhecia. Mas e deu o terreno e ele botou essa bezerra lá junto com o gado e pariu e começou a dar leite, aí já tava garantido. Aí a história da vaca já passou (Risos) Já vou entrar em outra. Do rádio, lá em cima, depois os cabra tava vigiando, eu acho que via o rádio tocar e veio roubar. Só podia ter sido por que nunca ninguém encontrou esse rádio, e derrubou a parede. Derrubou a parede! Na cozinha, entrou pela cozinha, derrubou, quando acabar as vara ela junta uma da outra que num dava pra ele passar, coitô as vara, passou.

ENTREVISTADOR - Oxen, e ninguém acordou?

IRACEMA - que acordar? Que nem os meninos... Os meninos era tão choão, tão chorão nesse mundo que nem os menino chorou nesse dia (Risos)

ENTREVISTADOR - Se pá era Deus né, Dizendo, não acorde não meu fio

IRACEMA - E aí dento de casa ói, só levou foi isso, dento de casa eu costurava e ia me deita meia noite costurando. Os buraco da venta chega era entupido de fumaça de candieiro...

ENTREVISTADOR - E tinha candieiro em cada comodo ou tinha um pra casa toda?

IRACEMA - Tinha dois ou era três.

ENTREVISTADOR - E telha vovó?

IRACEMA - As telha? as telha da casa velha!

ENTREVISTADOR - Mas era feita ou era comprada?

IRACEMA - As telha era que nem essas telha de hoje mermo... só que era telha mermo, não era essas telha que o povo...

DESCONHECIDA- Eternite né?

IRACEMA - Não.

ENTREVISTADOR - Ceramica... É vovó, eu acho que extraí tudo que dava pra extrair da sinhora, mas, ajudou muito... O povo falou... O povo que a gente foi converar, todo mundo que disse que fazia casa de taipa, todo mundo dizendo que fazia todo mundo junto, na festa com comida, eu queria fazer umas casa de taipa com a família. (Risos)

IRACEMA - Era... Era...

ENTREVISTADOR 2 - Eu queria saber assim, quanto tempo demora, por que se você molha o barro todo e vai pisando tem que acabar no mesmo dia né não?

IRACEMA - eu acho que uma semana.. Não, num acaba no mesmo dia não. No outro dia ainda vai mexer aquele barro de novo, botar mais água, renovar aquele barro de novo todinho pra poder...

ENTREVISTADOR - Então no primeiro dia molhava e não botava, aí no segundo tinha que molhar de novo até botar?

IRACEMA - É, é...

ENTREVISTADOR - Era uma preparação da poxa né...

ENTREVISTADOR 2 - Aí demorava quanto tempo?

IRACEMA - acho que mais ou menos uma semana, acho que uma semana acabava. Não ela levantada, mas de tapar com o barro, sabe? Em uma semana tapava. É por que tinha gente... Eu num to lembrada se o nosso foi assim, butô os bolo de barro pra tapar só os buraco e pra fazer os negócio do sipó com as vara era pequeno, era que nem os tijolinho. E eu não sei se botava la dentro, agora adepois era que ia com outro barro do mesmo barro, que ia e botava pra rebocar pra num ficar aparecendo nem os sipó nem as vara. E tinha aquelas... Jogava, e o outro ia espalhando e ia alisando... Tinha casa de barro que ficava bem feitinha e dizia que nem... Mas a da gente num ficou não (Risos).

ENTREVISTADOR - Não foi o caso não, né vovó?(Risos)

IRACEMA - É, não foi não... Mas tinha gente que fazia assim as casa de barro e dizia que era... como é? Passado a prana. (Risos) Eu num sei se vocês sabem o que é prana.

ENTREVISTADOR - Pois, teve um vídeo que a gente tava vendo que o rapaz diz que constrói muita casa de taipa. Ele disse que tem a época específica de tirar o cipó e a madeira, que tem que ser na lua minguante. O que tem a ver com cipó?

IRACEMA - É com o tamanho do cupim... Eu acho que é o negócio do cupim que dá na madeira... Tem que ser na... Eu num lembrava não, eu tava esquecida dessa fala.

ENTREVISTADOR - Pois... Aí a gente ficou se perguntando o que era que tinha a ver com a lua...

IRACEMA - Por que quando vai fazer isso a pessoa já vai carregando madeira, desse jeito, né.

ENTREVISTADOR - Sim, de antes.

IRACEMA - Pra quando chegar o tempo certo de levantar mermo, já tá feito.

ENTREVISTADOR - E do lado de fora era pisado o barro assim também? Ou era só o que já tinha?

IRACEMA - Era barro... Lá em casa o batente ficava em cima e o negócio, o chão ficava em baixo... ai eu ficava... meu Deus...

ENTREVISTADOR - Haja perna né?

IRACEMA - Haja perna pra entrar... Aí isso aí foi eu que fiz, peguei uns pedaço de pau, da grossura dessas perna, como se fosse fazer uma casinha, da largura da porta, quando acabar eu trançei de vara também, que nem a envaração da casa, amarrei e dos lado assim, dos lado encostado no batente do chão da casa eu peguei barro, como chiqueiro, enchi de barro, e quando tava cheio de barro por riba, ajuntei o barrinho pra dar uma alisada, e era a calçada.

ENTREVISTADOR - A rampa. (Risos)

ENTREVISTADOR 2 - Olhe vó, eu tava procurando pra te mostrar, a casa feita de taipa hoje em dia, ói.

ENTREVISTADOR - Vovó, hoje em dia isso é chique.

IRACEMA - Chique mesmo. Quando a gente foi simhora pra São paulo, as casa lá era de taipa.

ENTREVISTADOR - Era?

IRACEMA - As que a gente foi morar não era não, mas o povo que morava lá, que saia já de longe pra ir trabaiá pra lá era tudo casa de taipa, e as casa de taipa era ainda pior que a da gente, que era só as madeira encostadinha uma na outra.

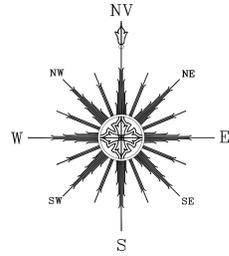
ENTREVISTADOR - Não tinha o barro.

IRACEMA - É, não tinha o barro.

ENTREVISTADOR - Eu tava olhando um dia desse que virou do final dos anos noventa pa cá, pra população rica deixou de ser coisa de pobre, que é coisa vernacular, é chique. É ecológico inclusive.

FIM DA ENTREVISTA

ANEXOS



PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGARTO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

ESCOLAS MUNICIPAIS ATIVAS

Nº	NOME DA ESCOLA	Nº	NOME DA ESCOLA
▲ 01	ADELINA MARIA DE SANTANA SOUZA	▲ 38	JOSÉ MARCELINO PRATA
▲ 02	ADERBAL SANTOS FONSECA	▲ 39	JOSÉ MONTEIRO DE CARVALHO
▲ 03	ALBERTO SANTOS DUMONT	▲ 40	JOSEFA DA CONCEIÇÃO JESUS RAMOS
▲ 04	ANTÔNIO FRANCISCO DE JESUS	▲ 41	LAUDÉLINO PRATA LOIOLA
▲ 05	ANTÔNIO FRANCISCO DE MELO	▲ 42	LUÍZA PEREIRA NASCIMENTO RODRIGUES
▲ 06	ANTÔNIO FRANCISCO DE SOUZA	▲ 43	MONDEL DE PAULA MENEZES LIMA
▲ 07	ANTÔNIO XISTO DOS SANTOS	▲ 44	MANOEL ESTEVES DE JESUS
▲ 08	ARGENTINA	▲ 45	MANOEL FRAGA DE ANDRADE
▲ 09	22 DE NOVEMBRO	▲ 46	MARCO MACHADO ALMEIDA
▲ 10	BALBINA MARIA DE JESUS	▲ 47	MARIA ERUNDINA MOTA SOUZA
▲ 11	BERILO SILVEIRA DIAS	▲ 48	MARIA LUÍZA DA SILVA
▲ 12	BRASIL	▲ 49	MATEUS JOSÉ DE OLIVEIRA
▲ 13	CÂNDIDO BARRETO MACHADO	▲ 50	MONSENHOR JASON BARBOSA COELHO
▲ 14	CHILE	▲ 51	MONSENHOR JOÃO BATISTA DE C. DALTRIO
▲ 15	EDUVIRGENS ARAÚJO MENEZES	▲ 52	NELSON FERREIRA NASCIMENTO
▲ 16	DIONÍZIO DE ARAÚJO MACHADO	▲ 53	NORUEGA
▲ 17	DR. ANÍBAL FREIRE	▲ 54	OTONIEL FRANCISCO DE JESUS
▲ 18	DR. JACONIAS DE ALMEIDA	▲ 55	PADRE POSSIDÔNIO PINHEIRO DA ROCHA
▲ 19	DR. LOURIVAL BAPTISTA	▲ 56	PAULINO VIEIRA DO NASCIMENTO
▲ 20	DR. SÍLVIO CESAR LEITE	▲ 57	PAULO RODRIGUES DO NASCIMENTO
▲ 21	ELIEZER PORTO	▲ 58	PEDRO ALMEIDA VALADARES
▲ 22	EUDÁLIO DE LIMA	▲ 59	PEDRO BATISTA PRATA
▲ 23	FILÓMENO HORA	▲ 60	PREFEITO JOSÉ RIBEIRO DE SOUZA
▲ 24	FRANCISCO JOSÉ DE ALMEIDA	▲ 61	PREFEITO ZEZÉ ROCHA
▲ 25	FREI ALOÍSIO LIBÓRIO DE CARVALHO	▲ 62	PROF. MIRENA MACHADO NASCIMENTO
▲ 26	FREI CRISTÓVÃO DE SANTO HILÁRIO	▲ 63	PROF. ADELDE DE OLIVEIRA MONTEIRO
▲ 27	GOVERNADOR AUGUSTO DO PRADO FRANCO	▲ 64	PROF. ESMERALDA FLORA DE C. ARCIERE
▲ 28	INGLATERRA	▲ 65	RAIMUNDA RODRIGUES REIS
▲ 29	IRMÃ MARIA CÂNDIDA	▲ 66	ROSEDO JOSÉ DOS SANTOS
▲ 30	ISMAEL SILVEIRA	▲ 67	ROSEDO RIBEIRO DE SOUZA
▲ 31	SANTIAGO BISPO	▲ 68	SUECIA
▲ 32	JOÃO BARBOSA NETO	▲ 69	ASSENTAMENTO JOSÉ GOMES DA SILVA
▲ 33	JOÃO BENEDITO DOS SANTOS	▲ 70	ASSENTAMENTO LIBERABA (Núcleo Francisco José)
▲ 34	JOÃO PAULO RODRIGUES	▲ 71	ASSENTAMENTO CHE GUEVARA (Núcleo Manoel)
▲ 35	JOÃO PEDRO DE ARAÚJO	▲ 72	MARIA MANGARETE
▲ 36	JOSÉ ALMEIDA MONTEIRO	▲ 73	JOSÉ ROSEDO DOS SANTOS
▲ 37	JOSÉ BERNARDINO DA FONSECA	▲ 74	PROF. INÊS BARBOSA DE FARIAS

ESCOLAS MUNICIPAIS EDUCAÇÃO INFANTIL

Nº	NOME DA ESCOLA	Nº	NOME DA ESCOLA
▲ 01	ARTUR REIS	▲ 11	RAIMUNDA REIS
▲ 02	ESTEFÂNIA RODRIGUES DO NASCIMENTO	▲ 12	SANTA LUÍZA
▲ 03	FELICIA MARIA DA PIEDADE	▲ 13	SANTA TEREZINHA
▲ 04	ISAÍAS DE SOUZA LIBÓRIO	▲ 14	SOSSEGO DA MAMÃE
▲ 05	JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS	▲ 15	TIA MARIA DO CARMO ALVES
▲ 06	MARIA TELES	▲ 16	TURMINHA FELIZ
▲ 07	PEQUENO POLEGAR	▲ 17	VOVÓ ARACY FERREIRA
▲ 08	PEQUENO PRINCEPE	▲ 18	VOVÓ MARCIONILIA
▲ 09	PROF. JOSEFA IEDA VIANA DA FONSECA	▲ 19	CRIANÇA FELIZ
▲ 10	PROF. MARIA DE LOURDES CONCEIÇÃO	▲ 20	PIAS MESTRAS VENERINI

ESCOLAS MUNICIPAIS DESATIVADAS

Nº	NOME DA ESCOLA	Nº	NOME DA ESCOLA
▲ 01	AMÉRICO BATALHA DE GÓIS	▲ 09	PARAGUAI
▲ 02	DR. PORFÍRIO DE SOUZA FREIRE	▲ 10	PRESIDENTE CASTELO BRANCO
▲ 03	FRANCISCO CAETANO DA SILVA	▲ 11	MARIA DE LOURDES NASCIMENTO SANTOS
▲ 04	ISOLADA AÇU VELHO	▲ 12	JOSÉ CARLOS OLIVEIRA DE SANTANA
▲ 05	JOSÉ DA FONSECA HORA	▲ 13	URUCUAI
▲ 06	MARIA ANSELMA COSTA MONTALVÃO	▲ 14	JOSÉ VIEIRA DO NASCIMENTO
▲ 07	MARIANA DE OLIVEIRA FRANÇA	▲ 15	ANETE DE ALMEIDA
▲ 08	NOSSA SENHORA APARECIDA		

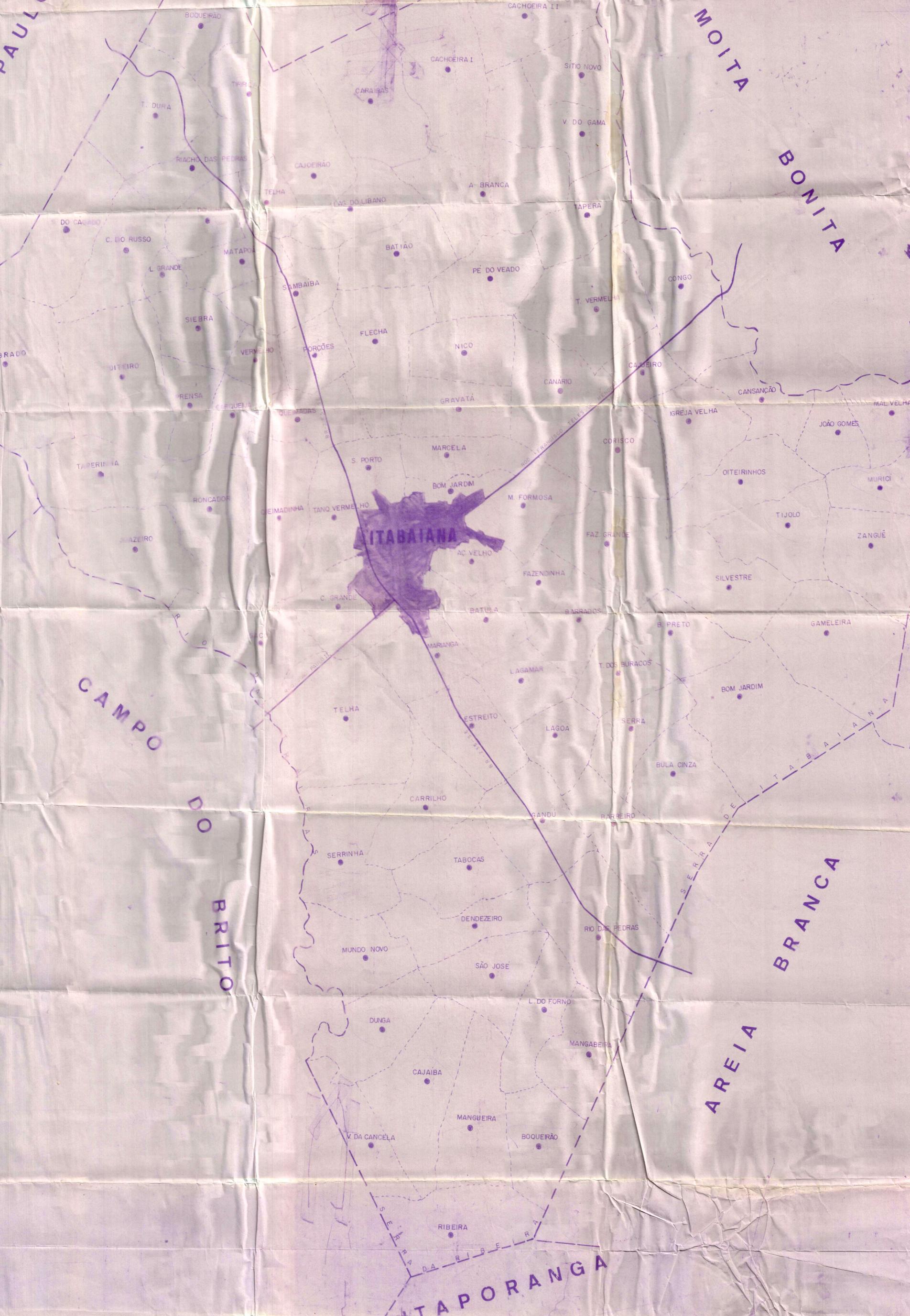
PIO DE ITABAIANA

RIBEIROPOLIS

PAULO

MOITA

BONITA



CAMPO

DO BRITO

BRANCA

AREIA

ITAPORANGA

ITABAIANA

- BOQUEIRÃO
- TIRIRICA
- T. DURA
- RIACHO DAS PEDRAS
- DO CAÇADO
- C. DO RUSSO
- L. GRANDE
- MATAPORA
- SIEBRA
- VERMELHO
- FORÇÕES
- FLECHA
- NICO
- GRAVATA
- MARCELA
- S. PORTO
- BOM JARDIM
- M. FORMOSA
- FAZ. GRANDE
- FAZENDINHA
- C. GRANDE
- BATULA
- MARIANGA
- LAGAMAR
- T. DOS BURACOS
- SERRA
- BULA CINZA
- CARRILHO
- GANDU
- BARREIRO
- SERRINHA
- TABOCAS
- DENDEZEIRO
- MUNDO NOVO
- SÃO JOSE
- L. DO FORNO
- DUNGA
- CAJAÍBA
- MANGUEIRA
- BOQUEIRÃO
- V. DA CANCELÁ
- RIBEIRA
- CACHOEIRA I
- CACHOEIRA II
- SÍTIO NOVO
- V. DO GAMA
- A. BRANCA
- TAPERA
- PÉ DO VEADO
- CONGO
- T. VERMELHA
- CAUZEIRO
- CANSANÇÃO
- MAL VELHA
- IGREJA VELHA
- JOÃO GOMES
- MURICI
- OITEIRINHOS
- TIJOLO
- ZANGUÊ
- CORISCO
- IGREJA VELHA
- SILVESTRE
- B. PRETO
- GAMELEIRA
- BOM JARDIM